

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

**ANA LUIZA WIEZZER SILVA
JEANINE MAGALHÃES DE LIMA**

**O RIO DE JANEIRO NO “MERCADO MUNDIAL DE CIDADES”: UM ESTUDO
SOBRE OS IMPACTOS NA COMUNIDADE TAVARES BASTOS.**

Rio de Janeiro

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

**ANA LUIZA WIEZZER SILVA
JEANINE MAGALHÃES DE LIMA**

**O RIO DE JANEIRO NO “MERCADO MUNDIAL DE CIDADES”: UM ESTUDO
SOBRE OS IMPACTOS NA COMUNIDADE TAVARES BASTOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Escola de Serviço Social da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do grau de
bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Rosemere Maia

Rio de Janeiro
2015

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a cada um dos professores e professoras do curso de Serviço Social da UFRJ que compartilharam conosco conhecimento e pelas importantes contribuições que se somaram ao presente trabalho.

Agradecemos o apoio caloroso e incondicional dos nossos familiares que vivenciaram a nossa rotina nos auxiliando em nossas batalhas enfrentadas durante todo esse tempo de universidade.

Queremos agradecer de forma particular à nossa orientadora, Professora Doutora Rosemere Santos Maia pelas diversas leituras, conversas e ponderações (e também as alegres gargalhadas!) que trouxeram clareza ao trabalho e maior segurança para nossa pesquisa.

Agradecemos, também, as participantes do grupo de pesquisa que nos ajudaram contribuindo com entrevistas e observações, e com uma ênfase especial a amiga Jéssica Rocha Silva que, mesmo depois de graduada, continuou na luta conosco.

Por fim, agradecemos a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para nossa formação.

Agradecemos e compartilhamos com todos esta monografia.

DEDICATÓRIAS

Aos meus amigos e amigas que de todas as formas conseguiram me ajudar nessa caminhada acadêmica ora buscando minha filha na escola, ora levando-a à escola. Aos que puderam permanecer com ela em minha ausência, aos que a distraíram para que eu pudesse ler e estudar. Aos meus familiares que também se revezaram em prol de minha caminhada. Aos professores que passaram por essa jornada e me presentearam com o conhecimento que tenho hoje, em especial a Professora Doutora Angela Maria Hygino Rangel, a quem muito agradeço o apoio e a amizade. A minha querida orientadora e amiga Professora Doutora Rosemere Santos Maia que me disponibilizou tempo e dedicação, além das boas horas de descontração. A grande amiga e supervisora Cristiane Capistrano com quem muito aprendi e muito admiro. Aos queridos amigos que fizemos na Tavares Bastos e que muito nos ajudaram. Sem vocês não existiria esse trabalho! Dedico à minha filha Ana Flavia Wiezzer e a todos vocês.

Ana Luiza Wiezzer

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais Martim e Francisca, minhas irmãs Jaqueline e Jislane, meus preciosos sobrinhos Marcus Vinícius, Murillu e Valentim meus melhores e maiores presentes. E, claro, ao meu amado noivo Yuri.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia, em especial a Prof^ª. Rosemere Maia pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Não posso esquecer de agradecer a colega e amiga Ana Luiza, que produziu comigo este trabalho.

Jeanine Magalhães

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de como a comunidade Tavares Bastos, situada no bairro do Catete, tem sido afetada, ao longo da última década, por intervenções que, em linhas gerais, buscam inserir o Rio de Janeiro no que se convencionou chamar de “mercado mundial de cidades”, tornando a cidade vendável e competitiva. É patente que o Rio de Janeiro vem sendo alvo de grandes transformações, onde uma nova concepção de cidade e de planejamento urbano vem redefinindo a cidade de acordo com os interesses do capital. A atual organização territorial e os processos econômicos, políticos, culturais e ideológicos que marcam a contemporaneidade alteram significativamente os fluxos e usos dos espaços da cidade, com tendência à (re) valorização de determinadas áreas, muitas delas – como o próprio bairro do Catete - marcadas, por anos a fio, pela obsolescência/degradação. As localidades de habitação popular, situadas em áreas valorizadas pelo capital imobiliário, têm sido o principal alvo dessas ações. Renovação, revitalização, reurbanização entre outros discursos respaldam a atuação do poder público, submetendo a população mais empobrecida a sérias violações de direitos. Muitas dessas áreas/comunidades populares também têm sido “cobiçadas” pelo mercado de turismo, o que faz de muitas favelas destinos de pessoas de todos os lugares do mundo, interessadas em experimentar o “exótico”, conhecer outras facetas que a cidade tem a oferecer. A comunidade Tavares Bastos vem, ao longo dos anos, passando por transformações, o que demonstra sua não imunidade a todos esses processos que ocorrem na Cidade. Isto posto, pretendemos através dessa comunicação analisar as intervenções que marcam a referida comunidade e o bairro do Catete, bem como seus impactos sobre o cotidiano dos moradores do morro, confrontando os diversos interesses que se colocam em disputa no que se refere à produção e uso do espaço urbano, onde se constata a expansão do fluxo de turistas, de novos investidores, confrontado com perdas significativas vividas pelos segmentos populares que, em muitas situações, não têm como se manter na área em função do aumento dos preços das moradias, dos serviços, além de toda sorte de violência e violação de direitos a que são submetidos cotidianamente. Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamo-nos de observações sistemáticas, pesquisa bibliográfica e documental, recurso material audiovisual e entrevistas, instrumentais que se mostraram fundamentais para o desvelamento de tão complexas relações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1- MERCADO DE CIDADES.....	12
1-MERCANTILIZAÇÃO DAS CIDADES NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO.....	14
1.1 – O RIO DE JANEIRO NO MERCADO MUNDIAL DE CIDADES.....	20
1.2 - MEGAEVENTOS – O DISCURSO SE FORTALECE.....	21
1.3 - PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	22
1.4 - ENOBRECIMENTO/GENTRIFICAÇÃO DE ÁREAS ESTRATÉGICAS.....	24
1.5 - ESTADO PENAL: MEDIDAS REPRESSIVAS/PUNITIVAS DESTINADAS AOS SEGMENTOS POPULARES.....	27
1.6 - A DESCOBERTA DA FAVELA COMO DESTINO TURÍSTICO.....	29
1.7 – UMA OUTRA VISÃO DA FAVELA.....	32
CAPÍTULO 2- UM PEDAÇO DENTRO DO MAPA.....	36
2 – O MULTIFACETADO BAIRRO DO CATETE.....	38
2.1- DE PALÁCIO A MUSEU – A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL PARA BRASÍLIA.....	42
2.2 - O CATETE PRESENTE.....	45
2.3 - O QUE É UM BAIRRO?.....	50
2.4– IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO ESPAÇO URBANO.....	52
2.5 – A CONFIGURAÇÃO URBANA DA CIDADE “MARAVILHOSA”.....	54
2.6 – UMA OUTRA VISÃO DO CATETE.....	56
CAPÍTULO 3 – A COMUNIDADE CINEMATOGRAFICA.....	59
3 - TAVARES BASTOS: UMA VISÃO GERAL.....	61
3.1 – OS ENTREVISTADOS.....	63
3.2 – FAVELA, COMUNIDADE OU BAIRRO?.....	68

3.3 – VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE.....	71
3.4 - O BOPE.....	73
3.5 – O BOPE E A COMUNIDADE TAVARES BASTOS.....	75
3.6 – OS SERVIÇOS EXISTENTES NA COMUNIDADE.....	80
3.7 – LIDERANÇAS E SERVIÇOS.....	83
3.8 – A FAVELA CINEMATOGRAFICA.....	85
3.9 – TAVARES BASTOS E O TURISMO.....	88
3.10 - O DESTINO DA COMUNIDADE NA VISÃO DOS MORADORES.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

INTRODUÇÃO

Aproximamo-nos da temática com a nossa participação na pesquisa de iniciação científica “Sob o discurso da beleza e da ordem: Política Urbana e criminalização da pobreza no Rio de Janeiro em tempos de mercantilização das cidades”, coordenada por Rosemere Santos Maia, onde discutimos questões sobre a nova concepção de cidade e de planejamento urbano que vem se impondo desde a década de 90 e os discursos recorrentes e legitimadores das ações do Poder Público, nas suas diferentes instâncias, que submete algumas políticas públicas/sociais à política de segurança na necessidade de adequação da Cidade aos novos tempos.

O presente trabalho é fruto de questionamentos que fazem parte do nosso cotidiano há algum tempo. No primeiro semestre do ano de 2014 nos conhecemos no grupo de iniciação científica do Núcleo de Cultura Urbana, Sociabilidade e Identidade Social (NuSIS)¹ a qual estávamos inseridas como pesquisadoras. Ambas elaboravam o projeto do trabalho de conclusão de curso, uma com um tema que questionava a eficácia das rádios comunitárias e outra abordando a questão da mobilidade urbana. Estávamos encontrando certas dificuldades nessa etapa. Em nossas idas a campo, entre entrevistas e observações, acabávamos sempre por conversarmos sobre as dificuldades encontradas em prosseguir com nossos temas escolhidos, ora por portas que se fechavam, ora pela resistência de alguns atores que não conseguíamos entrevistar, entre outras questões que nos desanimavam.

Devido a nossa convivência no grupo de pesquisa começamos a debater sobre as questões que se expressavam no bairro do Catete e percebemos que havia muito daquelas expressões que buscávamos em nossos temas anteriormente escolhidos. Ao conhecermos a comunidade Tavares Bastos, vimos ali a oportunidade de prosseguir com nossas indagações, com uma temática que foi determinante para a escolha de qual seria a nossa linha de pesquisa, a qual inicia-se agora com este trabalho de conclusão de curso. Diante todo esse processo que vem ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro - o qual muito pesquisamos, estudamos e

¹ Núcleo de Pesquisa "Cultura Urbana, Sociabilidade e Identidade Social", da Escola de Serviço Social da UFRJ, é um núcleo de pesquisa credenciado no CNPq, que tem a participação de professores e alunos em diferentes áreas de formação, onde os pesquisadores realizam análises sobre a construção social de valores, representações e práticas sociais estabelecidas no contexto urbano. Atuamos no núcleo através do subprojeto “Sob o discurso da beleza e da ordem: Política Urbana e criminalização da pobreza no Rio de Janeiro em tempos de mercantilização das cidades”, coordenado pela Prof. Doutora Rosemere Santos Maia. Além das questões urbanas, na qual atuamos, alguns temas como família, velhice, juventude, violência e consumo fazem parte das discussões teóricas e da pauta das questões sociais que se apresentam.

debateamos durante nossa permanência no grupo de pesquisa - a comunidade Tavares Bastos não permaneceu imune. Isso ficou visível para nós.

Na dificuldade de darmos continuidade aos nossos trabalhos individualmente escolhidos devido a inúmeros empecilhos que ocorreram durante nossa primeira etapa, concordamos em elaborar nosso trabalho de conclusão de curso juntas e para isso, decidimos pela temática a qual estávamos habituadas e de interesse de ambas. Nossa tarefa de unidas elaborarmos o trabalho de conclusão de curso se deu de forma amistosa, já que ambas estavam inseridas no mesmo grupo de pesquisa, com semelhantes indagações. Também já estávamos habituadas a trabalharmos em equipe, pois havíamos participado da preparação e apresentação do trabalho intitulado *“Intervenções urbanas, megaeventos e o futuro da Cidade do Rio de Janeiro segundo moradores e frequentadores dos bairros da Lapa, Catete e Glória”* na Jornada de Iniciação Científica/2014 e publicado na Revista do CFCH.

Em nossas visitas ao bairro do Catete conhecemos a comunidade Tavares Bastos - até então desconhecida por ambas. Em nossas abordagens aos entrevistados no bairro, algumas respostas obtidas nos levaram ao estranhamento das práticas que se davam no bairro, como a divisão entre os moradores – nós (asfalto) x eles (favela) e vice e versa – a extensa mobilidade do “asfalto” e o limitado transporte da comunidade, as relações entre moradores do “asfalto” e os moradores da “favela”, entre outras. Uma vez que já frequentávamos o bairro, começamos a nos aproximar dessas questões que se expressavam na localidade.

Ao mesmo tempo em que as dificuldades de nossa primeira etapa apareceram, outra possibilidade se abriu de forma grandiosa. Observamos que poderíamos enriquecer nosso trabalho tendo como recorte espacial a comunidade Tavares Bastos, uma comunidade que guarda em si uma especificidade. O presente trabalho busca analisar como a comunidade Tavares Bastos, situada no bairro do Catete, tem sido afetada por intervenções que buscam inserir o Rio de Janeiro na dinâmica do capitalismo internacional globalizado. Com essa nova concepção de cidade e de planejamento urbano que vem redefinindo a cidade de acordo com os interesses do capital, o presente trabalho busca analisar o universo dos moradores da comunidade Tavares Bastos no bairro do Catete sob os impactos dessa nova forma de gestão e uso do espaço que vem ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro.

Um dos aspectos fundamentais deste movimento é o processo de pacificação de favelas. Aprofundamos-nos no cotidiano dos moradores da Tavares Bastos durante nossas visitas ao local e pudemos observar que, diferente das outras favelas pacificadas na cidade do

Rio de Janeiro, a pacificação da localidade executada e permanecida pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) é um forte fator de segurança para os moradores, empresários e visitantes. De forma singular ao que ocorre no restante da cidade do Rio de Janeiro, onde a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) sob o discurso de oferecer perspectiva aos moradores e, conseqüentemente, dar uma resolução ao problema da violência gerada pelo tráfico - ocultando, assim, o controle do território por agentes estatais armados – grande parte dos moradores da Tavares Bastos se sentem seguros com a presença do BOPE e temem a saída do mesmo.

Os métodos por nós utilizados para o presente trabalho foram uma pesquisa bibliográfica e documental, recurso material audiovisual, observações sistemáticas e entrevistas e questionários com perguntas semiestruturadas. Partimos de uma reflexão a respeito da função da nova produção do espaço urbano, da cidade percebida como mercadoria, da reinvenção das cidades e da especulação imobiliária.

De início, chegamos à comunidade Tavares Bastos um pouco inibidas. Terminamos criando laços de amizade com moradores da comunidade que hoje passam por nós cumprimentando com um enorme sorriso e perguntando como está nossa pesquisa, quando vamos passar um dia lá para visitá-los com mais calma, entre outras indagações. Sempre muito bem recebidas, não tivemos dificuldades ao acesso ao nosso campo empírico para as observações sistemáticas e entrevistas com os moradores. Realizamos no total 42 entrevistas, sendo 17 entrevistas presenciais e um questionário online respondido por 25 moradores, das quais contamos com a ajuda de uma comerciante que criamos laços de amizade devido a nossas frequentes idas à comunidade e, no caso do questionário online, o consentimento de Kiko da Tavares, um dos líderes comunitários do local, para utilização da página do Facebook - tanto seu perfil pessoal como do Centro Comunitário Social Tavares Bastos - com a divulgação de nosso questionário online. Grande parte de nossos entrevistados, tanto os moradores como o subtenente que também nos concedeu uma entrevista, foram atenciosos e prestativos. Algumas resistências que encontramos vinham de certa timidez por utilizarmos gravadores – autorizado pelos entrevistados – onde preferiam colocar outro morador a nossa disposição a falar conosco. Após a entrevista, a maioria dos entrevistados continuava conversando e pontuando algo a mais sobre a localidade abrangendo nosso conhecimento sobre a comunidade. Curiosidades, cotidiano, dificuldades e costumes na Tavares Bastos se evidenciaram, também, através de conversas informais.

O presente trabalho é estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo discorreremos sobre as transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas e a atual situação da cidade na era da globalização inserida no conceito de Sánchez (2001) sobre a “cidade-mercadoria”. O segundo capítulo abrange o bairro do Catete, sua história e o momento atual, e o conceito de bairro. Adentramos o terceiro capítulo discorrendo sobre a comunidade Tavares Bastos, descrevendo nossas observações e as entrevistas feitas com os moradores sobre assuntos relacionados ao bairro, à comunidade, a segurança no local, ao turismo e à cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 1

Mercado de cidades

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
Gosto de você
Rio de Janeiro
Gosto de você

Rio, Rio de Janeiro cortado por montanhas,
mar e desespero
Rio, Rio de Janeiro cortado por montanhas,
mar e desespero

Cortado por favelas, balas, fuzileiros
Fuzileiros suicidas, dominantes das alturas
Guerrilheiros capitais
Guerrilheiros capitais

Formado um apartheid social que provoca o
Vazio preenchido pela droga na sociedade que
explora o consumo.
Além do cidadão

Rio de Janeiro
Gosto de você
Rio de Janeiro
Gosto de você

Rio, Rio de Janeiro cortado por montanhas,
mar gentil maneiro
Rio, Rio de Janeiro cortado por montanhas,
mar gentil maneiro

Metropolitano brasileiro que madruga sem
dinheiro. Carioca de origem
Que trabalha no sinal mas não metralha
Trabalha no sinal mas não metralha

Rio de Janeiro
Gosto de você
Rio de Janeiro
Gosto de você

Premiado pelo mundo simpatia tá na cara do
turista enlouquecido
Na beleza Guanabara
(...)

“Rio de Janeiro”, Anderson Lugão.

(...) a cidade é “um lugar privilegiado para a expressão de uma visão do mundo e de uma ideia de natureza humana”. (CHOAY, 1985 apud COSTA, 2010).

As mudanças ocorridas na economia no âmbito mundial – como o crescente processo de internacionalização dos fluxos de capital e de mercadorias e seus impactos na organização da produção, a presença significativa do setor terciário, as novas formas de produção e gestão da cultura atualmente tomada como mercadoria, dentre outras - caracterizado pela intensificação das relações econômicas, comerciais, culturais e política entre os países, associados à integração mundial na chamada “Globalização” vem modificando as formas da produção/gestão dos espaços urbanos. Para entender a cidade do Rio de Janeiro – e, conseqüentemente, o bairro do Catete, nosso campo empírico - partimos de uma reflexão a respeito da função da nova produção do espaço urbano, da cidade percebida como mercadoria, da reinvenção das cidades e da especulação imobiliária. No mundo contemporâneo o modelo gerencial difundido pelas cidades com o discurso da “revitalização” urbana como processo de valorização do espaço toma diferentes configurações evidenciando o impacto das transformações globais nos espaços urbanos.

1- MERCANTILIZAÇÃO DAS CIDADES NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO.

Desde a primeira metade dos anos 90, cidades do mundo inteiro vêm sofrendo alterações em decorrência das articulações entre os interesses globais com a finalidade da transformação das grandes metrópoles em um dado modelo de cidade. Dentro dos processos associados à chamada “globalização”, localidades do mundo inteiro vêm sofrendo grandes transformações advindas da gestão de seus administradores no intuito de inseri-las no circuito mundial de valorização sob uma nova perspectiva de adequá-las aos novos interesses econômicos na escala mundial. Para essa nova forma de administração, como respostas para o enfrentamento da crise fiscal – com o discurso da crescente incapacidade do Estado de atender às demandas cada vez maiores dos vários setores da economia e grupos correspondentes - que vem sofrendo as cidades, como também para o progressivo aumento das desigualdades socioespaciais do processo de desenvolvimento atual, gestores vêm adotando o chamado planejamento estratégico (o qual discutiremos mais adiante), na forma de reconstruir e/ou refazer as cidades repensadas pela lógica da forma-mercadoria. Este modelo de gestão advém da importação de modelos exitosos em outras localidades que acabaram sendo propagados pelo mundo todo como modelo a ser seguido independentemente de suas identidades e singularidades sociogeográficas e culturais. (Sánchez e outros. pg. 41).

Diversos são os acontecimentos que impactam nas transformações das cidades levando a um novo modelo de desenvolvimento. A nova dinâmica da economia mundial e os diversos agentes econômicos, mudanças geopolítica², mudanças socioculturais, entre outros vem transformando as políticas e seus instrumentos de legitimação. A lógica do capitalismo em sua fase atual exige das cidades transformações - estruturais, políticas, culturais - que atraiam investidores. Neste contexto, gestores e administradores urbanos necessitam se adequar a demanda exigida pela nova dinâmica econômica, social, cultural, política a nível mundial onde novos instrumentos de planejamento de gestão são colocados em prática para que as cidades possam triunfar na competição por “um lugar ao sol”. As cidades passam a competir tanto no âmbito mundial quanto dentro do próprio país. Para isso, o planejamento das cidades passa a ter a lógica empresarial e a cidade transformada em mercadoria. Como um negócio, a necessidade do planejamento estratégico para a venda de seu produto se faz na gestão das cidades.

Inspirado na gestão empresarial, o chamado Planejamento estratégico é um novo modelo liberal de planejamento de cidades baseado na ideia da cidade como uma empresa cujo objetivo é produzir renda, que, segundo esse modelo, a competitividade - competição entre lugares pela atração do capital internacional - é a questão da sobrevivência das mesmas. Para Sánchez (2001), para que as cidades atraiam investidores se faz necessária a construção de imagens de cidade pelo uso de técnicas publicitárias para vendê-la e inseri-la no mercado. Para a autora, nessa nova racionalidade do capitalismo, a produção do espaço urbano/social também é atingida na forma de uma reorganização territorial voltada aos interesses do capital onde as políticas urbanas são diretamente afetadas em suas formulações voltadas para as exigências da economia mundial. Para a efetivação desse novo modelo de gestão de cidades na forma “cidade-mercadoria”, se faz necessária a construção de uma imagem de cidade atrativa para novos investidores unido ao consenso social. Ainda segundo a autora, novas formas de dominação e técnicas de manipulação cultural são introduzidas para privilegiar os interesses econômicos, tecnológicos e políticos onde “o espaço toma forma também através

² Mudanças essas como a perda de peso relativo na produção e nas exportações do capitalismo central - dos Estados Unidos, da União Europeia e do Japão - para outros países e regiões do mundo, assim como a ampliação do peso do sistema até então periférico, além dos denominados BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), por sua maior escala, mas também de vários outros países como os novos membros do G20 (Rússia, África do Sul, Argentina, México, Turquia, Coreia do Sul, Arábia Saudita, Malásia e Austrália). Há que ressaltar também a capacidade científica e tecnológica de um conjunto de outros países (como China, Índia e Brasil) que vem se ampliando de forma significativa e que demonstram a ascensão desses países.

de representações e imagens adequadas, o que explica a importância que vem adquirindo o city marketing³ como instrumento das políticas urbanas.” (Sánchez, 2001, pg. 32)

Como apontado acima, as cidades vêm sendo “reinventadas” para integrarem a lógica mercantil mundial pela ação combinada entre Estado, organismos de caráter internacional – como exemplo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), Banco Mundial, entre outros - e empresariado com interesses locais combinada com a ação marqueteira da grande mídia (SÁNCHEZ, 2001). Dentro destas ações estratégicas, as construções simbólicas e materiais promovem as cidades para alcançar às exigências do mercado mundial e submetê-las aos interesses globais, tornando-as, assim, cidades-mercadorias. Assim a autora irá citar um tipo de modelo imposto para as cidades inseridas nesse mercado mundial, as “cidades - modelos”:

As chamadas “cidades-modelo” são imagens de marca construídas pela ação combinada de governos locais, junto a atores hegemônicos com interesses localizados, agências multilaterais e redes mundiais de cidades. A partir de alguns centros de decisão e comunicação que, em variados fluxos e interações, parecem conformar um campo político de alcance global, os atores que participam desse campo realizam as leituras das cidades e constroem as imagens, tornadas dominantes mediante estratégias discursivas, meios e instrumentos para sua difusão e legitimação em variadas escalas. (Sánchez, 2001, p.31).

Segundo a autora, para construir a imagem de “cidade - modelo”, dentro desta nova racionalidade capitalista, são inseridas novas técnicas de manipulação cultural e novas formas de dominação mediante discursos, promessas e por meios de difusão de uma imagem de cidade que atrai vultosos investimentos e, assim, potencializando a economia e reorganizando o território. Porém, a nova moldagem de cidade parece para os cidadãos apenas como resultado das ações dos gestores das cidades como se constituísse a partir da ação local, tanto de gestores quanto dos cidadãos, e somente depois, descoberta pelo mercado externo. Para Vainer (2003), este processo se dá na criação de uma ideologia junto à imagem de cidade onde “os cidadãos são convocados para se unir em um projeto único, unitário” (pg. 30), todos devem se unir para competir, o “patriotismo de cidade” deve se impor e todo conflito – teoricamente - deve ser banido, ignorando a cidade como lugar de diferenças, o espaço de conflitos. Aliado a isso, cria-se para os cidadãos a ilusão de participação da construção da

³ Como “city marketing”, a autora se refere a uma política estratégica de valorização das características mais importantes das cidades no intuito de atrair investimentos e tornar-se um lugar mais interessante ao capital, seja através do turismo ou mesmo industrialização, às escalas local e global como “um meio excepcional na busca de uma posição relativa de liderança da cidade perante outros territórios, para ser imitada” (SÁNCHEZ apud SÁNCHEZ, 1997, p. 108). Nas palavras da autora: “City Marketing constitui-se na orientação da política urbana à criação ou ao atendimento das necessidades do consumidor, seja este empresário, turista, ou o próprio cidadão” (Sánchez, 1999a, p.115)

cidade, onde, diante de um espetáculo para a criação da imagem da cidade e do patriotismo, formado por um forte sentimento de pertencimento, os cidadãos passam a ter uma participação contemplativa que se confunde com uma participação ativa.

Assim posto, os setores dominantes – gestores e empreendedores - criam estratégias no processo de construção de “cidades-mercadoria”, que vem fortemente apoiada pela mídia corporativista, onde os cidadãos recebem promessas de melhorias na cidade e na qualidade de vida que são fatores que reforçam a estagnação/contemplação/consentimento dos cidadãos no projeto de cidade almejado pelos interesses do capital. Esse processo é afirmado por Teobaldo (2010):

Os novos espaços urbanos promovidos internacionalmente como roteiros globais são cada vez mais comuns e produzidos através de um discurso único: promessas aos cidadãos da recuperação de uma suposta vida local, dotando os espaços públicos de melhorias da infra-estrutura, através de projetos envolvendo alta tecnologia. (Teobaldo, 2010, pg. 139).

A autora (2010) aponta que a estratégia da uniformização das cidades, como exigência da ordem vigente do mercado, com imagens repetitivas no discurso de competitividade das cidades acaba por simplificar as múltiplas identidades e formas de vida social. Essas imagens construídas para a cidade não reconhecem a possibilidade de outras imagens e outras leituras da mesma, assim, perdendo as diferentes expressões sociais.

A arquitetura do espetáculo está comumente inserida na noção generalizante de cultura, a serviço da integração social, da convivência e do lazer. Na cidade-mercadoria a cultura e a renovação urbana são ferramentas de valorização do solo que permite a ampliação dos movimentos nas áreas criadas com a proposta de espaço público, mas que, na realidade, nada têm de público. Os projetos destinados à cidade espetáculo são determinantes na reestruturação das cidades e sua inserção na economia global. (Teobaldo, 2010, pg. 142).

Essa lógica de mercantilização das cidades tende a tornar tais localidades como lugares “mundializados” com leituras impostas que determinam as percepções e as representações sobre o urbano. O processo de produção simbólica, uniformizada, assegura os discursos onde prevalecem os interesses dominantes. Para que esse discurso predomine é necessária a relação entre poderes – Estado, investidores e comunicação - pois, assim, segue a lógica de mercantilização das cidades embasadas novamente no discurso da competitividade das cidades. Segundo Sánchez:

Em determinadas circunstâncias, as representações sobre as cidades podem ser poderosas em suas consequências locais, regionais, nacionais e internacionais. Podem ter desdobramentos geopolíticos e econômicos que repercutem em variadas e simultâneas escalas. Devido a essa dimensão, não costumam ser pautadas pelos

parâmetros e objetivos definidos apenas pelas autoridades dos governos municipais. Para a sua elaboração acurada comparecem necessariamente saberes de experts provenientes de campos cada vez mais especializados. (Sánchez, 2001, pag. 40).

Publicitários, consultores em marketing, produtores culturais, conselheiros em comunicação e pesquisadores de mercado – os chamados “experts” (especialistas), que na gestão empresarial das cidades emergem como figuras centrais - são convocados a idealizar essa imagem da cidade a ser vendida num duplo sentido. De um lado para o mercado, onde estabelece uma imagem de cidade própria para o investimento, e, de outro, para a população que abraça a ideia de competitividade formada pelo o orgulho de pertencimento e o sentimento patriótico.

Neste novo modelo de gestão há uma exigência em relação aos representantes do poder local, de um perfil diferente do detido pelos políticos tradicionais, que além de uma boa administração, devem obter um bom poder de convencimento para com os cidadãos, além de uma competência técnica cercado de uma assessoria também competente possuindo assim, o objetivo de vendê-la. A cidade-mercadoria é conduzida não por governantes e sim por gestores. Dessa forma, Carlos Vainer (2010), sintetizou essa questão:

Submetida ao movimento espontâneo do mercado, a cidade deve funcionar como verdadeira empresa (Vainer, 2009), e como tal deve ser conduzida. Por conseguinte, e coerentemente, há que entregá-la a, sem hesitação e sem mediações, a quem entende de negócios: os empresários capitalistas. (Vainer, 2010, p.5)

Desse modo, Vainer (2010) irá relatar que a cidade se comporta como “cidade – empresa”, ou seja, a cidade ao se tornar mercadoria deve possuir atributos que atraia tanto investidores quanto consumidores tal como uma empresa. Para isso, os planejadores urbanos utilizam o que autor irá definir como o “marketing urbano”, isto é, a valorização das características específicas da cidade – como exemplo, no caso da cidade do Rio de Janeiro suas maravilhas naturais - mas, sem deixar de seguir os planos que acabam se repetindo em termos de modelo para que atendam aos interesses do capital transnacional.

(...) a venda da cidade é, necessariamente, a venda daqueles atributos específicos que constituem, de uma maneira ou de outra, insumos valorizados pelo capital transnacional: espaços para convenções e feiras, parques industriais e tecnológicos, oficinas de informação e assessoramento a investidores e empresários, torres de comunicação e comércio, segurança. (BORJA; FORN, 1996 apud VAINER, 2000, p. 79).

Assim, o marketing urbano torna-se uma peça fundamental para o planejamento estratégico urbano. Segundo Vainer (2000), o planejamento estratégico é adotado pelos

governantes, pois a cidade está submetida à mesma lógica que as empresas - a lógica caracterizada pela atividade econômica organizada, destinada à produção ou circulação de bens ou de serviços para o mercado - e dessa maneira, a mesma utiliza do marketing urbano, do discurso dos governantes e/ou gestores, os “experts”, entre outros, o que faz a cidade se inserir em um contexto de produtividade e competitividade urbana.

O autor irá relatar ainda que o planejamento estratégico é transportado da esfera privada para a esfera pública, ou seja, a dinâmica que antes era exclusiva do mercado, atualmente compõe também o espaço público que constitui o Estado, o qual promove e dá suporte para atender os investimentos privados em contraposição as reais necessidades da sociedade, principalmente a população menos favorecida.

A cidade-empresa cria então através de seus gestores, e de especialistas formas de atrair o olhar de seus "clientes", seus compradores e consumidores:

(...) tal como a constrói o discurso do planejamento estratégico, a cidade não é apenas uma mercadoria mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis.(VAINER, 2000, pg.83).

A cidade-empresa, como cita o autor acima, torna-se cidade de luxo, que é planejada e administrada para atender as demandas dos “clientes”, sejam eles consumidores ou investidores qualificados, e as necessidades da população menos favorecida, portanto mais vulnerável, não são priorizadas (VAINER, 2000). A exemplo, podemos citar as transformações que vem ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro para dar infraestrutura e suporte a realização de eventos esportivos, religiosos, musicais e de outras naturezas, os chamados “megaeventos”, os quais iremos relatar mais adiante.

Neste contexto, a cidade do Rio de Janeiro, a partir da primeira gestão de César Maia, em 1993, vem se transformando para suprir as necessidades desse novo modelo de cidade. E essa nova dinâmica é articulada por conjunto de novas orientações que traçam novos processos de planejamento estratégico. A necessidade de torná-la competitiva aos investimentos estrangeiros tomou alguns pontos específicos e estratégicos tais como intervenções pontuais, grandes projetos culturais e a realização de megaeventos esportivos como veículo de desenvolvimento, e esses, unidos à flexibilização da legislação. Tais estratégias são sintetizadas por Souza (2006):

O estilo empresarialista de planejamento e gestão tem sido simbolizado e implementado por meio dos chamados “planos estratégicos”. A finalidade do “empresarialismo urbano” é, na sua essência, facilitar a acumulação privada de

capital e reduzir as resistências da sociedade civil. Para tanto, vários expedientes são empregados: são introduzidos instrumentos que permitem a “negociação” pelo Estado, em troca de contrapartidas financeiras ou outras, de exceções pontuais (de gabarito ou uso do solo) em zoneamentos, assim realizando uma certa “desregulamentação” da gestão do uso do solo; “privatização” e “terceirização” da gestão do espaço urbano (“urban corporations” e congêneres); generosos incentivos fiscais são concedidos; farta infra-estrutura e outras vantagens são oferecidas aos investidores. (Souza, 2006, pg. 129)

1.1 – O RIO DE JANEIRO NO MERCADO MUNDIAL DE CIDADES

A marca que vem sendo criada e difundida por gestores e empreendedores a respeito da cidade do Rio de Janeiro prioriza áreas de maior visibilidade para novos investidores, munida de infraestrutura e serviços para a adaptação dos interesses do capital, o que também ocorre em outras cidades do mundo. Para Vainer (2011), entender que a ofensiva do pensamento neoliberal teve profunda influência sobre as políticas urbanas é o caminho para identificar a origem dos novos modelos de cidade e de planejamento urbano, o que, no caso do Rio de Janeiro “a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 constitui o desenlace de trajetória ao longo da qual uma nova concepção de cidade e de planejamento urbano se impôs entre nós.” (Vainer, 2011, pg. 01).

Esse “movimento” surge para resgatar para a cidade do Rio de Janeiro um papel estratégico no contexto nacional perdido (ou diminuído) em função da perda da capitalidade, (com a transferência da capital para Brasília, em 1960), e também com a ascensão de São Paulo como motor da economia nacional. Apesar da mudança da capital federal para Brasília, muitas sedes de grandes empresas estatais, universidades e instituições de pesquisa, assim como órgãos como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico mantiveram-se na cidade do Rio de Janeiro que nunca teve no setor industrial sua principal atividade econômica. Isso se alterou com a migração de grandes empresas para São Paulo ao longo das décadas de 80/90 e com o avanço do neoliberalismo, a partir do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) e o seu programa de privatizações e com a migração de grandes empresas para São Paulo ao longo das décadas de 80/90.

Para resgatar para a cidade do Rio de Janeiro novamente um papel estratégico no contexto nacional, a gestão da cidade do Rio de Janeiro dos anos 90, investiu fortemente em projetos com o discurso de melhorias na cidade, tais como padrões de conforto, segurança, reformulação do sistema de iluminação e sinalização públicas, soluções para os problemas de drenagem das águas pluviais e conversão adaptação das calçadas aos deficientes físicos, disciplina dos usuários através da renovação e ordenação do mobiliário urbano, entre outros. O projeto Rio-Cidade teve início na primeira gestão de Cesar Maia (1993-1997) e teve

continuidade na administração de Luiz Paulo Conde (1997-2001). Este projeto constituiu-se em uma intervenção urbana implementada na cidade do Rio de Janeiro, que se consagrou por condensar conceitos acerca do que viria a ser a "cidade moderna" a exemplo da cidade de Barcelona⁴.

Além da tradicional festa de Réveillon em Copacabana e o Carnaval, a cidade do Rio de Janeiro sedia eventos extremamente cobiçados pelos turistas que constam na agenda de grande porte da cidade, a exemplo do Rock in Rio, as visitas dos papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, a Eco 92, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), os Jogos Pan-Americanos, além de muitos outros eventos grandiosos como a Rio +20, em 2012, a Copa das Confederações, em 2013. Mas, é com a eleição da cidade do Rio de Janeiro como uma das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014 e sede dos Jogos Olímpicos de 2016 que SE fortalece o foco da produção global do espetáculo esportivo. A utilização dos megaeventos como discurso propulsor do desenvolvimento econômico, tem sido o principal argumento para que a cidade do Rio de Janeiro se transforme numa cidade atrativa para novos investidores. Associado a isso, também se enfatiza as maravilhas que a cidade tem a oferecer como sua beleza natural, os atributos dos cariocas (como a simpatia e cordialidade), a cultura do samba, entre outros, como o diferencial da cidade. Para além, a existência de um otimismo exagerado na busca de sediar esses megaeventos na cidade do Rio de Janeiro, reforçam essa imagem da necessidade de transformação em uma cidade estruturada para suprir a exigência de tais eventos.

1.2 - MEGAEVENTOS – O DISCURSO SE FORTALECE

Diversos são os discursos que embasam o processo de construção das “cidades-modelos”. Porém, atualmente, são amplamente voltadas para o âmbito da cultura. Assim, junto ao discurso das cidades-modelos - globalizadas e uniformizadas - emerge também a competitividade entre as localidades para sediar os megaeventos embasados em discursos patrióticos e de crescimento econômico que atraem elementos para o desenvolvimento urbano. Assim explicita Wanis se tratando dos aparatos urbanos de cultura sendo usados:

⁴ Barcelona, apesar de não ser a cidade originária do novo modelo de gestão – o planejamento estratégico de cidades surge já nos 70, com a crise do fordismo/taylorismo, na Inglaterra de Margaret Thatcher e nos EUA de Ronald Reagan - teve profunda influência sobre as políticas urbanas no projeto de cidade previsto para o Rio de Janeiro. Somente em 1986, a cidade de Barcelona conquistou o direito de sediar as Olimpíadas de 1992, mas, desde o início dos anos oitenta, já se percebia, pelo poder local, a possibilidade de realizar o megaevento como estratégia para empreender as intervenções urbanas formuladas desde 1976. O mesmo processo ocorre na cidade do Rio de Janeiro.

É nesse contexto que os megaeventos esportivos têm se tornado centro da disputa de poder no mercado internacional de cidades, utilizados como mola propulsora do desenvolvimento e da recuperação econômica. De abrangência global, sendo acompanhados de projeções midiáticas extraordinárias, as “coalizões de atores vinculados ao projeto olímpico percebem o megaevento como um espetáculo em escala mundial com vistas à promoção da cidade” (GOMES, 2012), entendendo-o como grande janela de oportunidades. (Gomes apud Wanis, 2012, pg. 03).

Para que uma cidade - ou país - seja selecionada para sediar um megaevento é necessário que se disponha de infraestruturas favoráveis para que tal evento se efetive. Isso dentro dos rigorosos critérios exigidos pelos agentes organizadores do mesmo. As exigências, em seu apanhado, referem-se à mobilidade, acessibilidade e segurança dos participantes do evento, onde a localidade sediadora deve fornecer um bom sistema de transportes – aéreos, rodoviários, ferroviários e marítimos - na locomoção dos usuários, de segurança pública, de hospedagem, entre outros. Com o esforço do capital privado unido aos grandes esforços dos diferentes níveis de governo – estadual, federal e municipal - o Brasil emerge, dentro deste contexto, no cenário mundial. E, juntamente, a cidade do Rio de Janeiro emerge como uma das principais cidades para sediar megaeventos.

Embasado no discurso dos megaeventos, que representam para as cidades uma vantagem concorrencial no mercado mundial, a gestão e planejamento da cidade do Rio de Janeiro vem durante as duas últimas décadas recorrendo ao planejamento estratégico com a finalidade de transformar a cidade em um lugar privilegiado para novos investidores. Para tal, a construção de um discurso que cada vez mais identifica o Rio de Janeiro como cidade preparada para sediar os megaeventos unido às articulações políticas e as estratégias territoriais consolidam essa nova gestão que privilegia os interesses do capital e transformando-a num instrumento de promoção e de transformação urbana.

1.3 - PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro carrega consigo uma imagem, constantemente reforçada, de “cidade maravilhosa”⁵, onde as belezas naturais, a cultura, o lazer, os esportes, e os grandes eventos se tornam atrativos em escala mundial. Porém, para tornar a cidade funcional as exigências do mercado internacional é preciso atender aos requisitos exigidos pela economia mundial. E é esse o discurso tomado pelo poder público em parceria com o setor

⁵ 1908 - Alcinha atribuída à cidade pelo jornalista e romancista maranhense Coelho Neto no artigo “Os sertanejos”, publicado no jornal “A Notícia” de 29 de novembro de 1908.

privado que vem como pretextos para as diversas intervenções urbanas, o que é fortemente marcado nos anos 90.

No período de gestão do prefeito César Maia (1992-1996) foram lançadas as bases para a adequação da cidade do Rio de Janeiro - implantação e promoção do empresariamento urbano - às transformações exigidas pela economia mundial. No ano de 1993, César Maia realiza um seminário intitulado “Rio-Barcelona: estratégias urbanas” o qual foi gerenciado pela empresa Tecnologias Urbanas Barcelona S.A uma empresa de consultoria presidida por Jordi Borja, ex-prefeito da cidade de Barcelona, cujo objetivo era conhecer detalhadamente essa experiência e analisar a viabilidade de sua reprodução no município (Compans, 2005, p. 184). A partir deste seminário, a supracitada empresa de consultoria, em parceria com a Firjan e a Associação Comercial, foi contratada para prestar serviços para a elaboração do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (PECRJ). Por metodologia foi utilizada a identificação de carências, tendências e as potencialidades da cidade com o foco em definir as áreas estratégicas e prioritárias visando as transformações da cidade pela parceria entre os meios técnicos e os políticos, e, assim, inserir a cidade do Rio de Janeiro nos circuitos da economia global. Com isso, sob a gestão do prefeito César Maia nos anos 90, é consolidada a elaboração do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, onde o ponto básico no planejamento estratégico são as ações e intervenções no espaço urbano, a exemplo da primeira etapa do projeto - Rio Cidade I - no quadro abaixo:

RIO CIDADE										
QUADRO RESUMO										
	GALERIAS PLUVIAIS (m)	ILUMINAÇÃO (postes)	ÁRVORES PLANTADAS	PAVIMENTAÇÃO DE RUAS (m²)	PAVIMENTAÇÃO DE CALÇADAS (m²)	DUTOS DA TOLERJ (m)	DUTOS DA LIGHT (m)	COLETORES DE LIXO	ABRIGOS DE ÔNIBUS	INVESTIMENTO (R\$ mil)
Bonsucesso	3.072	243	517	22.000	25.640	1.685	4.670	150	11	15.314
Campo Grande	4.703	298	1.122	60.741	28.856	6.560	27.230	233	2	23.344
Catete	1.290	396	211	31.000	42.666	-	-	37	1	9.883
Centro	478	232	234	40.630	54.730	504	-	83	-	13.451
Copacabana	2.980	366	372	107.000	66.601	-	-	234	30	22.366
Ilha do Governador	3.084	480	394	2.584	26.480	11.682	15.000	54	11	12.711
Ipanema	4.200	97	416	81.869	41.310	-	-	82	8	15.108
Leblon	777	467	561	25.000	27.800	15.978	3.770	121	8	10.950
Madureira	3.042	284	190	17.500	50.900	1.390	4.000	104	4	18.183
Méier	1.489	359	460	26.600	25.890	20.850	30.000	206	19	15.423
Pavuna	3.205	101	420	35.800	48.000	-	-	192	13	7.430
Penha	2.010	181	178	15.242	19.746	6.560	19.202	73	-	9.772
Tijuca	2.073	355	384	51.600	50.690	1.500	10.500	90	15	14.288
Vila Isabel	2.320	420	598	33.500	33.000	5.200	7.500	125	15	22.478
Botafogo	2.357	379	426	27.500	26.275	2.567	3.650	208	16	17.156
TOTAL	37.080	4.658	6.483	574.666	568.584	74.476	125.522	1.992	153	227.858

Quadro 1: Quadro de resumos do projeto “Rio Cidade I” [Fonte: <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/338.htm>, data de pesquisa 03/03/2015]

Sob o discurso da globalização e/ou dos megaeventos, o Rio de Janeiro vem sofrendo alterações ao longo de quase três décadas com o objetivo de tornar a cidade um local atrativo para novos investimentos. Essa nova forma de gestão de cidade onde os planejamentos estratégicos são voltados para intervenções urbanas, a partir do discurso de melhorias/benfeitorias, políticas urbanas elaboradas com o objetivo da reorganização da cidade e comprometidas com as demandas do capital tornam-se políticas excludentes e segregacionistas. Com o discurso da transformação urbana em prol de melhorias para a cidade associada à resposta a um período de declínio, a uma “nova vida” a cidade, o Rio de Janeiro vem passando por processos de “revitalização”, “reurbanização”, “renovação”, “reabilitação” e “requalificação”. A respeito da regeneração urbana, nas palavras do autor Mendes (2013):

[...] a origem do conceito e situando-o relativamente aos restantes fenômenos e processos “re” que decorrem como tendência no espaço urbano: reurbanização, revitalização, reestruturação, recomposição, renovação, reabilitação, requalificação etc. Todos esses conceitos têm subjacente a ideia de transformação urbana, independentemente do seu grau ou intensidade, e de melhorias (improvements) na vida urbana de uma forma geral; apesar disso, no caso da regeneração urbana, a ideia de improvement surge associada à de desenvolvimento funcional ao nível da visibilidade e autoestima ou ao nível da posição relativa de dado território numa hierarquia, como resposta a um período de declínio. (Mendes, 2013, pg. 34)

Para o autor, a regeneração urbana trata-se de uma nova política urbana com o objetivo de requalificar, com diferentes estratégias de intervenções, uma cidade já existente. Estratégias essas “*destinadas a potenciar os valores socioeconômicos, ambientais e funcionais de determinadas áreas urbanas.*” (Mendes, 2013, pg. 36).

Neste contexto, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em parceria com o capital privado e as outras esferas do governo, iniciam essa fase dos processos “RE”, posto a necessidade de valorizar a cidade, onde essas transformações significativas afetam o modo de vida dos cidadãos não somente em suas estruturas espaciais como também socioeconomicamente e culturalmente. Com isso, parte dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro vem sofrendo um processo de segregação no decorrer de várias décadas. Os principais fatores que contribuíram para esse processo são a expulsão direta dos moradores de locais focos de intervenções - seja por ação de programas voltados para a remoção de favelas ou a expulsão indireta em decorrência da legislação e taxação urbanas – e a especulação imobiliária.

1.4 - ENOBRECIMENTO/GENTRIFICAÇÃO DE ÁREAS ESTRATÉGICAS

O visível fenômeno da gentrificação que vem transformando a cidade do Rio de Janeiro vem se desenvolvendo há décadas. Este fenômeno tem como exemplo a mudança radical da natureza de países desenvolvidos da América do Norte e Europa ocorrido nas últimas décadas com discurso de valorização de áreas decadentes. A partir da crítica de Wacquant (2010) é possível compreender a utilização do conceito de gentrificação de forma oposta daquela utilizada pelo discurso burguês e da imprensa, associada aos aspectos positivos das transformações que opera. Para o autor, esse conceito utilizado pela classe dominante resulta de um objetivo onde *“seus pontos de vista e aspirações dominam a discussão pública e orientam igualmente as ações de políticos e governos.”* (Wacquant, 2010, pg. 53).

A reestruturação de espaços urbanos residenciais e de comércio ou o enobrecimento de bairros populares tem como resposta um aumento de custos de bens e serviços, o que dificulta a permanência de antigos moradores com renda insuficiente para se manterem nos locais dessas intervenções urbanas. Os espaços urbanos passam a serem cuidados pelo poder local em parceria com o setor privado ao mesmo tempo em que desqualifica a comunidade que antes o habitava, e tomam como necessário “revitalizar”, dar vida novamente – no que toca a questão da desqualificação dessas comunidades - como se não houvesse vida no local.

Apesar do processo de urbanização brasileiro apresentar diferenças significativas em relação ao mundo europeu e norte americano, a análise do autor sobre o processo de gentrificação – como vem ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro - acaba por repetir as consequências dessas diferentes localidades. Nas palavras do autor:

Quando pesquisadores da gentrificação ignoram as tribulações de residentes de classe operária deslocados por aluguéis cada vez mais caros, opções residenciais míseras e políticas de Estado que apoiam o desenvolvimento empresarial e o assentamento da classe média, eles estão seguindo o modelo geral de cegueira de classe dos pesquisadores urbanos, exatamente quando as desigualdades de classe se agudizam diante dos seus olhos. (Wacquant, 2010, pg. 53).

Quando se trata da realidade da cidade do Rio de Janeiro, casos de mudanças de perfil de renda decorrentes de retirada e substituição de população local, ligadas a operações urbanas de “renovação”, “requalificação”, “revitalização”, tem sido constantes nessa nova política urbana advinda dos planos estratégicos do poder local. Isto tem afetado de forma às vezes violenta com despejos forçados e remoções de comunidades inteiras levando a uma transformação social brutal.

Unido a essa regeneração urbana, a revalorização de lugares históricos vem sendo um dos recursos utilizados para que as cidades possam conceber a ideia de “revitalização” de áreas decadentes como forma de reativação/reabilitação desses locais e, assim, da economia local. O caso do Porto Maravilha é emblemático na cidade do Rio de Janeiro. O projeto foi estruturado com uma Parceria Público-Privada (PPP) com o apoio dos Governos Estadual e Federal. A recuperação dos espaços públicos da Região Portuária – área que abrange os bairros Saúde, Gamboa, Santo Cristo e as comunidades dos morros da Conceição e Providência - uma área de 5 milhões de metros quadrados, prevê projetos culturais financiados pelo Estado/setor privado. Essa transformação no espaço urbano da localidade se deu através de mudanças nas leis de zoneamento, assim, modificando os limites das edificações, como um aumento dramático das unidades de imóveis residencial e comercial do local. Como exemplifica bem o autor Gaffney:

No Porto Maravilha, empresas privadas de construção irão realizar uma reconfiguração espacial de cinco milhões de metros quadrados em parcelas de terra em localização central. A área será administrada pela iniciativa privada. Enquanto esses processos estão ainda em fase inicial, uma vez que o projeto do Porto Maravilha tiver sido iniciado, o acesso a serviços irá ocorrer através de mecanismos do mercado, enquanto as novas torres residenciais e distritos de consumo irão criar territórios globalizados de consumo em bairros historicamente pobres, porém com ricas tradições culturais. (Gaffney, 2013, pg.11)

A exemplo do que ocorre hoje na Região Portuária na cidade do Rio de Janeiro, podemos dizer que “o Porto Maravilha é um excelente exemplo de um projeto de gentrificação promovido pelo Estado que cria espaços de exceção” (Gaffney, 2013, pg. 12). A Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro foi, desde o início da ocupação urbana, caracterizada por formas de usos e habitações das classes mais empobrecidas, ligadas ao comércio de escravos e à habitação proletária. Atividades fabris, portuárias, dentre outras, caracterizavam o uso da localidade. A partir dos anos 1970, a Região Portuária passou a apresentar sinais de decadência de suas atividades e o desuso de suas instalações devido à mudança do papel dos portos, em consequência das novas formas de transportes de grandes cargas, como a dispensabilidade de armazenamento de produtos pelas novas opções de armazenamento, a exemplo dos containers. Desde então, tentativas de renovação no uso do espaço urbano do local como a refuncionalização do uso destes locais transformando-os em espaços culturais - como museus, locais de shows, passarelas fashions, cruzeiros, - privilegiando o setor turístico, vêm sendo adotadas pela Prefeitura. Atualmente, a unificação de propósitos das três esferas administrativas públicas de reorganizar o espaço urbano para novas modalidades de ocupação e uso em vistas a privilegiar as exigências do capital e a construção de unidades habitacionais direcionadas a um público qualificado e de edifícios

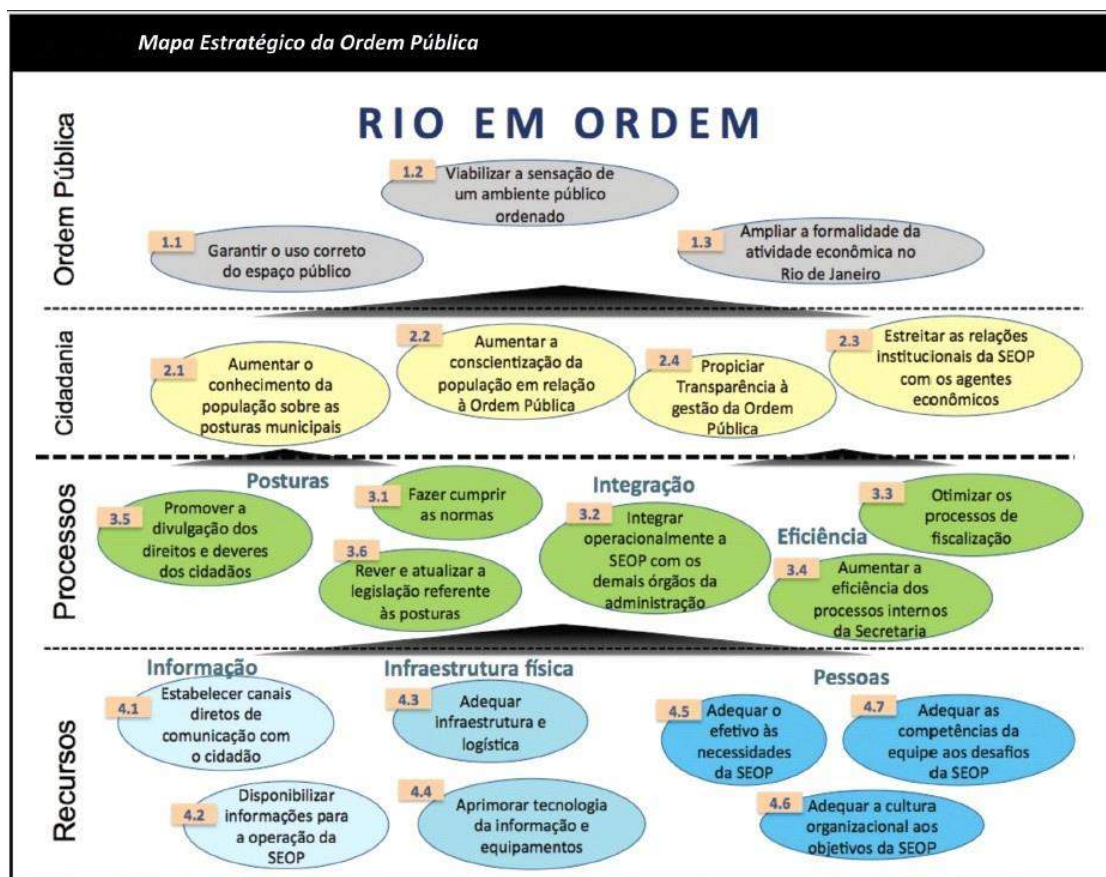
empresariais voltados à instalação de empresas ligadas ao terciário avançado, propôs um projeto de “revitalização” do espaço denominado “Projeto Porto Maravilha”. Sérios impactos e consequências deste projeto agravaram o quadro social e urbanístico da região. As comunidades residentes, vetadas da participação, tanto da elaboração quanto da execução desse projeto, tiveram suas casas removidas em decorrência do processo de transformação do local⁶. Além das “remoções brancas” de moradores dessas áreas da cidade onde há um encarecimento tal da área que a população que ali vivia se transfere para outras regiões por conta da impossibilidade financeira.

1.5 - ESTADO PENAL: MEDIDAS REPRESSIVAS/PUNITIVAS DESTINADAS AOS SEGMENTOS POPULARES

Partindo do ponto de vista do poder público da cidade do Rio de Janeiro, para que a “cidade modelo” seja de fato criada, ações pontuais foram planejadas para que se dê o objetivo de tornar a cidade semelhante à imagem que se criou. Para tal, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, tomando como exemplo a “política de tolerância zero” – experiência da política de segurança adotada por Nova Iorque entre 1994-2001 – criou políticas de ordem pública voltadas para “fazer uma limpeza” na paisagem da cidade. É possível observar as consequências das formas de controle social advindo das políticas de ordem pública voltadas para as classes menos favorecidas. Atualmente, o Rio de Janeiro das pacificações e das UPPs, da internação involuntária de dependentes de crack, da repressão violenta a manifestações pacíficas, conta com a Secretaria Especial de Ordem Pública – SEOP – que foi criada a partir do Decreto nº 30.339 de primeiro de janeiro de 2009. Em março de 2010, elaborado pelo corpo técnico da recém criada SEOP, o Plano Municipal de Ordem Pública é apresentado. Após a experiência de um ano das operações denominadas “Choque de Ordem” em 2009, a SEOP elaborou seus objetivos estratégicos que resultaram neste documento. Neste, o enfático discurso dos megaeventos respalda a necessidade das intervenções propostas no Plano. O Plano contém 4 fases: 1- restabelecimento da autoridade pública (Choque de ordem); 2 - planejamento estratégico da ordem pública; 3 – preparação da estrutura da SEOP; e 4 – Execução do portfólio de projetos do Plano. A segunda fase do Plano denomina-se “Ordem Pública e Espaço Público”, onde “como principal elemento da estratégia, foi elaborada a frase representativa da visão da Ordem Pública do Rio de Janeiro [...] capazes de comunicar a

⁶ Para mais informações: Dossiê Megaeventos e Direitos Humanos no Rio de Janeiro, acessado em: https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014_web.pdf

situação a ser atingida em 2016: “Rio em Ordem”. Para tal objetivo, a SEOP organizou seus objetivos estratégicos a serem atingidos em 4 perspectivas, duas de resultado (ordem pública e cidadania) e das internas (processos e recursos). A figura abaixo apresenta o mapa estratégico da ordem pública:



Quadro 2: Mapa estratégico da Ordem Pública [Fonte: Plano Municipal da Ordem Pública – PMOP (2011), data da pesquisa 30/10/2015]

O resultado dessas estratégias da SEOP são ações voltadas, prioritariamente, para os segmentos mais empobrecidos. Estas estratégias tem seu foco nas ações voltadas à repressão aos ambulantes e ao combate aos flanelinhas que acabam por criminalizar o trabalhador, assim como as ações voltadas ao programa Lixo Zero ou ao combate aos “mijões” que acabam sendo apenas ações paliativas, já que a infraestrutura não compensa a necessidade dos habitantes e visitantes do Rio de Janeiro. “Pobres, negros, favelados têm sido, neste sentido, os alvos preferenciais das investidas dessa “política de tolerância zero”, (Maia, 2013), onde o discurso de uma nova “ordem” na cidade se faz de maneira autoritária por parte do poder local. Atualmente, o foco das políticas urbanas na cidade do Rio de Janeiro é a organização do espaço público mesmo que essas ações para esse objetivo se oponham aos direitos sociais. No

processo de “limpeza” da cidade - a exemplo das medidas de segurança, combate aos usuários de crack, organização do comércio ambulante (a criação de “camelódromos”), recolhimento compulsório da população em situação de rua, combate aos flanelinhas, dentre outras – certo segmento da população vem sofrendo uma coerção por parte do Estado. Com suas práticas higienistas, o Estado intervém de forma arbitrária sem, em contra partida, criar alternativas e/ou sem a articulação com outras políticas, tais como políticas de geração de trabalho e renda, políticas de saúde voltadas ao combate do uso excessivo de álcool e drogas, etc.

Neste contexto, uma das mais polemica dessas ações dentro desse plano estratégico, são as pacificações de comunidades de baixa renda. O programa de pacificação do Rio de Janeiro foi elaborado pela Secretaria de Estado de Segurança que tem como objetivo recuperar territórios ocupados por traficantes (facções) e milicianos (quase sempre formados por policiais). O programa tenta promover a aproximação entre a polícia e a população mediado pelas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Dois departamentos da Polícia Militar que realizam o projeto da pacificação: o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), fundado em 1991 como uma tropa de elite para conflitos urbanos, e as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) criadas a partir de 2008 e que seguem um modelo de policial comunitário. As forças policiais também recebem o apoio das Forças Armadas em algumas ocasiões.

Em suma, o que se constata é que, para a cidade vestir a imagem a ela associada, legitimam-se políticas de segurança e de ordem pública/urbana nas quais ações violentas, excludentes, sustentadas pelo discurso de melhorias, valorização e adaptação da cidade numa escala global, do ponto de vista do poder local, se mostram necessárias para atingir os objetivos desse novo modelo de cidade.

1.6 - A DESCOBERTA DA FAVELA COMO DESTINO TURÍSTICO

O Rio de Janeiro tem sua imagem muito atrelada à violência das favelas. Tal quais os filmes de ação hollywoodianos, tiros e mortes são frequentes em localidades comandadas por facções do tráfico de drogas onde os conflitos pelos pontos de venda de drogas levam a uma intensa guerra.

Em uma tentativa de solucionar os problemas das favelas, nos anos entre 1994 e 2000, a Prefeitura do Rio de Janeiro teve como objetivo integrar a favela ao resto da cidade através de obras de urbanização estruturando-as com saneamento básico e acesso a equipamentos e mobiliários urbanos com o programa Favela-Bairro. Era o discurso da urbanização como uma possível solução para a questão social da favela pautado nos princípios do Plano Diretor da

Cidade, aprovado em 1992 - a não remoção das favelas e a transformação das favelas em bairros. Esse programa iniciou-se a partir de um convênio assinado em 1995 entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Município do Rio de Janeiro, “visando principalmente à urbanização, e, apenas complementarmente, à regularização urbanística e fundiária e ao desenvolvimento de programas de geração de emprego e renda” (Compans, 2003, pg. 47). Em muitos casos, essas foram intervenções que não passaram de maquiagens, em nada alterando a dinâmica das comunidades que passaram por tais intervenções, com o nítido intuito de disfarçar os problemas tanto para os moradores como para aos que, de alguma forma, turística ou midiática, percorrem o local. Além do programa Favela-Bairro, foram elaborados programas habitacionais como o Eco-Limites, o POUSO (Postos de Orientação Urbanística e Social, instalados em diversas comunidades carentes), entre outros no intuito de solucionar os problemas ligados à questão da favela. Porém, o problema da violência nas favelas continuou crescendo.

Para melhorar a imagem da cidade diante do mundo, medidas para conter a violência foram adotadas pelo poder local em articulação com o estado e o governo. Medidas como isolar as favelas com muros, convocar as Forças Armadas, a Polícia Militar para intervir nas comunidades, assim como o BOPE para os casos mais complexos de violência, principalmente a respeito do tráfico de drogas.

Dentro dessa proposta de imagem de cidade, no período de 1993 a 1996, na primeira administração do Prefeito César Maia, o Projeto Rio Cidade, cujo objetivo é resgatar a integração do cidadão com o espaço da sua cidade, integrou uma intervenção urbana implementada na cidade do Rio de Janeiro orientado no empreendedorismo urbano com forte influência das políticas aplicadas às cidades dos Estados Unidos e da Europa. A exemplo da cidade de Barcelona, este projeto previa o restabelecendo os padrões de conforto, segurança e disciplina dos usuários através da renovação e ordenação do mobiliário urbano. O projeto abrangia a reformulação do sistema de iluminação, a adaptação das calçadas aos deficientes físicos, reformulação de sinalização públicas, soluções para os problemas de drenagem das águas pluviais, entre outros.

Para a produção de uma imagem positiva da cidade, com o objetivo de ofertar os espaços no mercado e torná-los mais atraentes ao consumo mais elitizado foram selecionados, na primeira etapa do Projeto Rio Cidade, bairros do ponto de vista simbólico e de sua forte presença cultural e comercial, com objetivo de gerar efeitos imediatos, visíveis e exemplares. Porém, mesmo nestes selecionados bairros foram efetuadas intervenções em lugares de visibilidade como ruas centrais, locais culturais, espaços de grandes fluxos abdicando das

finalidades sociais e excluindo os arredores desconhecidos dos olhos do mundo, limitado-se a alguns trechos da cidade com o deslocamento da visão da totalidade da cidade ao fragmento das ruas. Também podemos destacar algumas obras de “embelezamento” nos bairros contemplados no projeto como o chafariz da Ilha do Governador, os mastros embandeirados em Copacabana, o obelisco de Vila Isabel, as esculturas em Madureira e no Méier além das obras de “maquiagem” as obras do “Programa Favela Bairro” inacabadas como na Vila Mangueiral, em Campo Grande e no Morro da Babilônia, no Leme, onde o reservatório inacabado virou foco de mosquitos colocando os moradores em risco.

O bairro do Catete – nosso campo empírico - foi contemplado na primeira etapa deste projeto. Modificação do traçado e níveis de ruas, criação de praças, renovação de espaços residuais, tratamento das calçadas, obras de drenagem, nova iluminação e sinalização, fiações aéreas embutidas na calçada, além do reflorestamento de áreas e sinalização especial das áreas de interesse histórico foram as intervenções urbanísticas da primeira etapa do Projeto Rio Cidade no bairro do Catete. A principal rua do bairro – a Rua do Catete, que conecta o centro da cidade com os bairros da zona sul – teve como principal intervenção a reformulação do eixo viário-comercial-histórico. Para tal, as intervenções efetuadas no bairro buscaram manter da memória do espaço histórico através de uma relação com a geometria do modernismo. Nas palavras de Jorge Mario Jáuregui⁷ – arquiteto responsável pela Requalificação Urbana da Rua do Catete do programa Rio-Cidade:

A reformulação viária proposta pelo projeto buscou impor limites à circulação de automóveis e favorecer o movimento dos pedestres. Foram modificados traçados de ruas e rótulas diferenciando o tratamento dos pisos, trabalhando com grandes superfícies de paralelepípedo paisagisticamente compostos e foi trocado o tipo de iluminação e a sinalização do lugar. Foi incorporada uma “nascente” como referência ao rio Carioca que passa embaixo. A reformulação do Largo do Machado, antigo lugar de encontro dos cidadãos na época em que o Rio era a capital do país, incorpora um lugar para manifestações de caráter artístico-cultural ao ar livre. A intervenção nesta praça inclui também a restauração do projeto paisagístico de Burle Marx, a previsão de estacionamento subterrâneo e a elevação do nível de uma das ruas laterais, incorporando-a ao domínio dos pedestres.⁸

⁷ Jorge Mário Jauregui é formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Rosário, Argentina. Vive no Rio de Janeiro desde 1978, onde tem o seu gabinete de arquitetura. É Arquiteto Urbanista pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre os seus principais trabalhos, todos na cidade do Rio de Janeiro, estão a Requalificação Urbana da Rua do Catete (programa Rio-Cidade) na zona Centro; o Mobiliário Urbano para a zona sul; um projeto para a Frente Marítima (Waterfront) e a Urbanização de mais de vinte favelas em diferentes locais da cidade (programa Favela-Bairro). Fonte: http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_jorge.html

⁸ Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/cidformal.html>

De fato, as intervenções urbanas do Projeto Rio Cidade no bairro do Catete não implicou necessariamente a busca de reconstituir o passado, mas de adequá-lo a modernidade. Lembrando que já no final dos anos 70, o bairro começou a perder suas características devido às obras do Metro.

Na comunidade Tavares Bastos – nosso recorte espacial - localizada no bairro do Catete em nada foi beneficiada com o Projeto Rio Cidade. Porém, em dezembro de 2000, o Batalhão de Operações Policiais Especiais - BOPE, uma força de intervenção da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), responsável por atuar em situações críticas, passou a ter sua sede em um antigo prédio abandonado no alto da comunidade, instalada pelo então governador Antony Garotinho. Desde o episódio a comunidade passa a ser conhecida como a favela mais segura da cidade do Rio de Janeiro, inclusive com destaque no Jornal The Guardian que chega a citá-la como um dos lugares mais seguros da cidade:

Forced into action by such a public challenge, the authorities agreed and by the end of the year the police had pushed the drug-runners out, and made the favela one of the safest districts in the city.⁹ (Forçadas a agir em vista desse desafio, as autoridades concordaram e no final do ano a polícia já tinha expulsado os traficantes e transformado a favela em um dos bairros mais seguros da cidade.)

1.7 – UMA OUTRA VISÃO DA FAVELA

No ano de 1996, o cantor norte americano Michael Jackson veio ao Brasil filmar algumas cenas para de um videoclipe onde o Pelourinho, em Salvador, e o Morro Santa Marta, na cidade do Rio de Janeiro, foram escolhidos como cenários para o clipe denunciava a indiferença do poder público e das elites as classes menos favorecidas. Segundo a autora Freire-Medeiros (2007), este fato deu o ponto inicial para o turismo nas favelas cariocas:

Desde esse episódio, muita coisa mudou. As favelas não apenas foram reconhecidas como destinos turísticos pela Riotur, mas o próprio poder público passou a promover diretamente o turismo no Morro da Providência (Freire-Medeiros, 2006). Isso não significa, por certo, que o estigma em relação às favelas e aos favelados tenha-se esvaído — ao contrário —, mas que certamente está em jogo uma outra política de visibilidade, para o bem e para o mal. (Freire-Medeiros, 2007, pg. 2)

Segundo a autora, para atender ao desejo da sociedade de consumo contemporânea, o mercado organiza-se de maneira a atender ao desejo de singularização e os serviços especializam-se na intenção de responder o desejo da comunicação das diferenças, o que engloba os serviços de turismo. Uma sociedade com gostos e expectativas muito diversas, “no processo, “inventa” o turismo dito alternativo, que transmuta em destino turístico localidades desprovidas dos atributos privilegiados no turismo”. (Freire-Medeiros, 2007, pg. 3)

⁹ <http://www.theguardian.com/travel/2007/nov/24/guardiansaturdayreview.riodejaneiro>

Ainda a autora, destinos a localidades em desvantagem econômica são alvo de do turismo que vendem participação e autenticidade. Os “tours sociais”, foram comercializados inicialmente pela Global Exchange, organização não governamental sediada na Califórnia, no início da década de 1990.

Rotulado como “turismo alternativo”, essa vertente do mercado turístico organiza experiências de viagem diversas que vai desde o ecoturismo às jornadas religiosas – as peregrinações – passando pelo turismo das manifestações e movimentos das minorias (como GLBT, Festa de Padroeiros, eventos afro-brasileiros, etc.). No que diz respeito à questão do turismo na favela, um segmento específico do turismo alternativo, cunhou-se o termo reality tour, onde criou-se “identidade distintiva fundamentada no suposto caráter autêntico, interativo e extremo do encontro que promove.” (Freire-Medeiros, 2007, pg. 3)

Para a mesma autora, o que atrai a procura por serviços para esse segmento específico do turismo alternativo é que:

No processo, a prática do turismo emerge inesperadamente em localidades que são reinventadas em suas premissas históricas e estéticas: as slums de Calcutá, os campos de guerra no Camboja, o Ground Zero em Nova York. O que estas localidades, aparentemente tão díspares, têm em comum que as torna capazes de atrair levas de turistas? Arrisco sugerir que seja a capacidade de mobilizar emoções intensas e extremas, que vão além do contemplativo e se sustentam a partir dos pilares da autenticidade e da auto-realização. (Freire-Medeiros, 2007, pg. 62)

A partir da década de 1990, as favelas do Rio de Janeiro passaram a se destacar como um atrativo turístico. Em setembro de 2006, a Rocinha foi incorporada aos pontos turísticos oficiais da cidade do Rio de Janeiro. Com o processo de pacificação das favelas da cidade, a partir de 2008, o turismo em favelas ganhou força, e, atualmente, é tido como um negócio rentável para as agências de turismo e uma realidade que já faz parte do cotidiano dos moradores.

Dados¹⁰ apontam a cidade do Rio de Janeiro como uma das mais violentas do Brasil, apesar de o Rio de Janeiro ser muito visitado por turistas do mundo todo, com uma alta taxa de mortalidade causada pela violência urbana, principalmente entre jovens negros de comunidades de baixa renda¹¹. E, como a cidade do Rio de Janeiro tem a particularidade da proximidade entre locais de moradia de diferentes classes econômicas, torna os conflitos urbanos mais destacados. Por isso, para as autoras Carvalho e Silva, as favelas cariocas sempre foram foco de um interesse do mercado voltado ao turismo tido como exótico, mas,

¹⁰ Dados retirados da “A anatomia da violência nas 5.564 cidades brasileiras” realizado em parceria com a Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), o Ministério da Saúde e o Ministério da Justiça, em: http://www.mapadaviolencia.org.br/publicacoes/Mapa_2008_municipios.pdf

¹¹ Dados em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_IHA2012.pdf

devido a característica violenta agregada as favelas, não faziam parte dos roteiros tradicionais do mercado do turismo. Depois da criação e instalação das UPPs em algumas localidades, “foi constatado um aumento no número de visitantes nas favelas, em sua maioria estrangeira.” (Carvalho e Silva, 2014) Percebe-se também que a especulação imobiliária é ativamente presente nas favelas. O discurso das novas condições de segurança elevam os preços de aluguéis e venda de imóveis nas favelas e atraem investidores imobiliários, assim como estrangeiros que optam por residir nessas comunidades.

Com o discurso de novos empregos e geração de renda voltada para a população própria das localidades, foco de novos investimentos, o estado junto às empresas privadas tornam favelas mercadorias para esse novo empreendimento. As consequências trazidas aos moradores das favelas cariocas neste sentido e junto à “pacificação” no Rio de Janeiro são um tanto diversificadas. De um lado, é a ocasião para novas funções no que se trata de um novo mercado consumidor: o turismo. Mas, é pela informalidade que, às vezes até submetidas às leis internas e informais das localidades, que se dá esse “ganha pão” dos moradores, enquanto empresas especializadas, ONGs e profissionais autônomos se encarregam de atropelar esse morador “empreendedor”.

No artigo “Entre tapas e beijos: A favela turística na perspectiva de seus moradores”¹², Freire-Medeiros relata que “o turismo na Rocinha beneficia economicamente um segmento muito específico e minoritário, não promove uma distribuição efetiva de lucros e as agências de turismo raramente estabelecem qualquer diálogo com as instituições representativas da localidade.” (Freire Medeiros, 2010, pg. 37) Mas, que, ainda assim, 84% dos entrevistados em sua pesquisa vê com simpatia a presença dos turistas mesmo não tendo nenhum ganho direto com o turismo na favela. De certa forma, os moradores das favelas encontram nesse setor do turismo uma forma de desmitificar o estigma associado ao local:

Se, muitas vezes, o interesse de ganho econômico em seu sentido mais amplo aparece como justificativa para uma valoração positiva do turismo por parte dos moradores, outras tantas vezes, porém, ser a favor do turismo significa apostar no suposto contraestigma possibilitado pela visita dos estrangeiros.” (Freire Medeiros, 2010, pg. 38)

Nesse mesmo estudo, a autora aponta que para as lideranças comunitárias não há rejeição ao turismo, mas há uma oposição à maneira como as agências de turismo tem atuado na Rocinha como destino turístico, a forma de apresentação da favela para o turista e a forma de como é que os lucros desse setor turístico estão sendo compartilhados. Semelhante é o que

¹² O artigo deriva das reflexões contidas nos projetos de pesquisa “Touring poverty in Buenos Aires, Johannesburg and Rio de Janeiro” (financiado pela Foundation for Urban and Regional Studies -FURS) e “Para ver os pobres: A construção da favela carioca como destino turístico” (financiado pelo CNPq).

acontece na favela Tavares Bastos. O local, apesar de não ser um ponto turístico oficial da cidade do Rio de Janeiro, é muito procurado por cineastas e produtoras de filmes, além dos turistas, que levam a imagem das favelas cariocas para o mundo. Muitos dos nossos entrevistados alegam que as equipes de produção de filmes, novelas, curtas-metragens, entre outros, pagam/doam certa quantia em dinheiro para executar seus trabalhos cinematográficos no local¹³. Porém, diferentemente da Rocinha, essa verba não é direcionada a agências de turismo, e sim para a associação de moradores, assunto esse que trataremos mais adiante.

Procuraremos retratar a seguir o bairro do Catete - onde se encontra a pequena comunidade Tavares Bastos, objeto do nosso estudo - na conjuntura das profundas alterações decorrentes das novas formas produção e uso do espaço na cidade do Rio de Janeiro e o conceito de bairro.

¹³ Apesar de alguns moradores lucrarem com o aluguel de suas residências, com participação como atores dessas produções, venda de seus produtos para as equipes de produção, entre outros, parte dos entrevistados garantem que uma taxa é paga para a associação de moradores lidera pela Dra Martha da Conceição Costa.

CAPÍTULO 2

Um pedaço dentro do mapa

Catete

*Desembarcar do metrô
sair da estação
e tomar um café no Catete.
Observar transeuntes,
os vens e os vãos,
ruas e calçadas despertadas,
abarrotaadas de tanto amanhecer.*

*E como não perceber os mercados,
as plantas nas janelas,
o movimento dos carros,
o caminhar dos idosos
e das moças preguiçosas
arrastando os pés?*

*E, de viés, como não se render
ao aroma suave dos restaurantes,
ao bate-papo nas bancas de jornais,
aos hotéis, menestréis e tudo mais?*

*Retornar ao metrô,
embarcar no trem
e deixar para trás o Catete.
Porém, feito um flerte,
recomponho meu olhar apaixonado
e desembarco no Largo do Machado...*

Como já dito no capítulo anterior, a cidade vem se reinventando para atender as demandas de seus investidores e “consumidores”. Essas transformações vêm alterando o cotidiano e a rotina de seus habitantes, que devem se “adaptar” as mudanças necessárias, como o “caos” instalado nas ruas da cidade devido à realização de grandes obras de infraestrutura, remoções de famílias e comunidades de seus locais de moradia, entre outras, para que o projeto seja colocado em prática.

Neste contexto, o bairro do Catete na cidade do Rio de Janeiro tem assistido a profundas alterações decorrentes das novas formas produção e uso de seu espaço. O Catete das mansões de nobres e da sede da Presidência da República, atualmente concentra um forte comércio misturado aos seus inúmeros restaurantes, desde os mais caros e refinados até as lanchonetes de comida rápida. O Catete dos sobrados da belle époque carioca, hoje comporta grandes condomínios misturados a vilas e cortiços. Ainda este bairro multifacetado mistura a modernidade a um “que” de nostalgia. E, é dentro desses vários “Catetes” que se encontra a pequena comunidade Tavares Bastos, objeto do nosso estudo.

2 – O MULTIFACETADO BAIRRO DO CATETE

“Que bairro é esse, que, mesmo vizinho de tantos famosos como a aristocrática Laranjeiras, o monumental Aterro do Flamengo, a bucólica Santa Teresa e a charmosa Glória, consegue ter brilho próprio? Como definir esse pedacinho de terra com umas poucas ruas que, mesmo espremido entre tantos ícones da paisagem urbana carioca, preserva sua identidade intacta? Que espécie de magia há nesse lugar, dividido entre o frenesi comercial do Centro da cidade e a vocação turística da Zona Sul? Afinal, o que é o Catete?” (Jorge Lasperg)

O Catete é um bairro da zona sul do Rio de Janeiro criado oficialmente em 23 de julho de 1981. É adjacente à Glória, a Laranjeiras, Santa Teresa e ao Flamengo e compõe a IV Região Administrativa. Falar do bairro do Catete nos remete, quase que automaticamente, a um momento da história do Brasil. Ao Palácio do Catete como sede da República, ao suicídio de Getúlio Vargas, ao Rio de Janeiro como capital do país, fatos marcantes da nossa história. Hoje, esse bairro tradicional da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, mistura o passado com o presente.

O bairro possui inúmeros sobrados e prédios históricos ou arquitetonicamente relevantes como o Museu da República que foi sede do Governo da República do Brasil e residência oficial do Chefe de Estado. Situado, também, no bairro do Catete, o Largo do

Machado se destaca como importante polo da região, rodeado de restaurantes, floristas, comércio formal/informal, colégios e uma estação de metrô.

A palavra Catete, originária da língua Tupi, é a “contração de Caá (mato) e Etê (verdadeiro, importante): Mato Fechado” (Almeida, 1935) e correspondia a um braço do rio Carioca que, contornando o outeiro da Glória, desembocava no mar. Passos, em um trecho de seu livro, assim descreve:

“A Praia da Saudade não perdeu a denominação, apesar da parte irregularmente povoada, que se chamou Rua da Azinhaga, no caminho para a Praia Vermelha. Este, a princípio, partia da Lapa, atravessando a glória, o bairro do Catete, nome derivado de um afluente do Rio carioca, que deságua no Flamengo, e a Praia de Botafogo, para, nos meados do século XIII, ser apenas a ligação do bairro de Botafogo com a Praia Vermelha: a atual Rua General Severiano, que também, nas proximidades do antigo Hospício, se denominou Rua da Azinhaga.” (Passos, 1965, pg. 100).

A região começou a ser habitada ainda no período colonial, mais precisamente em meados de 1575, devido ao difícil acesso ao, atualmente, bairro de Botafogo - onde as terras eram boas para o plantio de cana-de-açúcar - para facilitar a produção do açúcar que fez com que Antônio de Salema, governador na ocasião, teve a iniciativa de construir uma ponte sobre o Rio Carioca, hoje a atual Praça José de Alencar, qual foi a primeira ponte da cidade, a chamada Ponte de Salema. Da Ponte de Salema até o Largo do Machado, existia somente um caminho que era chamado Catete. Ainda, Passos:

“Por terra, ia-se da cidade, pelo caminho que mencionamos, até chegar à ponte de madeira, nas proximidades do desembarcadouro do Rio Carioca. É a Ponte do Salema, mandada construir pelo Dr. Antonio Salema, governador do sul, para facilitar a indústria do açúcar. Quem quisesse prosseguir, tinha o Caminho Velho, atual Rua Senador Vergueiro, e o Caminho Novo, atual Rua Marques de Abrantens.” (Ibidem)

Ainda sobre a Ponte de Salema, o autor Gerson (2000) narra:

“Mais antiquíssimas já eram então as suas origens, que datavam da segunda metade do Quinhentismo, quando governava a Capitania o Dr. Antonio Salema, português descendentes de mouros, segundo Gustavo Barroso. Antes dele talvez já existisse. Ele, porém, deu-lhe maior serventia, integrando-a melhor na vida dos colonizadores como passagem obrigatória para o engenho de açúcar d’El Rei, que tinha fundado na lagoa depois chamada Rodrigo de Freitas. E como cruzasse ela o braço principal do Rio Carioca no campo que é hoje Praça José de Alencar, nele, mandou construir uma ponte, que por Ponte de Salema ficou conhecida, e que, várias vezes reformada ou substituída por outra nova, ainda estava de pé em 1866, com cobrança de pedágio para quem quisesse atravessá-la. Mais tarde, no Seiscentismo, chácaras e olarias principiaram a aparecer às suas margens, as chácaras porque suas terras eram boas e olarias principalmente porque água em abundância havia bem perto, no outro braço do rio, o menor, que saindo do futuro Largo do Machado vinha contornar o Outeiro para desemborcar no mar dos limites da Glória com o Flamengo, depois de passar por baixo de uma ponte de madeira na Ladeira da Glória. Ali ele não era mais da Carioca, e sim do Catete ou também do Cateté, como constavam nas escrituras do

século XVII descobertas nos arquivos municipais por Felisberto Freire.” (Gerson, 2000, pg. 257).

E, ainda:

“Ponto de encontro do Catete e do Flamengo, das Laranjeiras e de Botafogo, a Praça José de Alencar sempre se chamou Largo do Catete (ou a Ponte do Catete), porque era nele que estava a Ponte do Salema, de que aqui já se falou, substituída por outras até a época de Passos, que foi quem nela converteu o Carioca num riacho subterrâneo.” (Ibidem, pg. 276)

Durante a reforma realizada na cidade na administração de Francisco Pereira Passos, o braço do Rio Carioca, o rio Catete foi canalizado.

O Largo do Machado, ainda guarda nostalgia e mantém muito da sua origem, como a identidade arquitetônica e características da boemia do Rio Antigo. Para relatarmos sua origem, em meados do século XVIII, recorremos novamente a Passos:

“O Largo do Machado era, na época, que procuramos descrever, em parte, um pântano de área maior do que a praça dos nossos dias, pois abrangia a embocadura da rua das Laranjeiras e a Praça José de Alencar. Denominava-se Lagoa da Carioca. Um dos caminhos para Botafogo lhe serviam de margem.” (Passos, 1965, pg. 101).

Ainda sobre o Largo do Machado:

“Um dos moradores mais antigos foi um senhor Machado, proprietário de um sítio e de um açougue, no mesmo local, na época em que se acabava de aterrar, definitivamente, o pântano. A princípio aludia-se ao “Açougue do Machado”, depois “Campo do Machado”, e, finalmente, após a construção da Igreja de Nossa Senhora da Glória, em 1872, ao Largo do Machado.” (Ibidem)



Figura 1: Largo do Machado. Pintura de Russel [Fonte: http://rio-de-janeiro-desaparecido.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html, data da pesquisa 17/04/2015]

Com a chegada da família real no Rio de Janeiro, em 1808, a paisagem da cidade começa a ser amplamente transformada. Para que se desse o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, ações como aterramento de rios, o nivelamento de terras e construções de inúmeros sobrados, mansões e palácios se destacaram nessa transformação da cidade.

Entre 1860 e 1866 foi construído por Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, o denominado Palacete do Largo do Valdetaro, ou Palácio das Águias. O Palácio foi residência do Barão de Nova Friburgo de 1866 a 1869. Em 1889, Antônio Clemente Pinto Filho, vendeu o palácio a um grupo de investidores de uma companhia de hotéis. E antes mesmo de ser instalado um hotel no Palácio, o maior acionista da Companhia do Grande Hotel Internacional, Francisco de Paula Mayrink comprou o Palácio.

É no século XIX que o bairro do Catete é marcado pelo adensamento populacional. Nas palavras de Carvalho, *“além de receber levas de imigrantes que ali instalam serviços e comércios diversificados - especialmente nos segmentos de moda e de movelaria, o bairro vai aos poucos se tornando preferência de personagens ilustres e mais abastados.”* É nesse momento que o bairro começa a ser habitado por ricos comerciantes, barões, condes, políticos e artistas.

Em 1896 o Palácio foi adquirido pelo Governo Federal para ser sede da presidência da República. Para receber os presidentes e sediar o Governo Federal, o Palácio passou por uma reforma interna e externa, executadas pelo engenheiro Aarão Reis, por pintores e pelo paisagista Paul Villon, responsável pela remodelação dos jardins. Na ocasião da reforma, as águias de ferro que eram um dos símbolos do edifício, foram substituídas por estátuas que representavam a “República”, a “Agricultura”, a “Justiça”, o “Outono”, o “Verão”, o “Inverno” e a “Primavera”. Em 1910 as estátuas foram novamente substituídas por harpias, como mostra na figura 2:



Figura 2: Fachada do Museu da República [Fonte: <http://museudarepublica.museus.gov.br/banner-principal/exemplo-004>, data da pesquisa 24/04/2015]

2.1 - DE PALÁCIO A MUSEU – A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL PARA BRASÍLIA

O bairro já foi um dos mais nobres da cidade devido sua importância política para o Brasil. O bairro se tornou importante após o Palácio do Catete se tornar a sede do governo federal em 1897. Em 1960 a sede do poder executivo foi transferida para a, então recém-inaugurada, cidade de Brasília. Após a transferência da capital da cidade do Rio de Janeiro para Brasília o bairro entrou em certa decadência. Nos narra este fato a autora Carvalho:

“Antes caminhos fundamentais para a zona sul, as ruas do Catete, Pedro Américo e Bento Lisboa tornam-se apenas vias de acesso opcionais, fato que muitos moradores perceberam como sinal de perda de importância do bairro na cidade. Outro golpe o surpreenderia na década seguinte: a transferência da sede do governo federal para Brasília, em 21 de abril de 1960, com a transformação do antigo Palácio presidencial em Museu da República e a progressiva desvalorização do bairro. Para culminar entre 1975 e 1981, as obras de construção do metrô impõem um cotidiano caótico ao Catete: enormes buracos foram abertos nas calçadas, o trânsito foi desviado em vários trechos, 55 casas, além de uma escola e a estação de bondes do Largo do Machado, foram demolidas; outras tantas casas foram desapropriadas; muitas lojas comerciais fecharam.”(Carvalho, 2007,pg.13)



Figura 3: Presidente Juscelino desce pela última vez as escadas do Palácio do Catete rumo a Brasília, nova Capital federal. [Fonte: Acervo Arquivo Nacional, data da pesquisa 05/05/2015]

Desde então o Catete tem vivido o que muitos cariocas percebem como um processo de decadência. A transferência do poder, a saída de habitantes ilustres para bairros em expansão na zona sul, o aumento do número de imigrantes (principalmente nordestinos e do interior do estado), o empobrecimento de boa parte dos moradores e comerciantes, tudo isso pareceu concorrer para que o antigo caráter aristocrático do bairro do Catete cedesse lugar a modos de vida mais heterogêneos e menos nobres, sobretudo a partir da década de 1960.

Apesar de conseguir manter parte de sua história na arquitetura do bairro até os dias atuais, algumas de suas construções foram, gradativamente, sendo substituídas por novas edificações. O Catete sofreu diversas mudanças no decorrer do tempo. O mercado imobiliário atuando nessa área vem promovendo a demolição dos imóveis já existentes, unido as obras e reformas que descaracterizam esses antigos imóveis acaba por dificultar a preservação do patrimônio histórico do local. Com a chegada do Metrô no bairro, símbolo de modernidade, de avanço, o Catete foi se descaracterizado ao longo dos anos. A construção do metrô foi um dos fatos que mais abalou este espaço urbano. A Estação Catete foi inaugurada em 1981 e é uma das estações para transferência entre as Linhas 1 e 2 do Metrô.



Figura 4: Rua do Catete e Largo do Machado interditados para a construção do metrô em 1977. [Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=521496&page=7>, data da pesquisa 07/05/2015]

Na década de 80, os problemas do bairro do Catete, como falta de policiamento, deterioração do patrimônio público, camelôs, população em situação de rua, obras inacabadas e sujeira nas ruas levam o bairro para as páginas dos jornais cariocas agora com diferente teor das notícias do tempo de seu período áureo. Notícias de jornais com chamadas como “O Caos se instala no Catete”¹⁴, “Mendigos, sério problema nas ruas do Catete”¹⁵, “Terreno no Catete serve de esconderijo de ladrões”¹⁶, entre outras, surgiam com frequência. Neste contexto, moradores se mobilizam e criam a Associação de Moradores e Amigos do Catete e Praia na tentativa de dar voz aos habitantes do bairro.

No final dos anos 80, assustados com o processo de transformação urbana que aos poucos extinguiu sua identidade cultural, os moradores do bairro procuraram o Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC) para que este elabore um plano de preservação daquele espaço urbano. Em 1991, uma equipe técnica formada por um grupo de arquitetas¹⁷ deu início a um minucioso trabalho denominado Projeto “Espaço da República” que tinha como objetivo a criação de uma Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) para o bairro do Catete e parte do bairro da Glória. Em 1994, concluído os estudos, a proposta foi encaminhada à

¹⁴ Jornal O Globo. 14 de Junho de 1983, Jornais de Bairro, pg. 6.

¹⁵ Jornal O Globo. 02 de Dezembro de 1986, Jornais de Bairro, pg. 2.

¹⁶ Jornal O Globo. 21 de Abril de 1987, Jornais de Bairro, pg. 7.

¹⁷ A equipe técnica composta pelas arquitetas Ana Maria Graça Couto e Myriam Maia Corrêa Geoffroy, coordenada pela arquiteta Andréa Albuquerque Garcia Redondo.

Câmara Municipal na forma de um Projeto de Lei, porém, sem voto, o bairro do Catete continuou sofrendo uma série de ações cada vez mais prejudiciais à preservação das suas características históricas.

O bairro do Catete é um dos espaços urbanos que sempre se apresentou como foco de interesse para estudos do patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Durante todo o século XX, o bairro vivenciou momentos socioeconômicos bastante divergentes. Desde a riqueza durante a República à decadência quando da transferência da capital federal para Brasília. E, de fato, com a implantação do metrô que promoveu o desmantelamento das características do bairro. Devido a necessidade de preservação desse Catete tão histórico, 13 anos depois o projeto é retomado para a criação da APAC do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), que, unido as manifestações de seus moradores solicitando a adoção de medidas preservacionistas focado no território do bairro do Catete, resultou no Decreto nº 25693 de 23 de agosto de 2005¹⁸ assinado pelo então prefeito César Maia e complementado pelo DECRETO N.º 28222 DE 26 DE JULHO DE 2007¹⁹. A apresentação do projeto salienta bem essa relevância do bairro como região de valor histórico:

“Desde o início da urbanização da cidade, ainda na segunda metade do século XVI, suas terras se configuravam como caminho para as terras de engenhos de açúcar na hoje Zona Sul; durante o século XVIII, seus caminhos tomam maior importância para o acesso a fortificações estabelecidas na orla, para a defesa contra invasões estrangeiras; durante o século XIX, as áreas vão se tornando locais para estabelecimento de apazíveis e nobres chácaras; com o advento da República, tudo passa a girar em torno das decisões políticas que governam o país. Assim, os bairros do Catete, da Glória e Flamengo se tornam regiões que demonstraram sua relevância para a nossa história.” (Projeto “Espaço da República” – DGPC/DIP, 1994)

E ainda:

“Os bairros do Catete, Glória e Flamengo são, portanto, parte viva e testemunha indissociável da história do Rio de Janeiro e do país. O reconhecimento da importância cultural pelo poder público é consequência da luta de seus moradores pela preservação a sua identidade cultural.” (Ibidem)

2.2 - O CATETE PRESENTE

Hoje, o Catete é uma região com mais de vinte mil habitantes, com um forte comércio que não deixa a desejar. Misturados aos ruídos deste bairro de trânsito intenso, entre buzinas e freadas, o jardim do atual Museu da República se torna um refúgio onde recebe cerca de três mil pessoas por dia que, além de trazer conhecimento, proporciona momentos de lazer. O bairro vem apresentando cada vez mais valorização imobiliária, seja pela sua privilegiada

¹⁸ Na íntegra em: http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac/anexos/decretos/decreto_25623.pdf

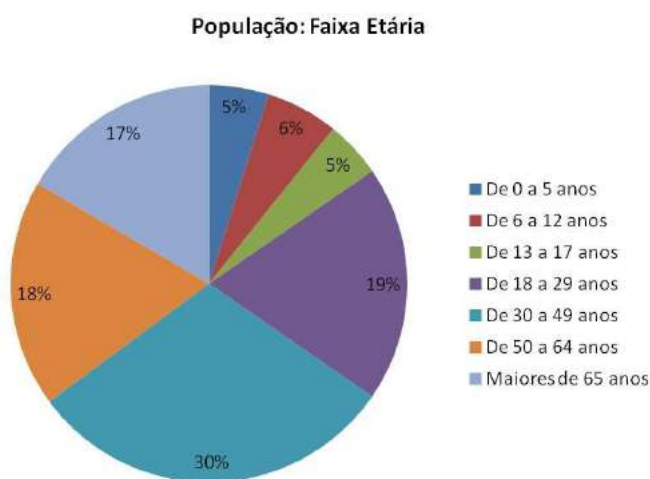
¹⁹ Na íntegra em: http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac/anexos/decretos/decreto_28222.pdf

localização ou pela retomada do resgate histórico do bairro. O bairro do Catete conta com uma área de 68,10 hectares.

Conforme o censo 2010, o bairro do Catete abriga uma população de 24.057 habitantes distribuída entre 10.639 habitantes homens e a população feminina, 13.418 habitantes, sendo essa população composta de 55.78% de mulheres e 44.22% de homens.

Faixa etária da população do bairro do Catete, segundo os dados do Censo 2010 é majoritariamente composta de pessoas entre 30 e 49 anos. Poucas crianças abaixo dos 5 anos de idade e jovens entre 13 e 17 anos podem ser observadas nos dados. Os dados²⁰ foram agrupados nas faixas etárias de 0 a 5 anos, 6 a 12 anos, 13 a 17 anos, 18 a 29 anos, 30 a 49 anos, 50 a 64 anos e maiores de 65 anos:

Gráfico 1:



Fonte: Censo IBGE 2010, por Ana Luiza Wiezzer e Jeanine Magalhães

Atualmente, o bairro conta com várias agências bancárias, casas de câmbio, albergues, hotéis, empresas de engenharia e de exportação, um vasto e diversificado comércio varejista, comércio informal, supermercados, uma estação do Metrô e várias linhas de ônibus que passam pelas ruas do bairro, e que o liga a vários outros bairros da zona sul e do centro. O bairro ainda conta com dois museus - o Museu da República e o Museu do Folclore -, dois

²⁰ Número aproximado devido ao cálculo de porcentagem.

cinemas, centros culturais e inúmeros restaurantes. Duas comunidades fazem parte do bairro do Catete: as favelas Tavares Bastos e Santo Amaro.

No Largo do Machado, há uma instalação que serve para a castração gratuita de cães e gatos, realizada pela SEPDA, a Secretaria Especial de Promoção e Defesa dos Animais, com a finalidade de diminuir o abandono de animais na rua. O local conta com o ponto de partida das vans que transportam visitantes para o Cristo Redentor. Para o lazer, a praça, bastante movimentada durante todo o dia, por conta do comércio, da estação de metrô, das paradas de ônibus, também bastante frequentada por idosos, conta com inúmeros banquinhos e mesas para jogos como dama, xadrez e carreado, além da pracinha com brinquedos para crianças. Aparelhos para exercícios físicos também se encontram no local. Há alguns eventos como feiras de livro, de adoção de animais e de artesanato.

Ainda sobre o Largo do Machado, pode se dizer que muitos o identificam como um local destacado do bairro do Catete. Reconhecido como ponto de referência por delimitar os bairros do Catete, Laranjeiras e Flamengo, cadastrado na Prefeitura do Rio de Janeiro como um subcentro do Catete, o Largo do Machado é visto por muitos como uma localidade distinta. Na fala, nas placas indicativas, nos endereços comerciais podemos perceber como o Largo do Machado tem uma posição diferente de uma simples praça dentro de um bairro. Devido à sua localização especial, a área está sempre muito movimentada e muito viva, com um aspecto e individualidade tão peculiar que alguns identificam o "Largo do Machado" como um bairro.

Sendo o Catete um bairro da Zona Sul, ainda assim, ele possui características que se assemelham muito à região central da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de contar majoritariamente com uma população de classe média, se caracteriza por uma mistura de diferentes camadas sociais. Marcado pela existência de numerosas pensões familiares e estudantis e pela vida boêmia, não podemos deixar de ressaltar as atividades culturais no Catete que também caracterizam o bairro que um dia foi sede de diferentes sociedades carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro.²¹

²¹ Foi fundado, no bairro do Catete, o rancho de carnaval "Ameno Resedá" o mais famoso de todos os ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro. O desfile de um rancho era como um cortejo de um rei e uma rainha, ao som de uma marcha que vinha com muitos instrumentos e ritmo parecido com o samba, mas um pouco mais pausado. O "Ameno Resedá" empolgou os carnavais cariocas até 1941. "Destemidos do Catete", "A Flor do Abacate" e "Corbeille de Flores" também foram ranchos, blocos e cordões fundados pelas sociedades carnavalescas do bairro do Catete.

As favelas localizadas no bairro do Catete – Tavares Bastos e Santo Amaro – divergem muito em sua atual conjuntura. Uma livre do tráfico de drogas desde o ano 2000 e a outra segue com a violência advinda do tráfico de drogas mesmo com as tentativas de pacificação. A favela Tavares Bastos, recebeu em dezembro de 2010 o BOPE no alto de sua localização sendo a primeira favela do Rio de Janeiro pacificada. Desde então há um sentimento de segurança por parte dos moradores da localidade e do restante do bairro do Catete no que se refere à favela Tavares Bastos. Seguindo o oposto no quesito pacificação, a favela Santo Amaro continua convivendo com o tráfico de drogas, apesar do acesso principal dessa favela – Rua Pedro Américo – abrigar a 9ª Delegacia de Polícia (interditada desde março de 2014, sem previsão para reativação). Segundo o Sistema de Assentamento de Baixa Renda (SABREN), sobre a origem da favela Santo Amaro *“a rua Santo Amaro surgiu em 1852, quando as terras da Chácara do Conselheiro Amaro Velho foram parceladas. Como este parcelamento resultou em lotes estreitos e profundos, os proprietários ocuparam apenas a faixa próxima à rua, deixando toda a parte de encosta vazia, o que propiciou a invasão da área, durante a década de 1940. Nos anos 1960, já existiam na área cerca de 76 moradias sem luz elétrica. A partir de então, com a chegada dos imigrantes da região Nordeste e do estado de Minas Gerais, a ocupação se consolidou e se estendeu até chegar à conformação atual. Existe uma área dentro da comunidade denominada “condomínio”, destacando-se por suas características peculiares, pois seus lotes foram comprados e a ocupação se deu de forma planejada, seguindo uma planta prévia. Os moradores do “condomínio” se destacam pelo seu melhor poder aquisitivo, o que reflete no estado das construções e no conforto das habitações.”*²² A ocupação da favela Tavares Bastos ocorreu aproximadamente em 1931, em um terreno que pertencia a uma antiga fazenda, o que nos aprofundaremos no próximo capítulo já que a localidade é o recorte espacial deste trabalho.

Ainda hoje o bairro do Catete sofre com inúmeros problemas como falta de segurança, alagamento em dias de chuva, o descaso e abandono do bairro pelo poder público, “arrastões”, entre outros. No dia 19 de Maio de 2012, o jornal O Globo²³ apresenta uma matéria sobre o programa de combate ao Crack do Rio de Janeiro onde cita o Largo do Machado como ponto de venda de drogas e que 91,1% dos moradores dos bairros do Catete, Flamengo e Glória citavam a presença da população em situação de rua e os usuários de drogas como os maiores problemas da região. No ano seguinte, este mesmo jornal²⁴, traz uma matéria sobre pessoas

²² SABREN disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html>

²³ Jornal O Globo. 19 de Maio de 2012, Matutina, Rio, página 16

²⁴ Jornal O Globo. 07 de Março de 2013, Matutina, Rio, página 10

eletrocutadas devido aos alagamentos no bairro do Catete. A revista Circuito – Largo do Machado²⁵ traz uma matéria com o título “Descaso e abandono no Catete” onde denuncia as obras inacabadas por parte do Poder Público ao antigo imóvel que abrigou a Faculdade de Direito da antiga UEG (atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro), que funcionou a partir de 1943. Hoje, podemos encontrar até nas redes sociais, perfis²⁶ denunciando o caos que há atualmente no bairro do Catete.

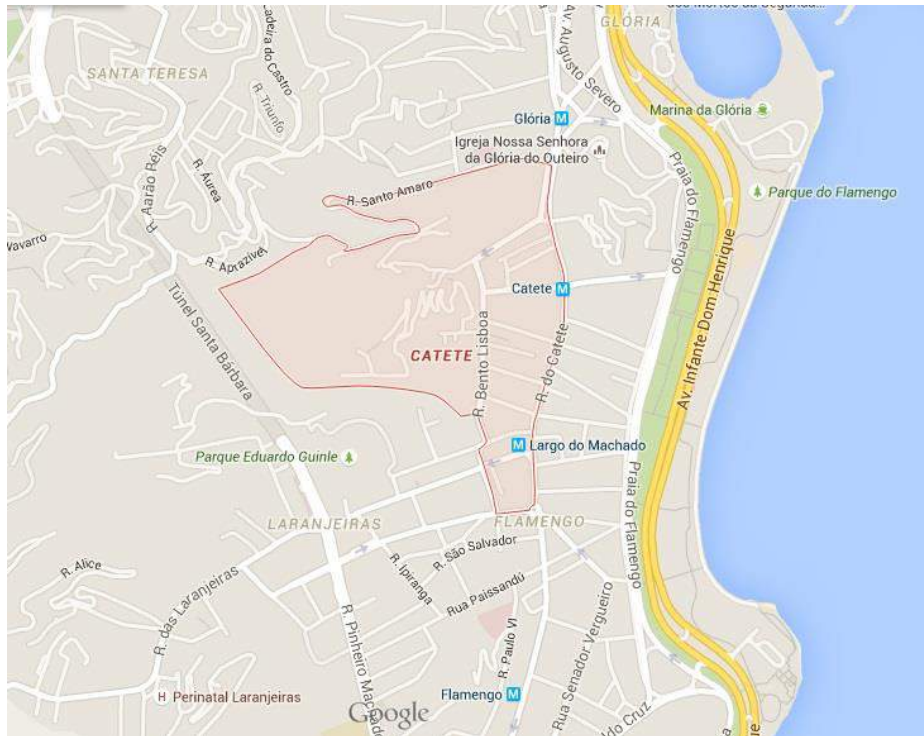
Após apresentar uma breve história do bairro do Catete, desde sua origem até os dias atuais, se faz necessário abordar o conceito de bairro, pois, em nosso trabalho em campo notamos controvérsias em relação aos limites do bairro onde podemos perceber que existe uma percepção diferenciada dos moradores e frequentadores do bairro como – vale ressaltar – a questão da quadra separada pela principal rua do bairro, a Rua do Catete, onde há uma rua mais prestigiada, o lado praiano de Silveira Martins, que fica de frente a orla marítima e identificada como bairro do Flamengo, onde parte dos moradores/frequentadores define-a como parte do bairro do Catete, e parte identifica como bairro do Flamengo. Moradores da supracitada quadra costumam identificar essa área como bairro do Flamengo, já que o mesmo carrega consigo um maior status, pois o bairro do Flamengo não abriga comunidades/favelas/ocupações, abrange pontos turístico de muita visibilidade como o Aterro do Flamengo destacando-se o maior cartão-postal do Rio de Janeiro, que é a vista do Pão de Açúcar, o Castelinho do Flamengo do arquiteto Gino Copede e, além disso, a Avenida Rui Barbosa, no bairro, já foi um dos endereços mais nobres da cidade do Rio de Janeiro. Em nossas conversas com moradores percebemos que alguns a tem como pertencente ao bairro do Catete, porém, pela divisão administrativa da cidade do Rio de Janeiro, esta quadra pertence ao bairro do Flamengo.²⁷

Essa e outras questões a respeito de determinadas localidades nos faz recorrer aos estudos sobre o conceito de bairro. Até onde vão os limites e as fronteiras de um bairro? Que lugar é esse que podemos caracterizar como bairro?

²⁵ Circuito – Largo do Machado, Descaso e abandono no Catete. Disponível em <http://www.circuitolgodomachado.com/#!historia-56/cm59>

²⁶ Como exemplo, há um perfil criado no Facebook denominado “Eles não amam o Catete” onde postam fotografias do descaso, abandono, falta de segurança e outros problemas do bairro. Url: <https://pt-br.facebook.com/ElesNaoAmamOCatete>

²⁷ Delimitação do bairro do Flamengo, Código 015, segundo o Decreto No 5.280 de 23 de agosto de 1985.



Mapa 1: Mapa do bairro do Catete [Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9273219,-43.1824491,16z?hl=pt-BR>, data da pesquisa 05/05/2015]

2.3 - O QUE É UM BAIRRO?

“O bairro é uma forma de organização concreta do espaço e do tempo na cidade. Forma cômoda, importante, mas não essencial; mais conjuntural do que estrutural. O bairro seria a mínima diferença entre espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e os centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e o outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaços quantificados, o lugar onde se faz tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais, etc.) em espaço comum, quer dizer, geométrico.” (Lefebvre, 1971)

Vastas são as concepções e definições de bairro. Diferentes conceitos podem ser defendidos, sejam por geógrafos, arquitetos, sociólogos entre outros, conforme suas perspectivas urbanísticas, sociológicas, físico-territoriais ou administrativas em suas diferentes formas. Percebemos, segundo as pesquisas feitas sobre o tema com diferentes autores de diferentes áreas, certa dificuldade em sua definição. Se recorrermos às definições de dicionários, em sua grande maioria, conceituam o bairro simplesmente como uma divisão territorial. Nos dicionários etimológicos encontramos a seguinte definição: Do Árabe BARRI, “exterior, arrabalde, próprio dos arredores de uma cidade”. Contudo, para entender o bairro não podemos apenas pensá-lo como um espaço físico delimitado, calcando-se no domínio de cunho político administrativo, e com suas funções específicas, mas pensá-lo sobre um aspecto

subjetivo, como um lugar de vivência por seus moradores em suas relações de solidariedade e de confrontos, cotidiano vivido e sentido, de relações sociais. Se tomarmos o bairro apenas como uma subdivisão de uma cidade ou localidade omitiremos sua identidade própria onde seus habitantes compartilham um sentido de pertencimento. O bairro é, também, um espaço que expressa a dinâmica da vida urbana.

Os bairros nascem de formas diferenciadas. Pelo desenvolvimento de certa localidade (ao redor de uma fábrica ou de centros comerciais), pelo devir histórico ou por uma decisão administrativa do estado. Porém, o sentido de pertencimento a um bairro carrega consigo um simbolismo bastante forte do ponto de vista cultural. Suas tradições e práticas emergem e se revelam a partir das relações estabelecidas por seus moradores. Por se tratar de uma realidade social, Halley (2013), ao falar sobre os laços de afinidade que se desenvolvem em um bairro e do princípio que o bairro é uma porção do espaço vivido e sentido, separa as distintas definições, as administrativas daqueles que se sentem pertencentes:

“Observa-se, assim, a dimensão simbólica e subjetiva que o fragmento urbano carrega consigo na geografia humanista cultural, sendo compreendido como uma porção do espaço caracterizado pelas sociabilidades engendradas no seu interior e pelas particularidades que o individualiza. Outro aspecto diz respeito à ausência de coincidência entre os limites administrativos do poder municipal e àqueles delimitados e tomados como verdadeiros pelo sentimento coletivo dos moradores.” (Halley, 2013, pg. 5)

Ao se tratar do conceito de lugar, numa perspectiva onde lugar é definido por e a partir de apropriações afetivas que decorrem dos anos de vivência unido a experiências atribuídas às relações humanas, na compreensão da realidade social, o conceito de bairro pode ser descrito como uma unidade menor onde a intensidade da vida cotidiana da população urbana se realiza e se manifesta com importantes movimentos da sociedade local. Assim, o mesmo autor nos coloca:

“O sentimento de pertencimento ao espaço de vivência centra-se nos aspectos da vida do bairro (a conversa na calçada, o encontro na igreja, os debates diários nos mercados, bodegas e padarias, a intimidade social e as pequenas rixas entre os vizinhos, o jogo de bola das crianças etc.), consistindo num terreno mais ou menos comum para todo conjunto de indivíduos, sobretudo no que tange à trama densa de um bairro. Esta entendida como o ponto convergente de múltiplas práticas, imbuída de características simbólicas próprias, constituindo-se uma referência vívida para toda uma coletividade, tal qual é a rua ou o quarteirão onde se mora. Desse modo, a vivência íntima em alguns bairros, acontece na rua com os vizinhos, mas também na área mais densamente habitada, onde há maior presença de relações sociais conduzidas pelos enredos do lugar.” (Halley, 2013, pg. 19).

E, quando esse mesmo autor trata da perspectiva do bairro numa dimensão diferente de apenas “um espaço físico delimitado, com suas formas e funções específicas, mas como um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores” com

suas relações socioculturais dentro deste espaço, como um conceito de lugar de um espaço vivido e sentido, considera o bairro *“como um lugar, cujos moradores demarcam seu “ir” e “vir”, desde a rua onde se mora, passando pelas calçadas, esquinas e quarteirões mais próximos, até encontrar o “coração” ou a trama densa do bairro”*. (Halley, 2013, pg. 2)

Este sentimento de pertencimento que ocorre nos bairros identificados pelos moradores como “seus”, pode ter uma variação de conceitos e significado entre os diferentes meios sociais. Para o autor Gonçalves (1998):

“A relação ao espaço e a significação do bairro variam profundamente de um meio social para outro: para uns, é ao nível da unidade de vizinhança que se organiza toda a vida e que se estabelecem as redes de relações; para outros, o bairro é um ponto de referência que permite a inserção em diversos grupos organizados localmente, por exemplo, em organizações culturais, paroquiais e recreativas locais para certas franjas de classes médias; para outros ainda, o bairro é avaliado a partir da inserção do alojamento num meio envolvente considerado de qualidade, embora as relações criadas e os serviços utilizados sejam escolhidos independentemente do critério da proximidade espacial. Por conseguinte, as expectativas em relação à vida dos bairros diferem e as solidariedades não se desenvolvem necessariamente de maneira privilegiada com base espacial.” (Gonçalves, 1988, pg. 24)

Ainda, conceito de bairro enquanto apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social e cultural, para o mesmo autor *“o bairro define-se através do vivido e do agir social, consolidando-se a partir da sua história. O bairro é, pois, polissêmico e não rigidamente delimitável.”* (Ibidem). De acordo com o autor:

“Por outro lado, se a significação atribuída ao bairro não é a mesma para todas as pessoas, o interesse pelo bairro pode concretizar-se, para uns, numa tomada de consciência dos problemas globais e numa responsabilidade acrescida, enquanto que para outros pode acentuar um comportamento de retraimento e de enquistamento, o que reforçará a política daqueles para quem o bairro não tem valor em si e não passa dum peão no xadrez que se joga a outra escala.” (Gonçalves, 1988, pg. 30)

2.4 – IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO ESPAÇO URBANO

“O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar “um sentido de lugar”. Estas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre ele, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar.” (Tuan, 1983).

Como já dito, definir o conceito de bairro é uma tarefa bastante complexa. Se recorrermos a uma perspectiva administrativa, teremos a definição em limites físicos, espaciais, pois, assim, facilita o controle administrativo dos serviços públicos. Assim, convém que se

delimitem territorialmente as áreas para fins de controle administrativo. Para o autor Bezerra (2011):

“Entendemos que a divisão administrativa faz-se necessária porque é a partir destes limites que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado ou assistido pelo órgão gestor; e os limites subjetivos fazem-se necessários porque, a partir da coletividade, é que as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único.” (Bezerra, 2011, pg. 27).

Porém, ressaltar que o bairro é também um espaço de representação da vida nos leva a outra perspectiva sobre o uso espacial de um território. A perspectiva de quem vive a cultura, as práticas, o cotidiano local. Para esses, este espaço ambientado por elementos histórico-sociais vai além de uma definição de um órgão gestor. Para o supracitado autor:

“Na verdade, sabemos que, na identificação de um bairro, para a maioria dos seus habitantes, não interessa o seu limite imposto por um órgão gestor, porque se já o identificam físico-cognitivamente, pouco lhes importa até onde se estendem seus limites.” (Ibidem).

Muitas vezes essa plasticidade/elasticidade que marca determinados bairros pode ser resultante da necessidade de sua inclusão num contexto mais nobre, menos estigmatizado, onde a identidade com o lugar abrange áreas que englobam classes econômicas mais abastadas criando o sentido de pertencimento a um lugar considerado mais qualificado, mais abalizado.

Essa relação identidade-localidade é um processo em movimento onde é construído historicamente esse sentido de pertença com o seu espaço de vivência. É aí que dá a esse espaço o caráter de território²⁸ no sentido de pertencer ao espaço em que se vive. Localidades estigmatizadas pela violência, tráfico de drogas, prostituição, causam certa “vergonha” para alguns moradores. Às vezes até a negação do pertencimento. Para alguns, esse estigma é progressivamente integrado na identidade, e pode afetar as interações sociais. Em uma entrevista²⁹, Loïc Wacquant referindo-se a sua pesquisa em bairros “operários”, “degradados” ou “de imigrantes” relata:

²⁸ Aqui, o conceito de território não abrange somente uma divisão administrativa, onde, qualquer espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Através de relações de poder, são criadas fronteiras entre países, estados, municípios, regiões, bairros e até mesmo áreas de influência de um determinado grupo. Aqui trataremos do termo sendo caracterizado pela ideia de posse, domínio e poder, correspondendo ao espaço geográfico socializado, apropriado para os seus habitantes, independentemente da extensão territorial.

²⁹ Entrevista concedida a Suzane Durão em Lisboa no ano de 2007. Documento acessível online em: <http://etnografica.revues.org/1811>

“Quando perguntava aos habitantes do gueto de Chicago e da cidade de La Courneuve, duas zonas de relegação a seis mil quilômetros de distância, “o que fazem as pessoas do bairro para se desvencilharem no dia-a-dia?”, eles respondiam de imediato em termos quase idênticos: “Ah, eu não conheço as pessoas do bairro. Vivo aqui, mas não sou daqui” – ou seja, eu não sou como “eles”. Demarcavam-se dos vizinhos e lançavam sobre estes a imagem degradada que deles dá o discurso público. Dos dois lados do Atlântico, os habitantes das zonas percebidas e vividas como purgatórios urbanos escondem a morada aos empregadores, aos serviços públicos, evitam receber amigos em casa e negam pertencer à micro-sociedade local.”(Wacquant, 2007)

Este “rótulo” colocado aos bairros estigmatizados ainda é reforçado pelas políticas específicas adotadas pelo Estado, como a exemplo no caso do Rio de Janeiro as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) que são estrategicamente instaladas em lugares de residência das classes sociais menos favorecidas, as “classes perigosas”. Ainda nessa mesma entrevista concedida por Wacquant:

“Só a pesquisa no terreno podia revelar o grau de impregnação deste sentimento de indignidade nos dois lugares e o recurso às mesmas estratégias de gestão do estigma territorial que são a distanciação mútua e a depreciação lateral, a retirada para a esfera privada e a fuga para o exterior logo que se conseguem meios para tal. Estas estratégias tendem a desagregar um pouco mais os coletivos já enfraquecidos das zonas urbanas deserdadas e a produzir a “desorganização” que o discurso dominante precisamente diz caracterizar essas zonas. O estigma territorial incita igualmente o Estado a adotar políticas específicas, derogatórias do direito comum e da norma nacional, que na maior parte das vezes reforçam a dinâmica de marginalização que pretendem combater, em detrimento dos habitantes.”(Ibidem)

Em suma, o sentido de pertença dos moradores varia de exaltação à negação mostrando de uma forma ou outra que esse sentimento existe. E é esse sentimento de pertencimento do indivíduo em relação ao bairro que o situa e diferencia em relação a outras localidades da cidade.

2.5 – A CONFIGURAÇÃO URBANA DA CIDADE “MARAVILHOSA”

A configuração urbana da cidade do Rio de Janeiro se dá em meio à complexidade de uma organização social heterogênea e, ligado a isso, a proximidade espacial entre as áreas habitadas por classes sociais distintas. Essa diferença social é identificada no espaço através dos padrões econômicos, sociais e culturais. O desenvolvimento das redes de infraestrutura e serviços públicos básicos também tem notória diferença entre bairros nobres e populares. Características naturais e paisagísticas unidas às facilidades de acesso a bens e serviços, representam valores simbólicos das classes sociais mais abastadas economicamente. Emprego e renda, grau de escolaridade, estilo de vida, dentre outros aspectos também contribuem para

esse “status”. Esses aspectos socioeconômicos e culturais são importantes parâmetros definidores dos preços e das escolhas de localização residencial.

Quando se trata de zonas residenciais heterogêneas, com funções espaciais específicas e a organização dos mesmos, segundo Gonçalves ao analisar o espaço social urbano, tomando como referência a Cidade do Porto:

“Se os termos de bairro e de centro reenviam ambos a uma repartição formal do espaço, o primeiro ganha em intensidade de significação quando o seu conteúdo é especificado, enquanto que qualquer especificação reduz o sentido do segundo. Na verdade, os termos de “centro direcional”, “centro administrativo”, “centro comercial”, “centro cultural” reenviam a um processo de revitalização do centro urbano, por meio de um zoneamento de atividades e de populações mais diversas, quer residentes, quer utentes.[...] Assim, centro polifuncional com populações diversas e bairros caracterizados predominantemente por um tipo de população e/ou uma função, parecem-nos ser os elementos constitutivos necessários à vitalidade duma cidade.” (Gonçalves, 1988, pg. 17)

Na análise do autor, a questão central se refere ao significado do espaço urbano como resposta aos diferentes efeitos advindos das mais variáveis estruturas morfológicas, das estruturas funcionais do fenômeno urbano, levando em conta os níveis ou momentos de produção do espaço urbano segundo a diversidade dos modelos culturais e estruturas sociais. Na cidade do Rio de Janeiro, a reconfiguração espacial resultante das ações implementadas para revitalizações de centros históricos junto às políticas habitacionais, a prioridade está na recuperação de patrimônios históricos e o turismo unidos a iniciativas que têm em vista a atração de moradores “qualificados” para essas áreas. Ações essas que contribuem para a caracterização do padrão periférico de crescimento. Ainda, Gonçalves:

“Com a acentuação da terciarização do “centro histórico” da cidade começam, numa primeira fase, as operações de renovação, [...] com o objetivo de manter a função residencial, valorizando o seu patrimônio e arquitetônico e a sua especificidade num continuum de realojamento. Numa fase posterior, porém, esta política é alterada: promove-se prioritariamente a terciarização turística com a recuperação de prédios do patrimônio cultural e com a intensificação de atividades artesanais, comerciais e lúdicas. Tal política, que se insere no processo de revitalização do circuito econômico do centro comercial e turístico da cidade e na ideia de zoneamento social, leva ao realojamento de grande parte da população em bairros sociais afastados das residências anteriores e situados na periferia da cidade, formando uma faixa concêntrica e descontínua do espaço urbano.” (Gonçalves, 1988, pg. 18)

Como a exemplo da Cidade do Porto, a nova configuração dos bairros centrais, mais antigos e dos bairros das classes mais abastadas, está em constante modificação. Os antigos centros e bairros históricos, vitimados por processos de degradação, buscam estratégias revitalizadoras de suas estruturas. Já os bairros elitizados, demandam controle dos processos de crescimento e controle de zoneamento social, pois são os principais alvos dos projetos

imobiliários. Para o autor Gonçalves, em um primeiro momento, essas ações estratégicas nos espaços urbanos alvos da revitalização *“pretendem redescobrir uma cultura local e conservar a memória social: restaurar e renovar, sem mudar nem os valores, nem os costumes e práticas sociais, nem as populações que correriam o risco de perder a ligação com o passado”*, (pg. 19) preservando inclusive antigos moradores. Já a fase posterior *“assenta fundamentalmente numa ruptura com o passado para afirmar exclusivamente o futuro e numa análise da espacialização da vida social ligada ao tipo de poder, quer econômico quer político, que aí se exprime.”* (Ibidem).

Diferentemente, no Rio de Janeiro, essa primeira fase inexistente nas políticas de urbanização da cidade. O poder local ignora as questões populacionais e molda as políticas urbanas em prol de interesses alheios à população local. Para Harvey (2008), os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõem aos ideais de direitos humanos e, como outro tipo de direito humano, o direito à cidade onde *“a liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos.”* (Harvey, 2008, pg. 74). O autor ressalta que o capital privado com o apoio do Estado força a saída dos habitantes dos bairros, por vezes de modo violento, como uma forma de desobstrução do lugar ocupado por toda uma geração, e, assim, a terra é adquirida por um valor quase nulo. Dentro deste contexto, ainda o autor, sobre o destino reservado aos cidadãos obrigados a deixarem suas residências – seja por meio de *“ninharias”* oferecidas, seja por remoção forçada – arrisca a apostar que, nesse sistema de reconfiguração urbana, dentro de quinze anos *“todas aquelas ladeiras ocupadas por favelas no Rio de Janeiro serão cobertas por condomínios de alto padrão com fabulosa vista para a idílica baía, enquanto os primeiros moradores terão sido removidos para alguma periferia remota.”* (Harvey, 2008, pg. 85).

Na cidade do Rio de Janeiro, essa reconfiguração espacial, que compreende a identificação dos padrões habitacionais na configuração do espaço construído para dar novo significado desses padrões na dimensão socioeconômica, cultural, simbólica, política, não afetam somente centros históricos e bairros nobres. Todos aqueles bairros que, de alguma forma, são alterados na configuração em prol de um ideal de cidade, também tendem a modificar seus padrões, como nos coloca Gonçalves: *“Mas não são apenas os bairros de função específica que, com estas operações de renovação, são eliminados da cidade. São também todos os bairros que se destroem ou reafectam em nome duma salubridade material ou moral.”* (Gonçalves, 1988, pg. 19).

2.6 – UMA OUTRA VISÃO DO CATETE

O bairro do Catete é visto/concebido por seus moradores, comerciantes e visitantes de diferentes formas³⁰. Concebido num contexto mais nobre, os moradores do bairro do Catete são tomados pelo sentimento de pertencimento à região mais notável da cidade, a Zona Sul. Mostram-se satisfeitos por se beneficiarem da grande oferta de serviços que o bairro abrange. Os comerciantes se atentam ao grande número de transeuntes que ali circulam devido à localização do bairro. Para os que ali visitam, um bairro que mistura o passado com o presente e oferece variados serviços turísticos, gastronômicos, comerciais, além de sua proximidade com o Centro e com as belezas da Zona Sul. Devido a essas e outras peculiaridades do bairro do Catete, foi preciso um decreto³¹ para vetar a desenfreada especulação imobiliária que vinha destruindo os mais variados exemplares de imóveis antigos que o bairro possui. Porém, há aqueles que muito se incomodam com os inúmeros problemas do bairro, mas apenas desejando a solução para os mesmos e não uma transferência para outra localidade.

Tanto moradores/comerciantes quanto visitantes, tem para si o bairro como uma mistura do passado com a modernidade. Lugar dos grandes feitos políticos e ilustres moradores ainda vagam no imaginário dos mesmos que procuram demonstrar sua identidade e pertencimento. Ao mesmo tempo, há uma marcante distinção entre os moradores. Os moradores das favelas e cortiços localizados no bairro, em certos discursos, maculam a imagem do bairro, degeneram a localidade. Comparado com o vizinho bairro do Flamengo – onde não há favelas – muito do discurso dos problemas do Catete incluem de fato esses elementos como forma de desvalorização do local, o qual, paralelamente, é alvo da especulação imobiliária.

Alguns se identificam com o bairro do Flamengo na necessidade de pertencer a um local ainda mais nobre, pois os limites imprecisos no imaginário dos moradores do Catete – vale ressaltar o caso da “quadra da praia” supracitado - concebem o bairro do Flamengo como local de pertença. Numa outra vertente está o discurso da moradia nas favelas, onde os moradores de tal localidade são identificados/se identificam destacando-os – ou destacando-se – do restante do bairro do Catete indicando forte presença de uma hierarquia entre os moradores do bairro do Catete.

³⁰ Dados e informações resultantes de parte da pesquisa “Sob o discurso da beleza e da ordem: Política Urbana e criminalização da pobreza no Rio de Janeiro em tempos de mercantilização das cidades” (NuSIS), coordenada por Rosemere Santos Maia.

³¹ DECRETO Nº 28222 de 26 de julho de 2007.

Para compreendermos como essa relação identidade-localidade e outras questões como a exaltação/negação, significado do espaço urbano e os impactos da nova configuração da cidade do Rio de Janeiro, no capítulo seguinte iremos retratar neste contexto a favela Tavares Bastos aliado ao projeto da cidade como o lazer, a cultura e o turismo voltado para o consumo/consumidores e empreendedores qualificados.

CAPÍTULO 3

A comunidade cinematográfica

Eu sou favela

A favela nunca foi reduto de marginal

A favela nunca foi reduto de marginal

Ela só tem gente humilde, marginalizada

E essa verdade não sai no jornal

A favela é um problema social

A favela é um problema social

Sim, mas eu sou favela

Posso falar de cadeira

Minha gente é trabalhadeira

Nunca teve assistência social

Ela só vive lá

Porque para o pobre não tem outro jeito

Apenas só tem o direito

A salário de fome e uma vida normal

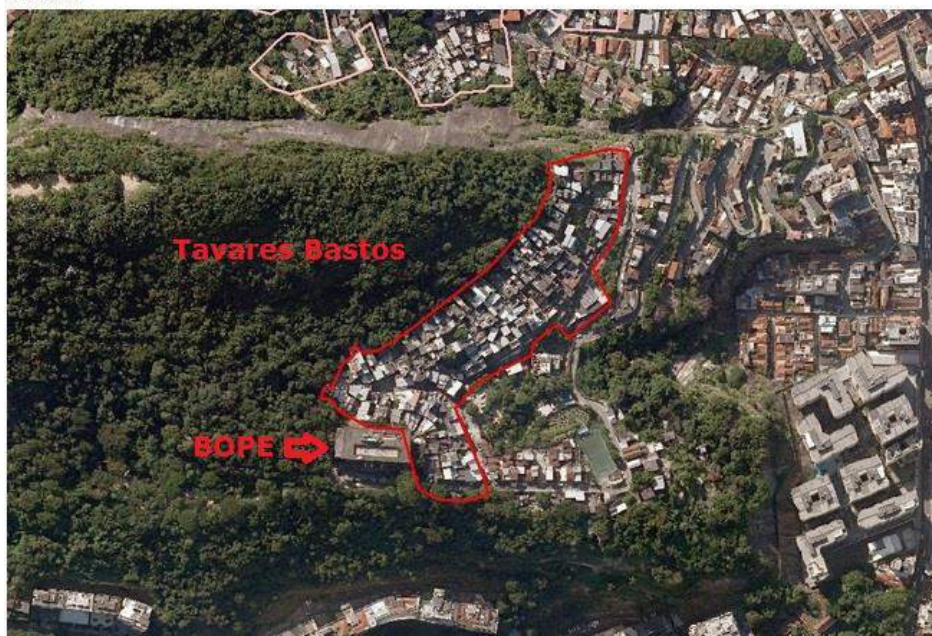
A favela é um problema social.

“Eu sou favela”, Sergio Mosca e Noca Da Portela.

3 - TAVARES BASTOS: UMA VISÃO GERAL

A localidade denominada Tavares Bastos está situada no Morro da Nova Cintra³², no bairro do Catete, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. No local residem mais de 6.500 pessoas (segundo o Censo Demográfico 2010) que costumam usufruir dos serviços oferecidos nas proximidades do local, como o próprio bairro do Catete e o bairro do Flamengo. Com uma vista panorâmica da Baía de Guanabara, sua área física é de 27.802 m²³³ constituídas por uma rua principal, a Rua Tavares Bastos, e estreitas vielas compostas de degraus, além de duas quadras de esportes – uma de grama sintética - e uma praça com aparelhos de ginásticas e brinquedos para o lazer das crianças, além de algumas pequenas pracinhas com mesa e banquinhos encontradas em alguns lugares da localidade. Kombis e mototáxis fazem, com predominância, o transporte dos moradores. Conhecida no mercado do turismo por abrigar uma Casa de Shows/hospedagem de propriedade do inglês Bob Nadkarni – ex-documentarista da BBC - a The Maze, e pelas inúmeras gravações de novelas, filmes nacionais e internacionais, a Tavares Bastos abriga a sede do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) desde dezembro do ano de 2000 levando consigo o título de primeira favela pacificada do Rio de Janeiro.

Ano: 2013



Mapa 2: Mapa da comunidade da Tavares Bastos. [Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/>, data da pesquisa 16/07/2015]

³² Onde se localizava a antiga Pedreira da Candelária, aberta no final do século XVIII, nas encostas do Morro da Nova Cintra voltadas para a Rua Quintanilha (atual Bento Lisboa), que tinha como finalidade fornecer as pedras para a ampliação da Igreja Nossa Senhora da Candelária.

³³ Fonte: IPP- Instituto Pereira Passos

A comunidade³⁴ Tavares Bastos, até a década de 90, contava com menos de 2.000 habitantes³⁵. Hoje, com a quantidade de moradores mais do que triplicada, a movimentação na comunidade é constante. O sobe e desce das kombis e motos se misturam ao movimento de moradores e dos policiais do BOPE que por ali passam entre os vários muros grafitados devido a Copa do Mundo e a uma campanha pelo fim da violência doméstica promovida pela rede NAMI e Instituto Avon.³⁶ É nesse cenário que no dia 24 de março de 2015 começamos nosso trabalho de campo.

Iniciamos nossa pesquisa buscando informações sobre o bairro do Catete e a comunidade Tavares Bastos em bibliotecas, institutos de pesquisa, internet, livros, jornais, artigos científicos. Já com alguma expectativa, o próximo passo foi ir a campo. No primeiro momento, nos concentramos na parte baixa do bairro do Catete, observando o comércio formal e informal, as práticas cotidianas dos moradores e frequentadores do bairro. Fizemos várias visitas ao Museu da República, bastante frequentado por idosos e crianças acompanhadas de suas babás ou pelos pais. Outro local que possui centralidade no bairro, e que foi de fundamental importância nossa observação foi o Largo do Machado. Lugar que concentra vários comércios de diferentes ramos de atividades, muito movimentado durante todo o dia e também a noite, também por ser ponto final de várias linhas de ônibus, além de uma estação do metrô. A comunidade foi o passo seguinte. Durante nossas pesquisas em busca de material sobre o bairro, procuramos encontrar mais sobre a origem da comunidade, algo que não foi fácil. Com poucas informações entendemos que seria necessário buscar essas a origem da comunidade, através da fala dos moradores entrevistados.

Através das visitas à comunidade, dos “passeios” pelas vielas, idas a associação de moradores, construímos um roteiro de entrevista. O roteiro foi aplicado pessoalmente durante varias idas à comunidade, nos diversos horários. O roteiro foi adaptado para ser aplicado online. Transformou-se então em um questionário. Foram feitas dezessete entrevistas presenciais. Já o questionário foi respondido por 26 pessoas. Percebemos o quanto é escasso o número de documentos, materiais, trabalhos acadêmicos, científicos, institucionais, formais sobre a comunidade Tavares Bastos. O bairro do Catete em si, é muito lembrado por seu

³⁴ Utilizaremos a nomenclatura “comunidade” devido ao uso por parte dos entrevistados, das conversas com os moradores da localidade e dos policiais do BOPE que tivemos contato.

³⁵ Fonte: IPP – Instituto Pereira Passos / SABREN - Sistema de Assentamentos de Baixa Renda

³⁶ A campanha nasceu a partir de uma parceria entre Instituto Avon e Rede Nami no projeto Graffiti pelo Fim da Violência nas Escolas, lançado em novembro de 2013 com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Trata-se de uma ação que até agosto de 2014 envolve 800 estudantes do ensino médio em oficinas educativas sobre a Lei Maria da Penha, em que os alunos produzem grafites nas escolas após a sensibilização sobre o assunto.

passado nobre, ponto de encontro da elite carioca, bairro sede do poder executivo e, após a transferência da capital para Brasília, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro que podemos dizer que foi ao longo de tempo perdendo a sua importância.

3.1 – OS ENTREVISTADOS

Dentre nossos entrevistados presenciais, fizemos as entrevistas com 9 homens e 8 mulheres. Os questionários, por sua vez, foram respondidos por 8 homens e 17 mulheres somando um total de 17 homens e 25 mulheres que participaram da pesquisa. A escolaridade dos entrevistados varia entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. Apenas uma pessoa se declarou analfabeta funcional, três com nível superior incompleto e 6 com superior completo. A faixa etária dos entrevistados divergiu na forma de entrevista. Apenas uma pessoa com menos de 30 anos concedeu entrevista pessoalmente, onde tivemos entrevistas com moradores de 30 a 75 anos. Já nas entrevistas virtuais, onde predominou a faixa etária dos 12 aos 30 anos, tivemos apenas 2 dos entrevistados entre 40 e 50 anos e nenhum acima dessa faixa etária, fato esse que se deve ao manejo dos meios informacionais mais acessível aos jovens.

A maior parte dos entrevistados/entrevistadas presenciais são naturais do nordeste brasileiro. Seis entrevistados do Rio de Janeiro. Dentre os outros, um do Espírito Santo e os demais do nordeste do país. A renda familiar do total dos entrevistados varia entre 1.000 a 3.000 reais (2 a 4 salários mínimos). No quesito composição familiar os resultados mostram que a maioria dos entrevistados/entrevistadas mora com o marido, a esposa, o companheiro ou companheira. E grande parte também mora com filhos ou enteados, cunhados ou parentes próximos. Apenas seis pessoas alegaram residir sozinhas. No que se refere à ocupação, grande parte dos entrevistados, está inserido no setor terciário com vínculo empregatício formal do setor privado, a exemplo, algumas das respostas nas figuras seguintes:

Quadro 3

Ocupação	Quantidade
Autônomos	2
Administração	2
Atendente/Recepcionista	3
Vendas	3
Contador	2
Aposentado/Desempregado	3
Serviços gerais	3

Quadro 3 - Fonte: Dados do questionário online, por Ana Luiza Wiezzer e Jeanine Magalhães

Quadro 4

Ocupação	Quantidade
Aposentado/Desempregado	4
Autônomo	2
Balconista	2
Serviços domésticos	2
Costureira	1
Cozinheiro	1
Manicure	1

Quadro 4 - Fonte: Dados das entrevistas presenciais, por Ana Luiza Wiezzer e Jeanine Magalhães

A simpatia dos moradores parece característica do local. Ao conversarmos com os entrevistados, a atenção dada pelos mesmos era, de fato, acolhedora. Em uma de nossas idas a comunidade, fomos recebidas pela comerciante que aqui chamaremos de Clarice que, apesar de não ter feito parte do rol de entrevistados – declarou timidez para tal -, nos apresentou a vários moradores da comunidade além das diversas conversas que tivemos ao longo dos meses de pesquisa. Dentre os moradores que se dispuseram a fazer parte da pesquisa, quando perguntados se conheciam a história da Tavares Bastos, a grande maioria não sabia informar a origem. Alguns se arriscavam dizendo que a localidade teria sido uma chácara:

“Era do tempo que tinha uma fazenda. Ali na frente. Disseram que era uma fazenda, uma casa branca que tem lá na frente. O pessoal da família todinha dividiu. (...) E aí, foi tendo a civilização, as pessoas foram melhorando, não tinha esse negócio como hoje. Que hoje tem várias coisas aqui em cima. Antigamente não tinha. A gente apanhava água no maior sufoco. E lá embaixo, perto da Bento Lisboa. Pegava água ali quando não tinha aqui. Até que o Lacerda botou a caixa d’água aqui. Aí botaram as bicas d’água aí foi melhorando e hoje tem água a vontade. A gente temos água de Santa Teresa saneada. Temos esgoto que não tínhamos. Tinha nada disso não.” (R. fem., 75 anos)

“Aqui já teve vacaria, que tinha umas vacas aí em baixo, no Cruzeiro... Tem umas coisas históricas aqui. Tinham dois pés de coqueiro num bairro chamado Coqueiro aqui. Essas coisas. Tudo antigo. Histórico.” (R. masc., 56 anos)

“Olha... Eu não sei te explicar direito, entendeu?! Mas, eu já ouvi dizer, se não me engano, aqui tem uma chácara que fazia parte daí da família da, do Parque Guinle, da Família Guinle. Essa chácara que tem aqui, que aí acho que eles doaram uma coisa assim, pra igreja, entendeu?! Mais ou menos isso. Porque se você for pra parte de cima já era outra família, entendeu?! Aí depois acho que morreram lá, no século passado, aí as pessoas... Tanto que aqui é uma comunidade pequena, só tem uma entrada, uma saída.” (J. fem., 53 anos)

Apesar da dúvida dos moradores sobre a origem da Tavares Bastos, no final do século 18 e começo do século 19, devido à vinda da nobreza para a região do Catete, o bairro fora dividido em chácaras (Gonçalves, 1881-1967), porém não há comprovação por nossas pesquisas se, de fato, existiu uma chácara na localidade.

Muitos dos entrevistados, ao relatar a origem da comunidade, remetem-se ao BOPE como divisor temporal:

“Eu convivi no meio do tráfico.” (A. masc., 30 anos)

“Quando cheguei aqui tinha uns caras armados. Hoje em dia não tem mais. Antigamente o quartel do BOPE era abandonado. Aí o Garotinho na época reformou, que morava aqui em Laranjeiras... Acho que ele reformou por interesse, também, porque ele morava aqui do lado, né?! Tipo assim, a segurança era pro morro e pra ele também, então... Muito bom hoje em dia, é 100%.”³⁷ (J. masc., 40 anos)

“História? Ah! Eu conheço história triste. Quando eu vim morar aqui tinha um cara que era negocio de toxico essas coisas, entendeu?! Se escondia ali no lugar de botar o lixo. Tinha gente estirado, morto ali. Mas, depois, de uns 15 anos pra cá, acabou, ele morreu, entendeu?! E ficou muito bom. Agora a BOPE tá aí em cima. Protege a gente. A gente vive aqui e parece que tá no céu. Entendeu?!” (N. fem., 58 anos)

Dentro dessas incertezas, há também aqueles que relatam histórias, sem a veracidade confirmada, em busca de uma posição de “saber”, onde *“a simplicidade da estrutura narrativa permite, simultaneamente, uma memorização despreocupada da história e uma focalização em um pequeno número de personagens investidos de uma forte carga simbólica e opostos uns aos outros.”* (Renard, 2007 pg. 99) Ainda assim, é possível observar certos relatos da origem de uma localidade que são remetidos à uma época existente, com personagens existentes, mesmo que não tenha, de fato, ocorrido exatamente no local onde *“a prática de contar e discutir lendas urbanas nos posiciona como sujeitos cujo papel vai além do julgamento imediato da veracidade ou falsidade das histórias.”* (Lopes, 2008 pg. 383). Um de nossos entrevistados foi a um momento anterior ao da chegada da corte ao bairro do Catete para relatar a origem da Tavares Bastos:

“Antes de eu chegar aqui o que sei é... Ouvi falar que tem um túnel aqui debaixo. Do tempo dos índios. Dizem que tem! Eu não sei. Começa daqui até na chácara. Por baixo daqui do chão.” (A. masc., 58 anos)

Opostamente às incertezas da origem da Tavares Bastos pelos moradores, de prontidão vinha a certeza da simpatia pela localidade por parte dos entrevistados. Quando perguntados

³⁷ Ao contrário do que se pensa grande parte dos moradores de “comunidades” têm consciência de que alguns dos investimentos e políticas por parte do poder público voltadas para seus espaços de residência têm como foco uma melhoria da imagem da cidade, da segurança da cidade, onde o discurso da atenção à população de baixa renda e a escolha das intervenções a serem realizadas busca mascarar a exclusão/segregação da mesma.

sobre se gostavam do bairro, as respostas que obtivemos dos entrevistados eram, quase que unanimemente, uma demonstração de carinho explícita à comunidade:

“Amo! Só saio morto. Porque aqui tem de tudo. Geral!” (R. masc., 56 anos)

“Gosto. Porque aqui é bom demais. É tranquilo. A gente anda a vontade. A gente bota nossos filhos pra brincar a vontade, entendeu?! Aqui é tranquilo. Um lugar muito bom de se morar.” (M. fem., 32 anos)

“Amo! Adoro! Porque eu me dou com todo mundo. E aqui é muito bom de se morar. Isso aqui é... Nossa senhora! Graças a deus, é muito bom! Que eu sou assim. Eu sei fazer amizade com todo mundo. Pode ser bonito, pode ser feio, pode ser branco, pode ser preto... É gente? Me tratou bem eu trato bem também. Eu sou assim. Pra tu ter uma ideia. Eu vou fazer aniversário. Eu pensei em fazer uma festa, mas eu fui fazer a lista das pessoas deu mais de 300 pessoas. Pra mim fazer um investimento assim tão (...), aí que que eu fiz? Lá debaixo acho que é, mais ou menos, 8 pessoas, tem mais ou menos umas 40 pessoas, todo mundo aqui de cima. As pessoas que mais, sabe, apegam a eu, então, vai está todo mundo lá dentro. Vou fazer um baião de dois! Domingo. Vai vir feijão, toucinho, tudo lá do Ceará! Saiu lá de Guaraciaba hoje.” (J. masc., 50 anos)

Algumas das respostas vinham incorporadas com comparações com outras localidades:

“Gosto, não sairia daqui por nada. Porque aqui é o melhor lugar que tem pra mim. Em termos de tudo, segurança. A gente já acostumou com a tranquilidade aqui. O que você vê aqui você não vê em outra comunidade. Nem pacificada, nem nada. Até as gírias de outra comunidade é diferente da gente. Às vezes a gente vai jogar bola em outra comunidade, o pessoal fala coisas que a gente não sabe o que eles tão falando. Fala em gírias, entendeu?!” (A. masc., 25 anos)

“Amo! É tranquilo. Eu tenho um filho e o que quero de bom pro meu filho, né?! Não pra mim. O que já passei na vida não quero passar pro meu filho. Então, hoje aqui a Tavares Bastos é muito importante, porque... vou te falar, resumindo. A gente tem filho e a gente quer o bem do filho da gente. Então, pra mim esse lugar aqui é da paz. Porque tem respeito, o caveira é o BOPE, e, por mim, eu peço que nunca saia daqui, porque, pra mim, minha família é tudo. Aqui é Zona Sul. Aqui é melhor do que Barra, Copacabana. Pra mim, é. Apesar do que, Rocinha é Zona sul mas, eu vivia na guerra. Eu, trabalhador, sempre fui trabalhador, mas sou civil, estava sempre no meio da guerra. Aqui, não. Continuo civil, mas tem um controle, tem... um respeita o outro morador. Aqui tem paz. A gente acorda dá bom dia, boa tarde, boa noite... Um respeita o outro. Quando tem um desentendimento aqui, a gente vai lá em cima chama os caras do BOPE, eles vem aqui e resolve, entendeu?! E a vida continua.” (J. masc., 40 anos)

Observamos que há fortes laços de amizade e uma postura de “boa vizinhança” entre os moradores da Tavares Bastos. Quando questionados sobre a relação entre os moradores da comunidade, os moradores se posicionaram bem relacionados na localidade:

“Na boa, na boa...” (A. masc., 58 anos)

“Ah! É 100%! É “oi, oi, rapaziada”. É uma família, né?! Praticamente uma família que a gente convive. Vive aí direto.” (A. masc., 30 anos)

“Pô... Pergunta os caras aí! (Risos) Pergunta os caras aí!! Eu não te respondo. Oh, Malagueta! Qual é a minha relação com vocês aí? “Amor” (responde o morador) Amor é o caralho, cara, eu sou casado! (risos) “(J. masc., 40 anos)

“Ah! Eu gosto de todo mundo! Vai chegando gente de fora, eu faço amizade.” (E. fem., 70 anos)

“Uma relação boa. Uma relação assim quase que de família, as pessoas se conhecem.” (I. fem., 62 anos)

Observamos que há também o companheirismo, a solidariedade entre estes, o que acaba por reforçar os laços de amizade. Ao pararmos por uma tarde inteira no estabelecimento da comerciante Clarice, pudemos observar a pintura feita por um dos vizinhos sem nenhuma cobrança – nem mesmo da tinta, pois na casa do rapaz “estava sobrando”- na porta do estabelecimento da mesma. As brincadeiras com frases como “amigo a gente escolhe”, entre risos e piadas, além dos vizinhos que passavam e de alguma forma brincavam com os mesmos dizendo que estava “feito” ou “bonito” o trabalho, afirmavam a nossa observação. Alguns de nossos entrevistados, confirmam essa rede de solidariedade que existe no local:

“Muito boa! Aqui é só paz, união, um brinca com o outro. Hoje mesmo, tem um material pra carregar aí vai vir um montão de gente pra carregar o material aí, todo mundo junto... Aqui é assim, um ajuda o outro.” (A. masc., 25 anos)

“Eu avalio muito boa. Tem alguns que... Sabe como é que é, né?! Mas, o restante é tudo gente boa, gente que se você tiver precisando de uma assistência social, eles chamam. Eles são muito amigos.” (R. fem., 75 anos)

Quando questionados sobre essa relação com os moradores do restante do Catete as respostas são mais diversificadas:

“Também! Falo. Tenho bastantes amigos aí embaixo. Relação normal.” (A. masc., 30 anos)

“Eu sou conhecido aqui como porteiro, dono de botequim...” (A. masc., 58 anos)

“No Catete eu... Pouca gente, porque eu subo, desço... Só nas lojas que eu vou...” (E. fem., 70 anos)

“Me dou com todo mundo. Oi, oi. Tudo bem, tudo bem! Uma beleza!” (N. fem., 58 anos)

“Não Catete eu não tenho, não. Aliás, quando eu trabalhava lá que eu vendia almofada, eu tinha umas pessoas conhecidas ali. Daquelas pessoas também que vendem alguma coisa. Mas, as pessoas que moram mesmo eu não tenho... Eles sabem de tudo da nossa vida. Sabem de tudo que se passa aqui. E nós sabemos também o que se passa no Catete, né?! Alguma coisa que se passa no Catete... “Ah! No Largo do Machado vai ter isso... Ah! No Largo do Machado vai ter aquilo...” (R. fem., 75 anos)

“A mesma coisa! Sou muito querido!” (R. masc., 56 anos)

“No Catete, não. Só fico aqui.” (L. masc., 68 anos)

“Também... por exemplo, hoje a gente faz festa junina e vem muita gente lá de baixo. Antes isso não acontecia, até por receio. Hoje não. O pessoal vem pra cá, tem muitos bares... Essa relação com o asfalto... O pessoal hoje tem subido pra festas.” (I. fem., 62 anos)

Diante de condições de vida semelhantes, a maneira de viver determinada pelas condições peculiares do lugar, os moradores da comunidade acabam marcados por uma

identidade comum, diferenciando-os e se destacando de outras partes de um mesmo bairro, estabelecendo uma distinção entre nós (do morro, da comunidade) e eles (do asfalto). Para Peruzzo e Volpato (2009):

“[...] as identidades são construídas numa íntima relação com as condições em que as pessoas vivem. Portanto, são históricas e transitórias, permanecem e se renovam no contexto das inter-relações estabelecidas no local e na conectividade estabelecida no mundo.” (Peruzzo e Volpato, 2009, pg. 151)

Para nos aprofundarmos no estudo sobre a Tavares Bastos, é necessário, também, distinguir os conceitos de favela, comunidade e bairro. Tratamos do conceito de bairro no segundo capítulo deste trabalho. Mas, qual será a diferença entre favela e comunidade? Como estas palavras têm seus modos de intervir na relação entre espaços e sujeitos como se fosse um orientador de significação? Para isso, recorreremos a autores que tratam destes conceitos no âmbito das localidades habitadas pelas classes sociais menos favorecidas na medida em que esses termos se alternam no discurso dos moradores, atribuindo denominações distintas à um mesmo espaço.

3.2 – FAVELA, COMUNIDADE OU BAIRRO?

De que maneira ocorreu a construção social da favela? Para respondermos essa pergunta trataremos da origem das favelas cariocas. Segundo a autora Valladares (2000), os primeiros interessados nos estudos voltados para a cena urbana e seus atores voltaram sua atenção para os cortiços considerados no século XIX como o lócus da pobreza. Esses espaços eram habitados em boa parte por trabalhadores e “se concentravam, em grande número, vadios e malandros, a chamada “classe perigosa”.” (Valladares, 2000, pg. 7). No contexto, o cortiço era visto não somente como o antro da malandragem e da vagabundagem, mas também como um local de foco de epidemias, o que constituía uma ameaça às ordens moral e social. Segunda a autora, devido a este fato foram tomadas medidas administrativas, tais como uma legislação proibindo a construção de novos cortiços no Rio e, também, foi instituída uma verdadeira “guerra” que resultou na destruição do maior cortiço de todos, o “Cabeça de Porco”, que foi um famoso cortiço no centro da cidade do Rio de Janeiro, perto de onde está, hoje, o túnel João Ricardo. Junto a isso, a grande reforma urbana do prefeito Pereira Passos, entre os anos de 1902 e 1906 que tinha como uma de suas finalidades sanear e civilizar a cidade acabando com as habitações “anti-sanitárias”.

Ainda a autora, após essa forte campanha contra o cortiço a atenção dos interessados na questão da pobreza começam a se voltar para esse novo espaço geográfico e social que hoje conhecemos como favela. Com o fim da guerra de Canudos, os ex-combatentes que

voltaram para cobrar os soldos devidos pelo Ministério da Guerra se instalaram no, hoje, morro da Providência para pressionar o Ministério a lhes pagar a dívida. Essa localidade ficou conhecida por Morro da Favella, onde, no decorrer da história, “passa a emprestar seu nome aos aglomerados de casebres sem traçado, arruamento ou acesso aos serviços públicos, construídos em terrenos públicos ou de terceiros, que começam a se multiplicar no centro e nas zonas sul e norte da cidade do Rio de Janeiro.” (Valladares, 2000, pg. 7). Mas, segundo a autora, foi na segunda década de XX que a imprensa passa a utilizar a palavra favela para designar locais de habitação das classes sociais mais empobrecidas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a favela é um “aglomerado subnormal”, determinado por um “conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”³⁸. Para a autora Freire (2008), desde seu surgimento, do final do século XIX para o século XX, as favelas são percebidas como espaços indesejáveis, que atualmente aparecem com frequência na mídia como o local de origem da violência e da criminalidade. A autora Valladares, em seu livro “A invenção da favela: do mito de origem à favela.com” (2005), situando os anos de 1950, explica que naquela conjuntura Dom Hélder Câmara, então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, buscando uma “solução racional, humana e cristã ao problema das favelas no Rio de Janeiro” (p. 77), propõe a urbanização da cidade do Rio de Janeiro com novas formas de intervenção. A Cruzada São Sebastião³⁹, criada na segunda metade dos anos 50, trazia princípios de desenvolvimento comunitário, juntamente, a noção de comunidade e tinha por finalidade levar às favelas moradia, implementação de equipamentos de infraestrutura, entre outros, através da obtenção de recursos do governo federal. Para Valladares (2005), é neste contexto e com essa situação que a Cruzada de São Sebastião se torna:

“[...] uma virada na representação política da favela. O reconhecimento e a promoção dos moradores das favelas ao estatuto de comunidade e, por conseguinte, a sujeito político potencialmente autônomo, tanto rompia com uma visão puramente negativa do mal a ser erradicado quanto com a política de assistência caritativa e clientelista do período anterior (Valladares, 2005, pg. 78).

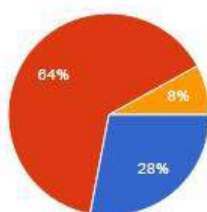
³⁸ Retirado do documento do IBGE “Aglomerados Subnormais Informações Territoriais” que pode ser encontrado em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>

³⁹ A Cruzada São Sebastião, criada por Dom Hélder Câmara, tinha como finalidade de dar moradia decente aos favelados. Foi fundada em 1956. Desta primeira iniciativa, outros conjuntos habitacionais surgiram.

Para a maioria dos nossos entrevistados, a Tavares Bastos é uma comunidade. Em nossas entrevistas e conversas com moradores, comerciantes e policiais do BOPE, a palavra “comunidade” sempre estava presente. Apenas um entrevistado, no meio das respostas, identificou dizendo “Pra mim aqui é um morro”, logo seguido de “O melhor que eu conheço aqui no Rio de Janeiro”, em uma tentativa de tirar o estigma a tempo. Na enquete online com os moradores, ninguém se referiu a Tavares Bastos como uma favela, como mostra o gráfico:

Gráfico 2:

Como você considera a Tavares Bastos?



Morro	7	28%
Comunidade	16	64%
Bairro	2	8%
Favela	0	0%
Outros	0	0%

Gráfico 2 – Fonte: Dados da pesquisa online

Para Freire (2008), o estigma de quem reside nessas localidades afeta a vida pessoal de diferentes formas, onde:

“Esse estigma, associado à pobreza e ao crime, afeta os mais diversos aspectos da vida dos moradores, como a busca por empregos, o envolvimento amoroso, a relação com a polícia, ou a simples aproximação com outras pessoas. Visando amenizar esse estigma, a categoria “comunidade” parece evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização, uma alternativa simbólica viável.” (Freire, 2008, pg. 13).

Assim, a palavra comunidade vem para tornar-se um termo menos estigmatizado, tanto pelos moradores das localidades onde a pobreza é predominante, quanto para a mídia, para o Estado e para as classes sociais elitizadas onde tornam o termo uma forma imaginária de extrair esse estigma da população menos favorecida. Porém, a substituição de favela por comunidade parece, também, reforçar a visibilidade a uma população não assistida pelo Estado, à margem da cidade, da sociedade reconhecida pelo Estado, ou seja, afirmando a segregação.

Para os autores Peruzzo e Volpato (2009), faz-se necessário resgatar os conceitos clássicos de comunidade, para entender o que, hoje, pode ser chamado por comunidade, pois:

“O termo “comunitário” vem sendo utilizado, nos últimos tempos, de forma desordenada, o que contribui para uma confusão conceitual que esvazia seu

significado. Qualquer agrupamento tem sido chamado de comunidade, sejam bairros, vilas, cidades, segmentos religiosos, segmentos sociais, redes de relacionamentos na internet etc. Ultimamente, a formação de grupos e redes on-line facilitada pela Comunicação Mediada por Computadores (CMC) tem contribuído ainda mais para desvios conceituais.” (Peruzzo e Volpato, 2009, pg. 140)

Ainda segundo os autores, muitos foram os pensadores a conceituarem o termo “comunidade”, porém, nessa nova forma de organização social na era da globalização, surgem teorias apresentando possíveis sentidos contrários entre comunidade e sociedade e, juntamente, a questão das inter-relações entre comunidade, local e região, o que dificulta a determinação de fronteiras entre tais espaços, criando possíveis confusões conceituais:

“[...] as delimitações físico-geográficas não se prestam a entender os espaços em questão no mundo contemporâneo, ao menos não como critérios únicos. Comunidade e região estão inseridas numa complexidade social que não abandona as delimitações físicas, mas também não se limita a elas. Na era da sociedade em rede, e também em outros tempos, além de a proximidade física compartilhar do seu ambiente com a afinidade de identidades, outros fatores históricos, naturais, econômicos, comunicacionais, culturais etc. conferem a elas peculiaridades, ao mesmo tempo que as diluem.” (Peruzzo e Volpato, 2009, pg. 151)

Mesmo dentro dessa gama de conceitos e teorias, os autores nos colocam que, por serem a nós próximos, tanto o local, a comunidade quanto a família, acabam representando segurança e proteção numa dimensão global, onde estes seriam espaços de abrigo e amparo em meio aos desassossegos da vida urbana. Por isso, “... não há como negar é que a palavra “comunidade” evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Atualmente, seria o lugar ideal onde se almejaria viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna.” (Peruzzo e Volpato, 2009, pg. 140) Apesar da vida em comunidade basear-se em relações sociais, nem sempre essa harmonia toda se faz presente, pois ao tentar corresponder aos anseios gerais da comunidade para a comunidade – como exemplo a solução de problemas entre vizinhos - as contradições entre os mesmos podem gerar tensões e conflitos de dimensões imprevisíveis.

3.3 – VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE

O ano de 2000 foi marcante para os moradores da comunidade Tavares Bastos e, de certa forma, para o restante do bairro do Catete. Com a chegada do Batalhão de Operações Policiais Especiais – o BOPE – a história local se transformou. Até a chegada do BOPE a comunidade estava sob o domínio do tráfico de drogas. Para entendermos esse contexto em que viviam os moradores da Tavares Bastos, faremos uma breve revisão da entrada das facções no Rio de Janeiro, pois “não se pode entender, hoje, o cenário da violência no mundo sem se considerar o impacto do crime organizado transnacionalmente, que apresenta características econômicas, políticas e culturais sui generis.” (Cecchetto e Farias, 2009)

Na cidade do Rio de Janeiro houve uma crescente onda de conflitos após a entrada das facções criminosas nos anos 80 o que levou a uma nova forma de convívio nas favelas. O jornalista Carlos Amorim, em uma passagem de seu livro onde trata do fenômeno da violência urbana e do crime organizado no Brasil, apresenta a entrada das facções e o início dos confrontos entre as comunidades da seguinte forma:

“Nos anos 80, a situação ficou ainda mais confusa. O crescimento dos cartéis colombianos de Medellín e Cáli muda as regras da partida. Sem falar nos bolivianos, que também ampliavam o negócio milionário da cocaína com a conivência das Forças Armadas do país. O aumento da população hispânica nos Estados Unidos estabelece novas rotas controladas pelas máfias latino-americanas. Entram também em ação os grupos de exilados cubanos que se radicaram em Miami, além dos vietnamitas e coreanos. Ou seja: traficantes de todas as cores e idiomas espalhados pelos cinco continentes. O Brasil não escapou dessa barafunda de organizações. De um lado, italianos e franceses usando o território brasileiro como ponte, uma passagem da droga para os Estados Unidos. De outro, os cartéis colombianos entrando no mercado consumidor do Rio e de São Paulo. A diferença fundamental é a de que as máfias da cocaína latinoamericanas procuravam sócios no Brasil. A proposta simples: entregam a cocaína, e os bandidos locais a vendem. Isto terá enorme repercussão sobre o futuro do Comando Vermelho. Para se habilitar nessa associação com os cartéis, os homens do crime organizado no Rio precisavam dar um salto de qualidade: controlar a totalidade dos pontos de venda nas favelas, cooptando ou destruindo as pequenas quadrilhas independentes. Assim começou a guerra nos morros.” (Amorim, 1993, pg. 119)

É neste contexto que as comunidades menos favorecidas da cidade do Rio de Janeiro passam a ser vista como locais perigosos, locais de violência. E, assim, também seus habitantes. Para as autoras Cecchetto e Farias:

“Nesse processo, a interligação entre a violência e determinados territórios da cidade tem ocupado lugar central no imaginário carioca, seja no esforço do estereótipo e medo dos moradores dessas áreas, seja para preencher as agendas políticas dos principais candidatos a governantes nos tempos de eleições. Sugerimos que há um recrudescimento das barreiras entre os territórios em que o local de moradia se tornou um poderoso organizador classificatório, que hierarquiza, classifica e separa os corpos, que antes mantinham uma proximidade físico-territorial, apesar das profundas distancias sociais. Se em algum momento houve um equilíbrio das tensões urbanas, particularmente entre favela-cidade, este estava baseado na existência de laços de cordialidade que simbolicamente impediam que as barreiras institucionais e urbanísticas restringissem a vida social, o ir e vir e por conseguinte o convívio dos habitantes de pedaços distintos da cidade.” (Cecchetto e Farias, 2009, pg. 228)

Para as autoras Perez e Castro, a questão das barreiras territoriais, da fragmentação do espaço na cidade do Rio de Janeiro se fortalece na imagem construída sob a atual criminalidade:

“No caso da cidade do Rio de Janeiro, a violência urbana e a criminalidade assumem lugar de destaque na imagem da cidade construída pelos seus moradores. A televisão e os jornais costumam dizer que a cidade vive uma “guerra civil”, que existe uma “lei paralela”, enfatizando, assim, o conflito e a fragmentação do espaço. Grande parte das comunidades de baixa renda é dominada por grupos de traficantes de drogas e armas ou por milícias que se impõem ditando regras e impedindo a livre

circulação dos indivíduos. Nesses casos, somente algumas pessoas podem ter acesso a determinadas regiões, outras devem manter a distância sob o risco de perderem a própria vida.”(Perez e Castro, 2001, pg. 108)

Na comunidade Tavares Bastos não foi diferente. Seus moradores vivenciaram esta situação até dezembro do ano 2.000, quando se deu a instalação do BOPE na localidade, quando a unidade ganhou instalações próprias, no antigo prédio⁴⁰ abandonado no alto da comunidade.

3.4 – O BOPE

*“O Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) é uma força de intervenção da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), responsável por atuar em situações críticas, sendo a reserva tática de pronto emprego da Corporação. Seu efetivo é voluntário, formado por policiais de elevado preparo técnico, tático e psicológico.”*⁴¹ Assim se apresenta o Batalhão de Operações Policiais Especiais em sua página oficial na internet.

O BOPE foi criado em 1º de março de 1991⁴² como uma unidade especializada da Polícia Militar para casos extremos e de alto risco cabendo ao Estado-Maior da Corporação administrá-lo. Os integrantes dessa instituição são policiais militares em sua formação, inseridos no quadro hierárquico e plano de carreira, porém, submetidos a um treinamento de especialização destinado a missões específicas. Possuem como valores onze mandamentos: 1- Agressividade controlada; 2 - Controle emocional; 3 - Disciplina consciente; 4 - Espírito de corpo; 5 – Flexibilidade; 6 – Honestidade; 7 – Iniciativa; 8 – Lealdade; 9 – Liderança; 10 – Perseverança; e 11 – Versatilidade. Além do treinamento da PM convencional, o policial do BOPE especializa-se em técnicas específicas de sobrevivência e combate, é treinado em táticas e estratégias, aprofunda o treinamento das aptidões físicas, especializa-se em perícia para atuar em áreas de alta periculosidade, objetivando missões em zonas de confronto intenso e resgate de reféns. O BOPE atua, também, no programa de pacificação do Rio de Janeiro elaborado pela Secretaria de Estado de Segurança citado no primeiro capítulo.

⁴⁰ Uma construção de 1965 que tinha como objetivo criar um clube para homens de negócio, o Clube do Parque. Porém, após a falência da construtora Civia S.A, da família Guinle, acabou abandonado. Fonte: O Globo, 27 de Novembro de 1997, Matutina, Jornais de Bairro, página 22.

⁴¹ Fonte: <http://www.bopeoficial.com/o-batalhao/batalhao/>

⁴² Alguns se referem à criação do BOPE em 19 de janeiro de 1978 quando “foi criado o Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NuCOE), por policiais voluntários, dotados de comprovada integridade moral e alguns possuíam especialização nas Forças Armadas (...). Em 1982, o núcleo mudou sua designação para Companhia de Operações Especiais (COE), passando a funcionar nas instalações do Batalhão de Polícia de Choque (BPChq), no Estácio. Após seis anos, o COE transformou-se na Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE), porém sua instalação continuou sendo dentro do BPChq. Finalmente em 1º de março de 1991 foi criado o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), ficando extinta a CIOE, mas permanecendo no interior das instalações do BPChq.” Fonte: <http://www.bopeoficial.com/o-batalhao/historico/>

O programa de pacificação consiste de quatro fases consecutivas: Retomada, Estabilização, Ocupação definitiva e Pós Ocupação. O BOPE atua nas duas primeiras etapas. A retomada consiste na entrada da polícia nas localidades sob o domínio do tráfico. A estabilização visa fortalecer o controle estadual na localidade onde foi efetuada a retomada, o que, em alguns casos, conta com o apoio das Forças Armadas. A terceira e quarta etapas são efetuadas pelas UPPs ali instaladas. Esse modelo começou a ser usado em 2008. Até os dias atuais, 30 favelas cariocas receberam as UPPs.

Em junho de 2.000, o BOPE foi acionado para atuar no caso que ficou conhecido como “Ônibus 174”. Tratava-se de um sobrevivente da chacina da Candelária (1993) chamado Sandro Barbosa do Nascimento, na época com 21 anos, que sequestrou um ônibus e manteve 11 pessoas reféns sob a mira de um revólver. Após horas de negociação e quase todos libertos, Sandro desceu do ônibus trazendo como escudo humano a professora de 20 anos Geisa Firmo Gonçalves. Um policial do BOPE se aproxima e dispara um tiro – que tinha como alvo o Sandro - que acerta a professora matando-a no mesmo momento. Sandro veio a falecer algumas horas depois por asfixia dentro do carro da PM. O episódio marcou para sempre a história do BOPE. Alguns alegavam que a falta de estrutura física do BOPE, na época sem sede própria, acabam por acarretar episódios como esse entre outros empecilhos. Em dezembro do ano 2.000 o, então, governador do Estado, Antony Garotinho, institui a sede do batalhão no alto da comunidade Tavares Bastos.

Para Storani (2010), o BOPE é resultante de um processo de construção social do *ethos guerreiro*⁴³. O processo de criação da PM no país originou-se na forma mecanismos de controle das grandes massas e tinha como objetivo central defender os interesses dos grupos dominantes. Para isso, instituiu-se um modelo de gestão pautado na valorização das patentes, na divisão hierárquica de funções e na ação disciplinadora e repressora:

“O processo de construção da polícia militar, no Brasil, foi originado na necessidade de se criar mecanismos de controle das massas populares para a proteção de uma classe social dominadora. O modelo militar da polícia ostensiva, instituição responsável pelo patrulhamento das ruas e pela manutenção da ordem pública, parece ter sido escolhido como estratégia de “controlar os controladores”. O modelo se imporia pelo império da hierarquia e disciplina, haja vista que as bases operacionais desta instituição eram constituídas de pessoas da mesma origem dos “controlados”. Neste modelo militar, o *ethos guerreiro* toma forma e gera uma visão de mundo peculiar, nos “modelados”, pela socialização de um saber e de uma prática construída na interação entre os atores do cenário social: cidadãos, policiais e marginais da lei. A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro é a resultante deste processo.” (Storani, 2010 pg. 55)

⁴³ O policial de rua, o operacional, que realiza a missão do combate à criminalidade.

Com crescimento da criminalidade, a necessidade de um aparato de instrumentos e táticas nos moldes de combate as guerras convencionais voltados às áreas urbanas se fazia visível. Dentro da improbabilidade da polícia convencional realizar esse combate aos grupos criminosos “...o BOPE seria o modelo, a estrutura e espaço onde o arquétipo do policial, que encarnaria este *ethos* máximo, seria socialmente construído. Esse processo transformador acabaria por referenciar o próprio BOPE: o Curso de Operações Especiais.” (Storani, 2010 pg. 56)

3.5 – O BOPE E A COMUNIDADE TAVARES BASTOS

Em nossa visita à sede do BOPE no dia 28 de julho de 2015 fomos recebidas pelo subtenente C. Soares que nos concedeu uma entrevista. Contou-nos um pouco da história do BOPE e da chegada do mesmo ao antigo prédio abandonado. Contou-nos, também, sobre o domínio da comunidade Tavares Bastos pelo tráfico de drogas e como foi a ocupação da área pelo BOPE. Esse início de conversa e apresentação correspondeu com nossas pesquisas, já citadas acima, porém, ao perguntarmos sobre o antigo prédio, chamado pelos moradores da comunidade de “esqueleto”, o subtenente nos relatou uma parte da história desconhecida, até então, por nós:

“Boa lembrança! Eu não coloco assim porque, pra nós, esse esqueleto ele foi chamado da nossa barraca. Porque a história do BOPE, em 1978, foi quando o BOPE nasceu, em 19 de janeiro de 1978, o BOPE nasceu iniciando os seus serviços em uma barraca. Então, a gente costuma brincar com o prédio que, além dele ser conhecido como “esqueleto”, pra nós, ele é a segunda barraca da nossa história. Porque a primeira barraca era uma barraca literalmente falando. E essa pra nós foi uma segunda barraca, então, o que nós passamos aqui com as mudanças físicas necessárias, para nós simplesmente isso aqui é um hotel de luxo! Em vista de como iniciamos a nossa história. Então, enfim, em 28 de dezembro concluímos a ocupação aqui de 2000, recebemos a placa oficial e a pergunta que não quer calar é além do prédio com a ocupação do BOPE, o que fazer com a comunidade? E a gente começa a desconstruir algumas coisas que pessoas que não conhecem a história do BOPE, contam. Uma unidade da elite da PM, uma unidade com seus números de sinistralidade, de criminalidade, etc, etc, recebeu a comunidade. O que fazer? E, eu queria dar uma pausa pra lembrar que em 2008 é o ano da primeira política de pacificação pública! 2008! Oito anos depois!”

O BOPE carrega consigo a alcunha de “tropa da elite da PM”. Seus uniformes e armamentos – além das missões de maior periculosidade que atuam - criam um sentido de superioridade fortalecido pela grande mídia. Quando se trata do “outro lado da moeda”, dos moradores de localidades em que o BOPE atua, percebemos o oposto do que se é retratado nos discursos e “merchandising” por parte da corporação, da mídia e do Estado. Para Câmara (2006), os moradores das favelas sofrem duplamente pela posição de submissão ao tráfico e, paralelamente, à polícia. Em sua pesquisa sobre a segurança pública e os conflitos urbanos na

cidade do Rio de Janeiro, o autor contou com os relatos obtidos através da Rede de Movimentos e Comunidades contra a Violência⁴⁴ onde os moradores denunciam a violência sofrida por parte da polícia. Apesar da justificativa da presença da polícia nas favelas ser o combate ao tráfico de drogas, “moradores em suas manifestações afirmaram, segundo as descrições dos conflitos, que na grande maioria das vezes, houve assassinato de pessoas que não mantinham qualquer relação com o tráfico de drogas.” (Camara, 2006, pg. 84). Ainda o autor, a favela é, para o senso comum, uma apropriação indevida, de origem ilegal, onde predomina a criminalidade violenta, e, por tanto, uma localidade em que seus habitantes devem ser educados e civilizados ou, e mesmo, regulamentados, o que legitima a ação da polícia nessas localidades. Segundo o autor, a atuação do BOPE nos relatos através da Rede de Movimentos e Comunidades contra a Violência, são de as ações de terror explícito:

“A “amplitude internacional” do movimento ganhou força com a participação da Anistia Internacional desde que, em 2005, o governo do estado resolveu radicalizar no terror imposto às comunidades faveladas cariocas colocando em uso blindados semelhantes a tanques de guerra, em que há oito escotilhas para uso de fuzis, e que ganharam o singelo apelido de “Caveirão” por ostentar na frente e em suas laterais o símbolo do BOPE, que é uma caveira. Emitindo, via alto-falante instalado na parte de cima do veículo, frases como: “Eu vim aqui buscar sua alma!”, o Caveirão entra nas favelas em alta velocidade, atirando e tem matado ainda maior número de pessoas desde que se iniciou sua operação, segundo os participantes da Rede.” (Camara, 2006, pg. 81)

Ao contrário do mencionado pelo autor, a relação da comunidade Tavares Bastos com o BOPE atualmente é visivelmente pacífica. Em nossas várias visitas à comunidade tivemos a oportunidade de presenciar encontros entre moradores e policiais do BOPE – inclusive sem a farda e identificado pelos moradores como um “caveira”– e observamos o quão “tranquilo” (como os moradores costumam falar) são suas convivências. Em nossas entrevistas, quanto à questão da presença do BOPE na comunidade, boa parte posicionou-se satisfeitos com a situação:

“Ótimo. Aqui na nossa comunidade é muito bom. Se não fossem eles a gente nem sabia se tava aqui ainda, agora, bebendo aqui... Não podem sair.” (A. masc., 25 anos)

“Eu gosto muito. Gosto muito... Eles são muito legal com a gente aqui, sabe?!” (E. fem., 70 anos)

“Bom... Aqui pra nós foi uma boa porque, é o que falei pra vocês, modificou muito a segurança, o pessoal tem respeito. Ninguém apronta, ninguém faz... Tem (...)

⁴⁴ Movimento social independente do Estado, de empresas, partidos políticos e igrejas, que reúne moradores de favelas e comunidades pobres em geral, sobreviventes e familiares de vítimas da violência policial ou militar, e militantes populares e de direitos humanos. A Rede se constrói pela soma, com preservação da autonomia, de grupos de comunidades, movimentos sociais e indivíduos, que lutam contra a violência do Estado e as violações de direitos humanos praticadas por agentes estatais nas comunidades pobres. Fonte:

problemas de um e outro ali, mas... Eu acho que foi uma boa coisa. Se todo o morro pudesse ter um BOPE seria muito bom! (risos)” (A. masc., 42 anos)

Alguns se colocaram indiferentes ou esperando melhores atuações da corporação:

“Não fede nem cheira. Porque, pra mim, não servem pra nada. Eu não tenho garantia nenhuma com eles aqui, não. Eu penso assim. Se alguém tiver que matar, vem aqui agora me mata e vai embora. Desce. Até eles descer, procurar saber alguma coisa, já aconteceu.” (D. fem., 31 anos)

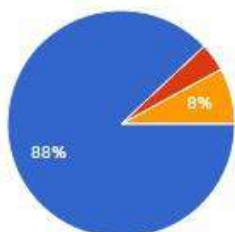
“Poderia ser melhor. Ele poderia fazer uma ronda. Sempre tem a ovelha negra. Tem uns que ficam fumando maconha... Sempre tem. Isso aí é em qualquer lugar. Dentro da faculdade tem. Aí, o que acontece?! Eles tinham que oprimir. Às vezes eles deixam a desejar. Vem pra, cantam mulheres, ficam de palhaçada... Só que, se eles fizerem uma ronda, seria muito melhor, né?! Frequentemente.” (A. masc., 30 anos)

“Eu não to o dia a dia com eles, né?! Minha irmã, ela faz exercícios na área do BOPE. Eles fazem um trabalho... eu não tenho que reclamar de nada, não. Tem até amigos dela que ela era criança que são policiais do BOPE. Eu respeito as pessoas.” (R. masc., 38 anos)

Em nossa pesquisa online, a grande maioria manifestou sentir segurança com a presença do BOPE na comunidade:

Gráfico 3:

A chegada do BOPE trouxe segurança?



Sim	22	88%
Não	1	4%
Não sabe avaliar	2	8%

Gráfico 3 – Fonte: Dados da pesquisa online.

Embora a relação entre a comunidade e a corporação se divida entre a satisfação e a indiferença, observamos que não há uma nenhuma insatisfação – atualmente - por parte dos moradores com a presença do batalhão na comunidade. O BOPE atua junto à comunidade Tavares Bastos pela política de “policiamento de proximidade”, uma prática que vem sendo utilizada tanto em alguns países da Europa quanto nos EUA desde o início dos anos 2000. Segundo Lisboa e Teixeira Dias (2008), a finalidade do policiamento de proximidade “aponta sempre no sentido de tentar reduzir a criminalidade, a insegurança a ela associada e aumentar a satisfação da população relativamente aos serviços prestados pela Polícia.” (Lisboa e Teixeira Dias, 2008, pg. 3). Para tal, a população deve se unir aos policiais com o objetivo de manter a localidade longe da criminalidade trabalhando em conjunto contra a desordem e

garantir a segurança, além de auxiliarem na solução de problemas, onde, de acordo com os autores:

“...o policiamento de proximidade traz toda uma nova filosofia que se baseia na ideia de que os agentes policiais e os cidadãos devem trabalhar em conjunto de forma a encontrar soluções para os problemas da comunidade relacionados com a criminalidade, com as desordens e com todos os problemas que, a nível local, contribuem para a diminuição do sentimento de segurança. Assim, esta nova estratégia deve permitir, por um lado, o envolvimento dos cidadãos no esforço de melhorar a qualidade de vida nos bairros e, por outro, descentrar a actividade policial do policiamento reactivo.” (Lisboa e Teixeira Dias, 2008, pg. 4)

O que nos relata o subtenente entrevistado quanto ao policiamento de proximidade com a comunidade Tavares Bastos:

“Na verdade existe um protocolo de policiamento comunitário que já existia antes dessa história. Mas, eu prefiro a nomenclatura “proximidade”. Porque realmente foi o que aconteceu com a vinda do BOPE pra cá para esse prédio. Houve a proximidade entre os moradores e se passaram... Hoje a gente tem esses protocolos no papel como uma política, mas, antes, o BOPE construiu isso com a proximidade, com a convivência, com a participação, com a interação com essas pessoas que viam a tropa descer correndo essa ladeira que vocês subiram e voltar correndo das praias da zona sul por dentro da comunidade. O BOPE fazia isso. Os comandantes realizavam os encontros com a comunidade e essa parceria foi uma parceria que hoje a gente não tem nem um órgão direto de ouvidoria aqui. Nem um órgão direto da PM atuando nesse sentido. É a própria comunidade, pautada na cidadania, que diz - pautada nas leis também – “olha. Aqui não pode ter mais narcotráfico. Aqui a gente tem transporte alternativo, mas ele precisa funcionar de acordo com as leis e código de transito, tanto pra moto quanto pra Kombi...”

Porém, o início dessa relação, Tavares Bastos e o BOPE, foi conflituosa. Para Pimentel Câmara (2011), a instalação do BOPE dentro de uma favela “significava algo como a instalação de um laboratório experimental de afirmação desta nova tática, a da ocupação permanente das favelas.” Para o autor, esse processo de institucionalização de uma ocupação policial e, conseqüentemente, a eliminação do tráfico apresentava um caráter exemplar de conduta para o comando da polícia. Em seu artigo para a revista Herramienta⁴⁵, relata a intimidação que os moradores sofreram diante as atitudes dos policiais que operaram na ocasião:

“Desde então, moradores, ainda que informalmente, narraram que a ocupação realizada pela tropa de elite da polícia militar acarretou uma tomada de poder por parte da polícia em relação aos traficantes, que foram sendo mortos e expulsos e que teria se consolidado uma ocupação policial permanente da favela. Narram ainda que o processo de eliminação do comércio ilegal de drogas, além da repressão violenta aos que abertamente o realizavam, incluía entrevistas com os moradores no sentido de se “averiguar as relações dos moradores com o esquema do tráfico local”. Nestas, os policiais utilizavam um grande fichário em que havia informações sobre os moradores e suas relações de trabalho, familiares e até pessoais, quando referidas a possíveis relações do morador com membros do tráfico local. Ao final da entrevista

⁴⁵ <http://www.herramienta.com.ar/revista-herramienta-n-48/risco-perigo-crise-copa-e-olimpiadas>

realizada pelos policiais fardados do BOPE, se pactuava a nova “administração” da favela em termos de: “ou se está conosco ou contra nós”. (Pimentel Câmara, 2011)

Hoje, passado 15 anos da chegada do BOPE, os moradores estão habituados com a presença dos policiais, com os treinamentos dentro da comunidade e, até mesmo, a convivência com os policiais já que alguns até residem na Tavares Bastos. Alguns casos de conflito na comunidade contam com a mediação e solução de problemas advindo do batalhão. Em uma conversa informal com um morador, ficamos sabendo que, em alguns casos, os policiais do BOPE são acionados para tratar de conflitos entre moradores. Então, perguntamos ao subtenente C. Soares sobre a questão:

“Somos. Briga de vizinhos, bêbados... As nossas demandas aqui são de alta criticidade, né?! (risos) Casais que discutem motivos passionais, que terminam o relacionamento... “Vamos chamar o BOPE que o nosso relacionamento não está dando certo” e “ele quer embora e eu quero que ele fique”. Outro tipo de demanda é motivo de paternidade, né?! “O cabra não vem aqui há 20 anos agora quer ver o filho” e eu falo dessa maneira, pra nós, não só... Não é lúdico, né?! Mas, a gente observa como mudou. A gente não gostaria de ser chamado – e é por isso que tornei essa parte da entrevista lúdica pra que vocês observem o conceito antagônico – a gente não quer ser chamado para o confronto. “Há um arma aqui na comunidade”, “há um ponto de vendas de drogas aqui na comunidade”, “há uma agressão clara da lei Maria da Penha”... Isso não é do nosso interesse. Mas, a gente quer ser chamado pra festinha da criança que já está incomodado por volta de duas da manhã, o som já está incomodando com Patati Patatá, coisas do gênero... Isso nos acontece. É real. Vem aqui e “olha, não aguento mais ouvir Patati Patatá, pedi pra diminuir” e é muito sério. E outros encontros do tipo encontros artísticos. Recebemos muita demanda pra realização de grandes eventos e todas às vezes a gente explica que o BOPE não é o dono da comunidade. Mas, a gente observa o quanto se desenvolveu no processo.[...] E é importante que eu diga isso na entrevista que eu vejo o quanto a nossa participação – enquanto agente público, e não o BOPE – é importante e de que maneira eu penso, ousar dizer, esse modelo poderia ser usado em outras comunidades se isso fosse possível. Reproduzir o que a gente consegue fazer aqui.”

Atualmente, os moradores da comunidade podem contar com dois projetos sociais do BOPE abertos a toda a população, porém, com o foco na comunidade Tavares Bastos. Em parceria com o projeto “Rio 2016” (antigo “Suderj em Forma”) da SUDERJ, o BOPE promove um projeto de artes marciais⁴⁶ onde ensinam gratuitamente o jiu jitsu, kickboxing e muay thai para crianças, jovens e adultos. Possui também um projeto de ginástica para mulheres da 3ª idade.

No início do ano de 2010, o governador Sérgio Cabral anunciou a transferência da sede do BOPE para o complexo da Maré, em Ramos, no quartel do antigo 24º Batalhão de Infantaria Blindada (BIB) do Exército para unirem-se com o Centro de Operações Especiais

⁴⁶ O projeto surgiu em 2009 visando à aproximação do BOPE com a comunidade Tavares Bastos, porém a procura foi tão grande que novas turmas foram criadas. O projeto já recebeu três prêmios pela Secretaria de Estado de Segurança Pública e SUDERJ, que foram: Prêmio Polícia Cidadã, Prêmio Esporte Seguro e Prêmio Rio 2016. Fonte: <http://www.bopeoficial.com/projetos-sociais/artes-marciais/>

(COE) deixando o local para a sede da Escola de Polícia Pacificadora. Logo 200 moradores se uniram e criaram o movimento “Fica, BOPE!”⁴⁷. Os moradores temem o retorno do tráfico de drogas e, com isso, a volta da criminalidade, e até mesmo a instalação de uma UPP:

“[...] tinha uma turma aí de neguinho que cheirava e fumava maconha. Era um horror. Eles chegaram aí, mataram todo mundo aí, e os que quiseram viver foram embora. Então, agora é tudo na paz aqui. Na paz.” (N. fem., 58 anos)

“Hoje tem muitas comunidades por aí que a UPP. Nossa senhora! É uma porcaria. Só acontece é coisa ruim. Os daqui, não. Eles são firmes. Muito sério. Respeitam as pessoas. Não dão papo pra muito das pessoas. Acho que é assim que tem que ser.” (J. masc., 50 anos)

“Se não tivesse (o BOPE) teria tráfico. O pessoal fica meio... “Não, não vou ali. É o batalhão do BOPE!” Aí fica bolado de vir aqui. UPP? Horrível! Pior que o tráfico! Hoje em dia, o polícia barriga azul, que eles consideram PMERJ, é a pior polícia que existe. Até porque, vou te falar legal, eles são sujos. Eles se vendem por causa de R\$ 5,00, R\$ 10,00. Cara, é o bandido fardado! Ladrão fardado. Eles roubam mesmo. Assim, tipo: “Tem quanto pra perder? Tá com a moto errada?” Tu olha assim, fala: “Que isso, cara”! Aí eles falam mesmo: “Tá conversando com bandido. Fala aí.” Imagina, o bandido é... Cara! Virou, isso aí é estado... é sério, uma coisa grave! O governo não quer... Cara, eles não estão nem aí. A segurança pública é horrível no Brasil. Tá horrível. Educação, saúde... Você vê aí! UPP, cara, pra aquelas bandas da Maré, sei lá, os policiais e os bandidos fazendo churrasco juntos, cara! Aí, tu: “Que isso?! Bandido e polícia juntos!” Fazendo um churrasquinho, ah... Que isso?” (A. masc., 30 anos)

Em nossa entrevista com o subtenente C. Soares, perguntamos sobre a proximidade com o Palácio Laranjeiras, residência oficial do governador do estado do Rio de Janeiro, se teria relação com a escolha do local de instalação da sede do BOPE. A questão foi negada pelo subtenente que completou dizendo que, com a tecnologia que o BOPE possui hoje, “*o aparelhamento tático operacional para responder a um evento como esse, quanto à tomada de refém, o que é a demanda para essa unidade, ele é respondido de 5 a 10 minutos de qualquer ponto do Rio de Janeiro por conta de uma aeronave.*” O subtenente ainda nos relatou que o local se tornou pequeno para abrigar o contingente de policiais lá lotados por conta do aumento de pessoal. Até o momento a sede do BOPE continua instalada na comunidade, porém, a transferência para o complexo da Maré é possível.

3.6 – OS SERVIÇOS EXISTENTES NA COMUNIDADE

O comércio abrange padaria, lanchonetes, salões de beleza, mecânicas de automóveis, conserto de eletrodomésticos, bares, minimercadinho que suprem as necessidades básicas cotidiana dos moradores, além de uma pequena imobiliária e de uma casa de shows - a The Maze - os estabelecimentos comerciais são, em sua totalidade, de propriedade dos moradores locais. Vendas “fiadas”, entregas nas casas, troca de serviços são comuns na localidade. O

⁴⁷ O movimento conta com um blog que pode ser acessado em: <http://movimentoficaboep.blogspot.com.br/>

transporte para dentro da comunidade, como já citado, fica a cargo das kombis e dos mototáxis, ou, então, carros e motos particulares. A comunidade também conta com o apoio de duas associações de moradores, a Associação de Moradores da Comunidade Tavares Bastos – liderada pela médica Dra Martha da Conceição Costa - e o Centro Comunitário Tavares Bastos – liderado pelo ex-mototaxista Kiko da Tavares.

No estabelecimento da comerciante Clarice, onde estivemos presentes com maior frequência, não era raro escutarmos alguém passar e “dar satisfação” a mesma por alguma dívida adquirida pelo consumo de sua mercadoria. Em certa ocasião, ela relatou-nos que vendia fiado para todos que conhecia na comunidade e que a prática era comum entre os comerciantes do local e que, somente não gostava de vender “fiado” àqueles que não prestavam contas na data marcada, pois, não recebendo o pagamento “prejudica na hora de descer para buscar mercadoria”. A rede de solidariedade existente na comunidade aparece de forma incorporada ao cotidiano dos moradores locais. A comunidade e seus habitantes atuam pautados em ações solidárias e de autogestão. O comércio supre a necessidade do dia-a-dia e pelo saber do “quem é quem”, do comerciante ao consumidor, constroem esse misto de confiança e solidariedade entre os moradores locais. Para Alvito e Zaluar (1999):

“Os laços de amizade e vizinhança, já incrivelmente ativos, são assim reforçados por laços de parentescos. Isso sem falar no parentesco ritual estabelecido pela existência de ‘compadres e comadres’. Esses diferentes tipos de relacionamento concorrem para existência de uma coesa e importante rede de solidariedade. Some-se a isso terem frequentado a mesma escola pública e o fato de que, muitas vezes, trabalham lado a lado ou mesmo ombro a ombro, carregando mercadorias. [...] A possibilidade de ajuda mútua está sempre presente: entre as mulheres, pedir uma caneca de açúcar, arroz ou óleo é bastante comum. Entre os homens, adiantar pequenas quantias em dinheiro, prestações de trabalhos e rodas de cerveja são as formas mais comuns de troca. Em ambos os casos, há uma etiqueta a seguir: a reciprocidade é um ideal as ser perseguido com esmero, e tanto a generosidade excessivo quanto a avareza são vistas como deslocadas num ambiente marcado pela horizontalidade das relações sociais.” (Alvito e Zaluar, 1999 pg. 194)

Além do pequeno comércio da comunidade, os moradores relatam que encontram no bairro do Catete o que falta na comunidade para suprir a necessidade dos mesmos, porém, com um alto custo e sem a informalidade que prevalece no comércio existente no entorno próximo. Nesses estabelecimentos, o fiado não existe e nem sempre os moradores dispõem de dinheiro para pagamento à vista, ou mesmo cartão de crédito:

“Supermercado eu acho muito caro, essa área aqui nossa, muito caro. Às vezes a gente ouve promoção em supermercados, como Guanabara, é um pouco distante, né?! Mundial, mas aqui no nosso bairro acho que faltaria um supermercado assim do porte do Guanabara, Carrefour, essas coisas assim que tem muitas promoções.” (I. fem., 62 anos)

O crescente interesse pela zona sul da cidade do Rio de Janeiro provocado pela nova forma de gestão da cidade vêm atraindo novos moradores e investidores, ocasionando a elevação nos preços dos imóveis e serviços nessas localidades. Consequentemente, o alto custo dos serviços e o elevado aumento dos produtos comercializados nessas localidades, aumentam de o movimento de “migração” por parte da população cuja renda não acompanha o novo mercado e criam condições que impedem a continuidade dos moradores no local, a chamada “remoção branca”.

O bairro do Catete é conhecido pelo seu amplo e variado comércio e pela facilidade de mobilidade devido às vastas linhas de ônibus, contando também com o Metrô e ponto de taxis, além das vans turísticas que fazem ponto no local. Os moradores da Tavares Bastos, ao questionarmos pelos serviços, foram claros em dizer que o bairro do Catete supre suas necessidades. Porém, quando questionados sobre os impactos na comunidade devido as grandes obras que vem sendo realizadas na cidade do Rio de Janeiro a maioria de nossos entrevistados presenciais referiram somente ao transito da cidade não percebendo nenhum outro impacto na comunidade Tavares Bastos:

“De uma certa forma sim, porque com essas obras, daqui pro centro da cidade a gente leva quase duas horas pra chegar. Tem atrapalhado bem, assim, eu acho.” (I. fem., 62 anos)

“Acho que essas obras afetam assim, quando a pessoa tem que sair pra trabalhar, ela tem que se programar pra sair mais cedo, ou mudar de rota pra não pegar esses engarrafamentos. Eu acho que o que eles estão fazendo é muito bom pra cidade, no futuro né?! Tem que ter agora um prejuízo, pra amanhã você ter o retorno. Eu acho bom essas obras.” (M. fem., 64 anos)

“Não afetam,não.” (N. fem., 58 anos)

“Na cidade? Não.” (R. fem., 75 anos)

“Não. Pra aqui, não. Porque as, pelo que eu sei, as reformas que eles estão fazendo são mais na área do porto, né?! Pra cá, pra nós não tá tendo muita diferença, não. Nada, eu acho. Mais lá pro lado do morro da Providencia que é o morro que está mais perto do cais ali. Eu acho que pra lá tá tendo mais influencia. Pra nós aqui, não vai ter muita influencia, não.” (A. masc., 42 anos)

Para a maioria dos entrevistados, não houve e não há impactos para a comunidade as obras que vem sendo realizadas na cidade do Rio de Janeiro. Há os que ainda avaliam que o bairro do Catete sofre com o descaso por parte do poder público e que precisa de melhorias:

“No Catete tá tendo muito assalto. Largo do Machado principalmente. Muito mendigo solto, ali deitado. Pivetes. Você não pode nem falar no telefone. Aqui você tá mais seguro que lá embaixo. Aqui você pode ficar a vontade! Não vai acontecer nada.” (R. masc., 38 anos)

“Na cidade tá demais! Lá pra baixo tá muito pior. Lá pra baixo tá muito ruim. Aqui, não. Aqui ninguém vem mexer com a gente, não... Aqui em cima, a gente tá guardado! Ali no Catete, no Largo do Machado, dá muito ladrãozinho. Dá muito pivetinho ali. Mas, eles não vão me pegar porque não ando por ali.” (E. fem., 70 anos)

3.7 – LIDERANÇAS E SERVIÇOS

Quando perguntados sobre os serviços públicos na comunidade, na pesquisa online, a grande maioria avaliou como “regular” e, na pesquisa presencial, obtivemos uma resposta mais abrangente onde parte dos entrevistados vê melhorias na comunidade devido ao líder comunitário conhecido por Kiko da Tavares do Centro Comunitário Tavares Bastos:

“Agora eles estão correndo atrás. Esse rapaz que eu estou te falando (Kiko) tá correndo atrás de tudo e tá indo bem. Acho que tá indo tudo certo.” (J. masc., 40 anos)

“Olha, tem um grupo de amigos que, na época eu jogava bola com eles, que é o Kiko... To sabendo que ele tá lutando pela Tavares Bastos, procurando um serviço comunitário. Acho importante o que ele tá fazendo aí, né?! Pelo menos, o... A outra política que tinha estava mais ou menos. Esse, pelo menos, tá divulgando o trabalho, tá fazendo. Ele tá correndo atrás. Então, eu acho que está tudo bem. Pelo menos, a minha irmã não vem relatando nada sobre falta de qualquer coisa. Tá sempre tendo luz, água... nada falta.” (R. masc., 38 anos)

“É fraco. Melhorou agora com esse garoto entrando aí querendo competir com a presidente aí. Tá melhorando um montão de coisas.” (R. masc., 56 anos)

As duas associações de moradores – ambas legalizadas pela FAFERJ (Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro) - disputam a simpatia e confiança dos moradores entre cartazes e faixas distribuídas na localidade auto atribuindo os méritos das melhorias feitas na comunidade. São transformadores trocados, asfalto refeito, brinquedos reformados, entre outros, sempre atribuídos a diferentes lideranças partidárias, que concorrem entre si, gozando de apoio e estabelecendo “acordos” com cada associação. Vários de nossos entrevistados referiram-se ao líder comunitário Kiko como a solução de parte dos problemas da comunidade. Alegaram, em grande maioria, que somente é feito algo para a melhoria da comunidade pelo poder público nas épocas eleitoreiras. Porém, com a “entrada do garoto”, muita coisa melhorou. Para os autores Borges e Pinheiro (2012):

“A liderança comunitária tem um papel decisivo no processo de desenvolvimento local. Com efeito, uma comunidade, coordenada e gerenciada por um líder, é capaz de desenvolver-se de modo sustentável, tendo consciência da interdependência de seus membros, sabendo que sucesso de todos depende do sucesso de cada um e que o sucesso de cada um depende do sucesso de todos. E essa consciência não acontece espontaneamente. É preciso, contudo, esclarecer que o surgimento de um processo de liderança não irá resolver todos os males da comunidade, mas é inegável que a capacidade de pessoas serem agentes de sua história, empreendedoras, criativas, inovadoras, buscando a realização de suas necessidades e a cooperação da comunidade, criando laços de confiança, organizando-se em redes e em parcerias,

em torno de valores e objetivos comuns, vai depender fundamentalmente de sua liderança.” (Borges e Pinheiro, 2012, pg. 2)

Em contrapartida, há os que sugerem que o “garoto” não “trabalha de graça” e que há políticos envolvidos no processo para garantir votos dos moradores. Nesse contexto, para os autores Dias e Lima (2009):

“O ciclo do clientelismo se fecha com a participação da liderança comunitária. O Líder comunitário funciona como elo entre o patron e a comunidade. Ao fazer com que o bem chegue à comunidade, a liderança associa sua concessão desse bem à solidariedade do patron estabelecendo assim uma dívida pessoal entre o cidadão e o patrão. A retribuição a esse ato de solidariedade é cobrada pela liderança por ocasião do processo eleitoral, fechando assim o ciclo de ajuda mútua. Muitas vezes essa retribuição vai além do depósito do voto na urna. A liderança consegue transformar a capacidade de mobilização da comunidade em uma verdadeira máquina de apoio político; a comunidade se transforma em um exército pronto para defender seu patrão na batalha eleitoral. É assim que “uma mão lava a outra”. Pode-se perceber, portanto, que dessa perspectiva, o clientelismo de massas é perfeitamente compatível com a democracia participativa. O apoio político, mais que o simples voto, é a moeda de troca pelo bem ou serviço público.”(Dias e Lima, 2009, p. 13)

Em nossas visitas a comunidade, conseguimos entrevistar ambos os líderes. Em nossa conversa com o Kiko da Tavares, que facilmente era encontrado visto que permanece o dia na comunidade trabalhando em prol da mesma, nos contou que atuava como mototaxi na comunidade e sempre se interessou por práticas associativas/comunitárias. Nascido e criado na comunidade, ao tentar se candidatar ao cargo de presidente da Associação de Moradores da Comunidade Tavares Bastos, alegou que foi impedido devido algumas regras que se encontravam no estatuto. Resolveu, então, fundar o Centro Comunitário Tavares Bastos:

“Isso eu sempre gostei! Aí, o pessoal falou “por que você não vem candidato a presidente?” aí, já fechou. Ela era minha amiga, virou inimiga. Ela não aceitou e já fechou o estatuto. “Só pode votar sócio com dois anos”, aí tem morador aqui de 80 anos e “gente! eu quero votar, moro aqui 80 anos... só porque não pago a carteirinha não tenho direito a voto?” No estatuto... Tem um estatuto. Ele diz que vota o sócio. É o certo. Se você não está satisfeito, tá insatisfeito, na hora o certo é o que? Na hora tu vai lá tu paga os R\$3, R\$5, sei lá quanto que é, acho que é R\$5, tu paga os R\$5 e vota. Mas, ela fechou isso. Não! Agora tem que ser sócio dois anos! Como isso, cara?! [...] Eu tinha que, em dois dias pegar, como ela foi eleita por 4 votos, eu tinha que pegar pelo menos 5 assinaturas. Em dois dias eu peguei mil oitocentas e tantas assinaturas. Dois dias. Já foi fundada uma nova associação que eu botei um outro nome, pra não misturar. Quem quiser procurar ela, ela faz o trabalho dela. Não falo mal dela. Ela é médica, a gente pode precisar dela. Quando ela falou ali pra mim agora “você tem que me respeitar!” “Eu te respeito. Eu só acho que seu tempo já passou. E, tanto, doutora, que sua vice-presidente está lá em casa todos os dias falando que a senhora tem que entregar isso. Já é uma hora, já” Vaidade... É vaidade.”(Kiko da Tavares)

Para a Dra Martha, que se intitula moradora da comunidade há 35 anos, sua eleição como presidente da associação é legítima e democrática:

“Esse prédio foi todo feito em mutirão, em doação. Essa janela por exemplo, foi o primeiro coronel aqui do BOPE que nos doou, o Coronel Moura. Catorze anos, nós temos quatro andares já. Quer dizer é uma troca, eu cedo, ela cede, e a comunidade

também, tanto esse conforto de ser bem recebido, como carinho, a atenção, a solidariedade. Você acredita que já tentaram tirar a gente e a comunidade não aceita?(risos). Nós fomos eleitos! Uma coisa muito diferente dos outros. A comunidade não aceita. A comunidade é fiel, uma coisa que eu vim a conhecer aqui no Rio de Janeiro. Aqui nessa comunidade. É uma coisa muito bonita, você acha que eu vou sair daqui? (risos).” (Dra Martha da Conceição)

Apesar da disputa pela liderança, ambos continuam trabalhando para trazer cada vez maiores benefícios para a comunidade. Alguns moradores do local se dividem entre as lideranças, outros não participam. Ao perguntarmos sobre as associações e a participação dos entrevistados nas mesmas, tivemos respostas diversas:

“Não participo. Eu participo quando eles fazem eventos. Eu tenho um carrinho e vou buscar bolo... Dia das mães, vou buscar gelo... Não quero saber de nada!”(

“Sim, sim, sim. Tem uns intrusos ai, que entraram que prejudica muito. É uma segunda associação que eles criaram. Tem mais ou menos um ano por ai assim. Mais o que motivou? É que todo lugar existe os dois lados, né?!”(M. fem., 64 anos)

“Da antiga, não. Porque nunca trouxe nada pro morro, pra nossa comunidade. Agora que tá vindo outra, tentando entrar ainda, tão montando outra, essa eu participo. Assinei até o abaixo assinado pra essa presidente sair e entrar o outro. A do Kiko é bom, da Dra Martha é horrível.” (A. masc., 25 anos)

“Não. Associação de moradores somos nós aqui. A associação é aqui.”(N. fem., 58 anos)

Não podemos deixar de ressaltar que essa não participação não é uma característica demonstrada somente por moradores de áreas como a Tavares Bastos, mas reflete um fenômeno que caracteriza toda a sociedade, talvez pela descrença nas instituições/organizações historicamente construídas, nas formas mais tradicionais de fazer política. E assim, essa relação com as associações de moradores passa a ter um cunho mais imediatista.

3.8 – A FAVELA CINEMATOGRAFICA

Diferente de outras comunidades pacificadas tidas como destino turístico, a comunidade Tavares Bastos é muito procurada para gravações de filmes, novelas, curtas-metragens, clipes musicais e comerciais. Desde a ocupação do BOPE na comunidade várias foram as filmagens na localidade. A comunidade já foi palco de produções de filmes internacionais como “O Incrível Hulk” e “Os Mercenários (2010)”, ou filmes nacionais como “Tropa de Elite” e “Maré, Nossa História de Amor”. Foi palco também da novela “Vidas Opostas” e episódios do programa humorístico “Porta dos Fundos”, além das inúmeras produtoras de filmes publicitários que buscam na comunidade o cenário para seus comerciais. No ano de 2003, o conhecido rapper Snoop Dog, grava parte do seu clipe musical “Beautiful”

– com a participação do compositor e produtor musical Pharrell Williams, ganhador de onze Grammy Awards⁴⁸ - na comunidade.

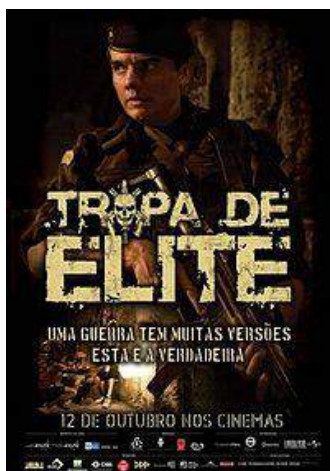


Figura 5: Capa do DVD Tropa de Elite (Foto: Divulgação Tanti Film Net), data da pesquisa: 08/08/2015.



Figura 6: O filme do incrível Hulk estrelado por Edward Norton em 2008 tendo a Tavares Bastos como cenário. [Foto: Divulgação Folha Online], data da pesquisa: 08/08/2015.

Tivemos a oportunidade de acompanhar uma das gravações de uma equipe estrangeira. Na semana anterior, vários cartazes espalhados pelos postes da comunidade avisavam sobre a data da gravação. Estivemos no dia e hora marcada e conseguimos presenciar e acompanhar as filmagens, porém não tivemos acesso às informações tanto do filme quanto dos produtores. Observamos que parte do elenco e dos auxiliares das filmagens eram moradores locais. Advertiam todo o tempo, entre eles, que não poderiam postar fotos nem filmagens durante alguns dias, pois a produção não permitia a divulgação das imagens das filmagens e figurinos. Opinavam sobre figurinos e locais para a filmagem. Pareciam familiarizados com toda a

⁴⁸ Prêmio da indústria musical internacional, presenteado anualmente pela National Academy of Recording Arts and Sciences dos Estados Unidos. O prêmio é considerado o Oscar da música.

produção. Escutei um morador que fazia parte do elenco falar para um terceiro que o cachê era de R\$ 150,00 e que era “melhor do que ficar em casa fazendo nada”.

A presença de produtores cinematográficos na comunidade é bem concebida pela maioria. Os moradores se dizem acostumados com a presença de artistas e produtores no local. Na enquete virtual 80% dos entrevistados tem como positiva as produções locais como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 4:

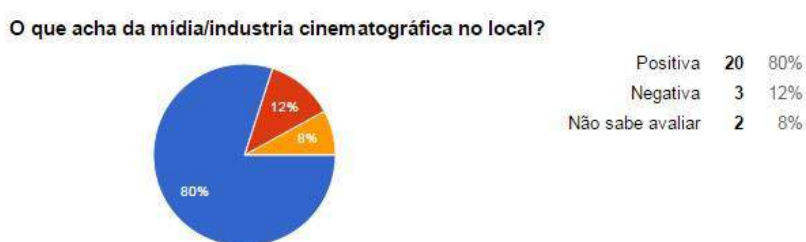


Gráfico 4 – Fonte: Dados da pesquisa online.

Para alguns moradores, as gravações trouxeram lucro para comerciantes e proprietários de casas utilizadas como cenário ou para descanso dos envolvidos nas produções. A comerciante Clarice nos relatou que nas gravações da novela “Vidas Opostas” vendeu muito dos seus quitutes devido à extensa quantidade de dias e horas em que o elenco e a produção passavam na comunidade. Contou-nos, também, que concedeu entrevistas durante reportagens de outras produções que tiveram no local. Relatou-nos toda a história com muita animação.

Alguns de nossos entrevistados salientaram sobre uma verba recebida pelas associações em função da autorização para a realização de filmagens na comunidade, o que nos chamou a atenção. O que pudemos constatar é que cada produção que utiliza a comunidade como cenário, paga uma quantia em forma de doação para uma das associações, a qual autorizou o evento. Na fala dos moradores podemos constatar que, além da verba doada ser de conhecimento da maioria, os mesmos questionam a forma como essa verba será utilizada, onde ela será investida.

“Quando vem pessoal filmar, é muito dinheiro que rola. [...] Mas, foi muito dinheiro. Foi o Hulk e vários outros. Cidade de Deus, Cidade dos Homens, novela pra caramba... Tem que pagar! Não pode chegar e gravar, não! Até porque é uma megaprodução. São 20 ônibus, entendeu? Vários artistas... Vem 3 geradores gigantes! Porra, cara! É muita... megaestrutura! Um negócio assim... Dois

helicópteros! Cara, a parada foi surreal do Hulk, aquele filme é... Teve Hulk, Cidade de Deus, Cidade dos Homens, Orfeu, O Homem que Copiava, tem muito filme que foi feito. Muito, muito... E, tipo assim, era pra isso aqui tá um luxo! A quadra tá coberta. Não sei se vocês foram na quadra ali. Era pra tá coberta, com taco... Mas, cara, muito desvio de dinheiro.” (A. masc., 30 anos)

“A nossa comunidade recebeu muito dinheiro. Teve o filme do Hulk, teve a novela Vidas Opostas... Cadê o dinheiro? Cadê?” (A. masc., 25 anos)

Conversamos com os líderes comunitários sobre tais doações, ambos afirmaram que elas existem, porém que são revertidas para melhorias na comunidade. É nítida a disputa entre o contato/contrato com os produtores onde enfatizam a necessidade dessas doações para a continuidade do trabalho de melhorias para a comunidade:

“É assim. A filmagem vem pra comunidade e eles deixam sempre uma doação. Doações de mil, de dois mil reais. Que essa doação você pode usar pra si próprio, pra pagar as contas da associação, que tem contas. Tem contas. E você pode usar para o bem que for, porque está no teu estatuto que você só pode receber doações. E entra como doação. Aí, o que que eu faço? Eu divido. Agora eles estão me procurando pra vir por mim, graças a deus, alguém olhou pra mim. Essa última agora veio comigo. (...) Paguei o restante do banheiro. Toda a gravação que vem eu faço alguma coisa. Eu fiz o banheiro da quadra. Agora to fazendo outro banheiro aqui. Toda filmagem que vem eu falo: vou tirar esse dinheiro aqui pra pagar minhas contas. Deixo a nota guardada, deixo tudo guardado certinho.” (Kiko da Tavares)

“É um problema que estamos vivendo nesse momento, isso aí começou tem um ano, e as pessoas acham que ficam impunes de tudo, tudo pode ser feito e não é bem assim, por que a gente construiu essa sede de quatro andares, com o dinheiro das filmagens, e atualmente a gente não sabe como tá sendo feito. Nós temos um ateliê de artesanato, com um professor que vem toda semana dar aula de artesanato, agora vão começar aulas também de capoeira, ensinar a fazer berimbau, instrumentos. Então esse é um problema que a gente vai ter que dar uma solução, através da nossa área jurídica, né?! Por que é benefício da comunidade. Ontem, por exemplo, me telefonaram pra falar: você viu o anúncio da Nescau? Tá passando direto na televisão, numa quadra da comunidade. E qual o benefício que a comunidade teve com isso? A não ser um o outro, que tenha tido um benefício individual. Nós além de termos o benefício individual, sempre tivemos uma espécie, que uma doação que retornava pra comunidade. A reforma das escadinhas, os corrimãos, aqui a sede, com 4 andares, tudo com essas verbas, né?! Que entravam como doação, e agora? Onde estão essas doações?!” (Dra Martha)

3.9 – TAVARES BASTOS E O TURISMO

Durante todo o nosso trabalho de campo observamos, POR uma única vez, turista na localidade em busca somente de conhecer uma favela. Diferentemente do que ocorre nas das comunidades tidas como destinos turísticos, a Tavares Bastos é bastante procurada por turistas – estrangeiros ou não – nas noites em que há eventos no local. Conhecida mundialmente por abrigar uma casa de show de jazz dentro de uma favela e por ter sido cenário de filmes de alcance internacional, a Tavares Bastos não tem tantas opções de visitação. As opções são ficam circunscritas ao The Maze e ao BOPE. Porém, mesmo que em pequena quantidade, há alguns grupos de turistas que procuram conhecê-la. Para os moradores, o turismo é um bem visto, porém não se veem beneficiados diretamente por ele:

“Ah! Eu gosto! Pra uns traz benefícios. Aqueles que estão guiando os turistas... Pra gente não que só olha. Mas, pra aqueles que estão guiando os turistas, mostram o morro todinho⁴⁹. Tem uma parte lá que é muito bonita.” (A. masc., 58 anos)

“Acho legal, né, cara?! Mas, assim, acho que eles poderiam fazer alguma coisa pra ajudar a comunidade. Eu digo, da entrada deles, fazer alguma coisa pra gerar um dinheiro e investir na comunidade.” (A. masc., 30 anos)

“Olha. Benefício, benefício eu não vejo, assim, quase nada, né?! Porque benefício mais é pra eles lá, entendeu?! Pra comunidade eu não vejo nada... mais é o movimento, entendeu?! O movimento que aumenta mais. E só isso.” (M. fem., 32 anos)

Assim, fica claro que os moradores não se veem beneficiados pelo turismo na localidade. Benefício para uns vem na forma da construção de uma nova visão da favela, como relatou um de nossos entrevistados onde concebia o turismo na comunidade como positivo, pois, “Os caras vivem num país bem mais desenvolvido que o nosso e vem pra cá e gosta da comunidade, do morro. Vê o morro e eles acham que é tipo uma maquete, (risos) tiram foto até do tijolo.” Para Freire Medeiros (2010):

“Se, muitas vezes, o interesse de ganho econômico em seu sentido mais amplo aparece como justificativa para uma valoração positiva do turismo por parte dos moradores, outras tantas vezes, porém, ser a favor do turismo significa apostar no suposto contraestigma possibilitado pela visita dos estrangeiros. Depois de verem com seus próprios olhos a favela – apostam os moradores –, os turistas seriam capazes de desmistificar a imagem violenta insistentemente reiterada pelas elites e veiculada pelos meios de comunicação.” (Freire Medeiros, 2010, pg. 38).

O turismo na Tavares Bastos muito se diferencia de outras comunidades tidas como destino turístico, como no caso da Rocinha onde diariamente são realizados cerca de 2 passeios por agências de turismo com o preço variado entre 60 e 80 reais por pessoa com somente o carro e o guia inclusos. O atrativo turístico, na percepção de alguns dos moradores, é a casa de shows The Maze:

“Tem! Com certeza. Quando tem evento do Bob (The Maze) Taxi e mais Taxi parando aqui de turismo. O pessoal tem aqueles guias que levam eles até o local. Saem também tranquilos. Várias pessoas que vem aqui em cima não só pela festa, mas também pra conhecer.” (R. masc., 38 anos)

“Ah, turista vem muito. Hoje é o que?... Toda primeira sexta feira do mês tem Jazz. Aí vem as pessoas, vem os artistas. Aqui serviu pra gravação de novela e outras coisas.” (J. fem., 53 anos)

“Vem muito. Gente lá de fora. Eles vem muito pra aqui. E, inclusive, dia de sexta feira aqui tem negócio de baile que eles faz lá em cima, é assim de turista. É. Eles vem, fica aí... é negocio de... Como é que é esses pessoal que vem daí do... Inglês, Frances, o que? Essas pessoas que vem praí, de fora? Gringos! E os gringos! Uma gringada danada que vem aí.” (N. fem., 58 anos)

“Tem atraído, tem atraído. Lá na casa do Bob mesmo, ele hospeda muito turista. Na época de carnaval vem muita gente. Nessa jornada da juventude que houve, vieram muitos turistas pra cá. E outra, os aluguéis também. Tem pessoas aí que aluga, mas

⁴⁹ Segundo o Kiko da Tavares, a comunidade recebe grupos de turismo guiado por guias de turismo autônomos.

quem mais pra turista é ele. Tem mais conhecimento. Eu ainda acho fraco, por que nós não temos assim, um atrativo melhor como tem em outras comunidades. Por exemplo ali no morro do alemão, né?!” (I. fem., 62 anos)

Para outros, a segurança advinda da chegada do BOPE é a responsável pela procura dos turistas pela comunidade:

“Eles vem mais aqui porque quem controla aqui é o BOPE. É área do BOPE. Então, diz assim “eu to seguro lá”.” (J. masc., 40 anos)

“Acho que eles vêm porque eles gostam daqui, né?! (...) Porque se não tivesse o BOPE aqui... Isso aqui já foi barra pesada! Uns anos atrás isso aqui era muito pesado.” (J. masc., 50 anos)

A casa de shows The Maze é propriedade de um inglês, radicado no Brasil desde os anos 70, chamado Bob Nadkarni, um ex- documentarista da BBC, que criou o projeto, uma construção labiríntica toda feita por ele nos anos 80. Também é um albergue capaz de receber até 30 hóspedes e oferece suítes com direito a café da manhã cada uma com cama de casal e banheiro privativo com diárias entre R\$ 170,00 e R\$200,00 para casal, mas também há a opção de ficar em quartos coletivos. Sua esposa Malu, nascida e criada na comunidade, é quem toma conta do The MAZE com ele.

No site TripAdvisor⁵⁰ alguns depoimentos de visitantes que se hospedaram no The Maze, ilustram o encanto dos mesmos com a casa de show/pousada:



Figura 12: Comentários de visitantes da The Maze [Fonte: http://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g303506-d810114-Reviews-The_Maze_Inn-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html], data da pesquisa 25/06/2015.

⁵⁰ Site de dicas de viagens, onde comer, onde dormir - é repleto de avaliações de hotéis, resorts, hostels e pousadas no âmbito internacional e para isso conta com as avaliações dos viajantes parceiros.

A relação de Bob com os moradores locais é amigável, mas sem muita proximidade:

“É ali fechado. Vai na casa dele, visita lá. Só conversa com ele. Aqui não tem um divertimento em nível de turismo. Aqui não tem museu, não tem alguma coisa assim, que prenda as pessoas. É mais na casa dele, vai lá, fica lá um pouco.” (M. fem., 64 anos)

“E há um hostel aqui de um inglês. Só sei o primeiro nome dele. Todo mundo o chama de Bob. O que me dizem... Eu só tenho relações com ele de cumprimentar, ele é muito amável, mas nunca tive acesso a ele. Ele tem um hostel com muito turista.” (L. masc., 68 anos)

“Eu sou um que pego a rebarba dele quando sai o pessoal. (risos) Não vendo muito quando eles vão. Vendo mais quando eles voltam. Todo mundo mamado... Tem muita gente da comunidade, tem muita gente lá debaixo, tem muitos gringos também. Vem bastante gente de fora. A maioria que frequenta lá é de fora. É uma festa que ele faz mais pro pessoal que não é daqui. Porque o pessoal daqui gosta muito é de funk, dessas coisas assim, né?! Lá, o pessoal debaixo, não. Gosta mais de uma discoteca, curte uma coisa que ele rola lá.” (A. masc., 42 anos)

A casa de shows é citada na revista “Downbeat”⁵¹ como uma das 163 grandes casas de jazz do mundo. Porém, no mês de abril deste ano, Bob recebeu um laudo da Secretaria municipal de Urbanismo (SMU) ordenando a demolição⁵² dos seis pavimentos do The Maze alegando risco de desabamento. O The Maze está no guia turístico da Riotur.

Ao conversarmos com os moradores sobre o crescente interesse mobiliário na localidade, todos relataram terem percebido um aumento na comunidade. Em nossa pesquisa online, 100% responderam que há um crescimento do interesse imobiliário na comunidade.

Com nossos entrevistados presenciais não foi muito diferente. A grande maioria reconheceu que a comunidade ficou mais “cara”. Responsabilizando a segurança devido ao BOPE ou a procura do local para produções cinematográficas, todos concordam que o crescimento do interesse imobiliário é sentido entre os moradores onde a comparação com um passado recente aparece em várias das respostas obtidas em nosso questionário:

“Tem, porque aqui tem segurança. Onde tem segurança tudo muda. Tudo aumenta o preço, aumenta tudo. Então, acho que, uma casa aqui antigamente custava R\$ 10.000, você não consegue uma casa aqui por menos de R\$50.000, R\$ 80.000. Há 10 anos atrás, comprava por R\$ 10.000, R\$ 12.000. Se quiser alugar uma casa aqui, não tem. Um aluguel aqui custa R\$ 800,00, R\$ 900,00. Você ganha isso? Não ganha.” (J. masc., 40 anos)

“Bastante. A procura, né?! Valor também aumentou muito. Aluguel você pagava R\$ 200, hoje em dia você não paga mais. Nem em lugar nenhum, né?! Verdade.” (R. masc., 38 anos)

⁵¹ Conceituada revista norte americana de jazz. Edição digital:

http://www.downbeat.com/digitaledition/2015/DB1502/_art/DB1502.pdf

⁵² O Globo. 18/04/2015. Url: <http://oglobo.globo.com/rio/badalada-casa-de-jazz-na-comunidade-tavares-bastos-no-catete-the-maze-pode-ir-abaixo-15917565>

“Caro. Caríssimo. Tanto pra alugar quanto pra comprar. Tem algumas pessoas que tem alguma coisa pra alugar, às vezes alugam muito caro. Acho que a pessoa... por exemplo, eu já morei de aluguel. Se eu tivesse a oportunidade de comprar uma casa eu jamais iria alugar com um preço além do que ele ganha. Não! Eu já morei de aluguel, eu sei o que é morar de aluguel. Eu acho que a gente tem que ajudar as pessoas.” (J. masc., 50 anos)

“Cresceu. É mais caro. Depois que o morro passou a ter mais segurança, que já tem 10 anos que tem a segurança aqui, então as pessoas se sentem mais seguras, entende?!” (J. fem., 53 anos)

“Tá muito caro! Quando eu vim morar aqui, tinha casa até de R\$ 2.000. Aqui em cima. Agora, menos de R\$ 80.000 você não compra uma casa. É, tá muito caro. Muito caro mesmo. Aluguel também subiu muito. Aluguel aqui tá na base de R\$ 600. R\$ 1.000. Isso eu acho um absurdo, mas... Por causa do pessoal que vem fazer filmagem aqui em cima então eles querem ser tudo. A Globo e a Record vem muito aqui em cima pra fazer filmagem aí eles se...” (N. fem., 58 anos)

“Muito caro. O aluguel aqui tá muito caro. Hoje em dia você paga num quarto, num quarto com banheiro, né?! Você não paga menos de R\$ 500.” (M. fem., 32 anos)

“Sim, sim. É porque não tem, né?! Mas, quase todo o dia a gente vê gente pra compra, procurando. Pra alugar. E caro que é! Um quarto com banheiro, R\$ 500, R\$ 600.” (R. fem., 75 anos)

“Muito. Tem aumentado muito. O pessoal tem procurado muito. O valor muito alto.” (D. fem., 31 anos)

“Valorizou bastante. Ah! Quando tinha movimento de tráfico não valia quase nada. Acabou quando a BOPE veio pra cá, vai fazer uns 20 anos, aí valorizou. Uma casa que era 80 agora vale 120, 140...” (R. masc., 56 anos)

“Depois que o BOPE veio pra cá, o pessoal faz uma casinha e aluga tem muita coisa assim.” (M. fem., 64 anos)

“Muita casa sendo vendida, e assim, apesar de ser comunidade, um preço assim até razoável.” (I. fem., 62 anos)

Para o bibliotecário da biblioteca da AMCTB, ainda não há um interesse Imobiliário de grandes empresários. Em sua percepção “a Tavares Bastos, no fundo, ainda não foi descoberta. Tu acordas com a vista mais linda do mundo! Imagina empresários imobiliários aqui? Ainda não descobriram, ainda bem!”. O mesmo não acontece no conceito do empresário Bob Nadkarni. Para ele, a demolição da The Maze seria o início de uma intensa cruzada de remoções com o objetivo final de remover todos da comunidade Tavares Bastos. Para o autor Gaffney (2013):

“A presença do Estado via UPPs mexeu dramaticamente com a vida nas favelas com resultados incertos no longo prazo. Pelo lado positivo está o rompimento de uma indiferença histórica e impasse tático por parte do Estado (Fischer, 2011; Osório, 2003; Perlman, 1980). No lado negativo, o espectro de especulação imobiliária, a remoção forçada pelos projetos de infraestrutura liderados pelo Estado, e outros processos de deslocamento residencial. Existem claros processos de alteração, transformação e reorganização espacial em curso, mas ainda não vemos substituição residencial em larga escala. Independentemente, existe evidência suficiente para sugerir que as UPPs iniciaram processos de gentrificação (“Valor do aluguel imobiliário aumenta”, 2011). Esses processos são complexificados pela necessidade real de melhoras materiais, sociais e simbólicos nas favelas. Se essas melhoras vêm

sem a implementação de controles de aluguéis, as pressões da gentrificação terão manifestações mais imediatas.”(Gaffney, 2013, pg. 13)

3.10 - O DESTINO DA COMUNIDADE NA VISÃO DOS MORADORES

“O futuro não pode ser previsto, mas ele pode ser inventado.” Dennis Gabor in Inventons le Futur/ ed. Plon, 1963.

Numa época marcada pela incerteza, finalizamos nossos questionamentos aos moradores com uma indagação a respeito de suas perspectivas quanto ao futuro da comunidade, do bairro. Entre esperança e desanimo/desalento, tivemos as mais diferenciadas respostas, como mostra o quadro abaixo com algumas das respostas do questionário online:

Quadro 5

A seu ver, qual o futuro da localidade?
É uma comunidade que tem tudo pra ser bem no futuro.
Promissor.
Brilhante!
Com a nova administração da associação, se não subir a cabeça e não houver interesse pra si próprio, a comunidade irá prosperar.
Próspero.
Cada vez vai piorar.
O futuro é incerto.

Quadro 5 – Fonte:Dados do questionário online

Isso pode ser justificado por certa incerteza sobre o futuro pessoal, da comunidade, até mesmo, da cidade do Rio de Janeiro, seja ela por crenças, falta de informação ou pelo descrédito em relação às propostas e intervenções apresentadas pelo poder público. Ameaças constantes da retirada do BOPE da localidade fortalecem o receio dos moradores de um futuro incerto. Porém, há aqueles que acreditam num futuro melhor. Pelas respostas obtidas podemos perceber a variável entre esperança e medo:

“Eu quero é melhoramento aqui demais! Eu quero é muita coisa boa. Fazer uma pistazinha boa, fazer uma pracinha aí direito, legal... Agora botaram um negócio ali, pras crianças ali. A gente vê aí nos morros aí, Santa Marta, esses outros morros tudo, é bonitinho, tudo arrumadinho... Gosto muito daqui... Gosto muito daqui. Deus me livre o BOPE sair daqui.” (E. fem., 70 anos)

“A tendência é melhorar, né?! Pra mim a tendência é melhorar.” (A. masc., 58 anos)

“Olha... Da maneira que tá indo, analisando da maneira que tá indo vejo um futuro bom. Um futuro bacana pra quem tá chegando agora. E quem mora aqui só tem a ganhar com isso, né?! Acho que, o que está acontecendo vai melhorar mais e mais. Com certeza.” (R. masc., 38 anos)

“Futuro do Catete? Falando hoje do jeito que tá, o futuro vai ser bem pra baixo. Eu digo pela segurança do Catete, você vê na televisão, tá uma roubalheira do caramba... Tá jogado as traças. Já foi Catete. O Catete já foi Catete! A delegacia do bairro fechou. Tá difícil...” (A. masc., 25 anos)

“Vai melhorar cada vez mais, se deus quiser.” (J. masc., 50 anos)

“Ah, pra te falar a verdade... Ainda nem parei pra pensar. Porque, tipo assim, eu não sou daqui, né?! Eu não sou daqui do Rio. Então, eu não sei se daqui a dois anos, três anos, se eu vou passar minha vida toda aqui. Eu pretendo voltar pra minha terra, né?! Então, não sei te dizer isso. Espero que progrida, né?! Que melhore cada vez mais. O bom é que progrida!” (M. fem., 32 anos)

“Eu acho que vai ser bom. Para o futuro, mais pra frente, sabe?!” (R. fem., 75 anos)

“O futuro... Sinceramente? Acho que nem tem. É isso aí que a gente vê. Violência pra tudo que é lado. Nada muda. Violência que eu falo, no bairro. No Catete. Agora aqui na comunidade não tem essas coisas de violência, não... Não vejo nada de futuro, não. Até o presente tá difícil! Prevê o futuro, piorou...” (D. fem., 31 anos)

Podemos perceber que, para muitos dos moradores, a atuação do poder público na comunidade, seja a falta dessa atuação ou a forma de atuação prevista, constitui uma das inseguranças do futuro. Com a saída do BOPE da comunidade e a entrada da escola de polícia pacificadora⁵³, os moradores temem trocar a certeza da segurança da comunidade pela incerteza da atuação dos novos atores do antigo “esqueleto”. Para Fleury (2012):

“Este sentimento de insegurança em relação à realização de suas expectativas por parte do poder público mina as bases do desenvolvimento da condição de cidadania, fundada nas garantias explícitas e exigíveis na relação com o estado. A certeza de que o mercado avança sobre o território, enquanto o Estado se apresenta fundamentalmente como coerção, retira a possibilidade de que essa proposta se torne hegemônica, malgrado o grande investimento da mídia em tratar a pacificação como uma solução mágica.” (Fleury, 2012, pg. 216)

Durante nossas pesquisas sobre a comunidade, encontramos em um artigo⁵⁴ do Jornal O Globo do ano de 1994 intitulado “Os verdadeiros donos dos morros” onde tratava do tema sobre os proprietários dos terrenos que hoje são comunidades/favelas. Dentre as localidades a comunidade Tavares Bastos se destacava pelo diferencial nas questões das buscas de reintegração de posse pelos proprietários. Na época do artigo, o arquiteto Gilberto Raulino havia dado entrada, na prefeitura, a um processo de doação do terreno onde hoje se encontra a comunidade. Esse processo já estava sendo analisado pela prefeitura há três anos anteriores a data do artigo.

As constantes ameaças de remoções são a principal causa das incertezas dos moradores de comunidades de baixa renda. Na comunidade da Tavares Bastos, essa questão foi levantada por poucos, apesar do recente passado onde 16 famílias foram removidas da comunidade⁵⁵. Bob Nadkarni chega a dizer que “se pudessem, eles colocariam o Cristo

⁵³ Concebida para ser o novo centro de formação dos agentes que atuarão nas futuras UPPs, capacitando, também, os militares dos atuais e novos órgãos da corporação, além de reciclar quem já está em ação nas comunidades, está prevista desde o ano de 2011 que será instalada na atual sede do BOPE. Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=354505>

⁵⁴ Jornal O Globo. 04 de Setembro de 1994, Matutina, Rio, página 30

⁵⁵ O Globo. 28 de dezembro de 2000. Pg. 10 Caderno Zona sul.

Redentor abaixo e construiriam um bloco de apartamentos luxuosos no lugar” em uma entrevista que deu para um canal⁵⁶ do YouTube denunciando o interesse pela localidade:

“Eles sempre quiseram esse lugar. É perto do centro da cidade, é na badalada zona sul, tem vista para os mais bonitos cartões postais do Rio. Esse lugar é tão valioso que agora que a cidade cresceu eles querem tomar de volta. (...) Se eles tiverem sucesso, pode acreditar, o trabalho de minha vida vai ter sido destruído e em breve eles vão vir tirar as casas de todo mundo também. Vão tirar tudo de todo mundo. E vão manda-los pro subúrbio, onde eles não podem nem trabalhar.” (Entrevista com Bob Nadkarni acessada em <https://www.youtube.com/watch?v=bn057LYR8vs>)

Em outra entrevista⁵⁷ para o Rioonwatch (Rio Olympics Neighborhood Watch, Comunidades do Rio de Olho nas Olimpíadas), um projeto da organização Comunidades Catalisadoras (ComCat) para dar atenção local e global para os pontos de vista oriundos das favelas do Rio de Janeiro até as Olimpíadas de 2016, Bob denuncia o processo das remoções:

“The MAZE é só o primeiro passo para as autoridades começarem a remover moradores da Tavares Bastos, um por um, criando oportunidades para imobiliárias”. (Entrevista com Bob Nadkarni acessada em <http://rioonwatch.org.br/?p=14342>)

Embora outros dispositivos sejam mais frequentemente acionados, o meio ambiente, o discurso do risco, da sustentabilidade costumam ser usados para boa parte das justificativas elaboradas e mobilizadas para sustentar remoções de favelas. A comunidade Tavares Bastos conhece o processo. Hoje, a comunidade é restrita aos eco-limites, frequentes alvos de denúncias.

As políticas urbanas vêm sendo justificadas pelos processos de renovação urbana e, também, pela recuperação ou preservação ambiental nas cidades. A construção do discurso da questão ambiental é embasada no discurso da culpabilidade das favelas pela degradação ambiental que definem as habitações nesses locais como uma ameaça à preservação ambiental, assim como o risco de desabamentos. Para Gonçalves (2012):

“As favelas cariocas sempre foram relacionadas à noção de algum tipo de risco para a cidade: desde o risco epidêmico levantado pelo discurso higienista, passando pelo risco social de uma convulsão social provocada pelos comunistas, até, mais recentemente, aos riscos associados à violência urbana. O uso indiscriminado da noção de risco ambiental, nos últimos anos, vem reforçando o rol de representações negativas das favelas, legitimando o retorno de medidas voltadas para a sua erradicação. O discurso biocêntrico de conservação do meio ambiente vem sendo evocado, sobretudo, curiosamente, nas áreas de maior interesse do mercado imobiliário, para proteger as áreas verdes da cidade, negligenciando, no entanto, o problema da qualidade de vida da população residente nas favelas.” (Gonçalves, 2012, pg. 2)

⁵⁶ Url: <https://www.youtube.com/watch?v=bn057LYR8vs>

⁵⁷ Url: <http://rioonwatch.org.br/?p=14342>

Para o autor, as transformações urbanas nos últimos anos na cidade do Rio de Janeiro são justificadas pelo discurso de preparar a cidade – e a emergência do mesmo - para os grandes eventos. Assim, “o discurso ambiental corrobora no projeto de cidade elitista e excludente que se desenha para os próximos anos no Rio de Janeiro.” (Gonçalves, 2012, pg. 2)

Isso posto, os moradores de comunidades de baixa renda vivem em uma eterna incerteza referente ao futuro. Seja pelas constantes ameaças dos órgãos públicos, seja pela ameaça dos altos custos para a sobrevivência nessas almejadas localidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propunha demonstrar como a comunidade Tavares Bastos, situada no bairro do Catete, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, vem se adaptando as demandas colocadas pelo momento atual da cidade. Como nosso objetivo era avaliar os possíveis impactos na comunidade, das transformações ocorridas na cidade ao longo dos últimos anos, fez-se necessária a utilização do recurso da entrevista, e também de questionário, que nos auxiliasse numa aproximação com os moradores, e na coleta de dados. A partir da análise realizada, o que pudemos observar é que o impacto dessa nova forma de gestão das cidades no âmbito globalizado e as intervenções urbanas a partir desse modelo acaba por violar os direitos sociais - o direito à cidade, o direito a moradia, os direitos humanos fundamentais - em prol da lógica econômica.

Com a (re)valorização dessas áreas e ao possibilitar o turismo em áreas pobres as pacificações se relacionam intrinsecamente com a especulação imobiliária e o mercado de turismo incluindo nessa prática um constante processo de reorganização espacial e mudança do conteúdo social e econômico de determinadas áreas. Fato é que os exercícios turísticos relacionam-se diretamente com a nova política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, centrada nas Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs. As pacificações nas favelas da cidade do Rio de Janeiro acabam por promover mudanças nas relações interpessoais e no próprio espaço inseridas, seja de filiação ou rejeição com os espaços contemplados pelas mesmas.

Como pudemos observar a pacificação da comunidade Tavares Bastos se deu – e permanece - de forma diferenciada de outras localidades também pacificadas. A segurança encontrada hoje no local atraiu muitos produtores cinematográficos. Os moradores, através das entrevistas, ressaltam que o título de primeira comunidade pacificada é da Tavares Bastos, e não a comunidade Santa Marta, em Botafogo, pacificada em 2008, já que a instalação do comando do BOPE se deu no ano de 2000.

A diferença na “pacificação” da citada comunidade se dá na forma em que foi concebida: não apenas pelo fato de acabar com o tráfico de drogas, mas para implantar a sede do BOPE no antigo prédio abandonado no alto da comunidade. O mesmo não ocorreu (e não ocorre) em outras localidades. Já foram algumas as mortes conhecidas por meio das mídias e das denúncias de lideranças locais e familiares responsabilizando policiais militares nas localidades que abrigam UPPs. Diferentemente, a comunidade Tavares Bastos não é

submetida pelos policiais locais da mesma forma em que as favelas onde estão instaladas as UPPs. Por mais que os moradores peçam autorização para seus eventos, auxílio em conflitos entre moradores e seus líderes comunitários mantenham vínculo contínuo com o BOPE, nenhuma relação com violência policial foi relatada em todo o nosso percurso da pesquisa no local.

Em relação ao turismo no local, podemos constatar que a comunidade não ficou excluída de ser promovida como destino turístico. Desde a gravação do videoclipe do pop star Michael Jackson muito se investiu no turismo na favela. Além de reconhecidas como destinos turísticos pela RIOTUR, várias são as empresas particulares que vem investindo nesse setor ao longo dos anos. Guias de turismo aparecem com grupos de estrangeiros ou mesmo brasileiros de várias partes do país dando explicações históricas, políticas, sociais e culturais sobre as favelas visitadas. O mesmo acontece com a comunidade Tavares Bastos. Ainda que possa trazer um relacionamento favorável com os moradores, o turismo na Tavares Bastos – sobre a ótica dos próprios moradores entrevistados – não traz nenhum benefício aos mesmos no que diz respeito ao retorno econômico. Unicamente lhes agrada a ideia de que uma “nova imagem” das favelas será propagada ao mundo (o que não quer dizer especificamente que, de fato, será) e que isso é bom para imagem da favela, da cidade e dos moradores dessas localidades.

De fato, essa pacificação específica na comunidade acabou por chamar a atenção de equipes de filmagens, que encontra tudo o que quer de uma favela carioca: o exótico, o autêntico, salvo a criminalidade.

A grande maioria dos entrevistados não sente impactos na comunidade, poucos citam que o único impacto que o Catete ao todo vem sofrendo, é em relação ao trânsito, aos engarrafamentos, que se espalham pela cidade em geral, mas nada que afete de modo particular a comunidade.

Quando questionados sobre o preço dos imóveis, tanto aluguel quanto venda, os moradores revelam o aumento no valor, mas atribuem isso a chegada do BOPE, e depois a visibilidade da comunidade, que se localiza na zona sul, e que já foi local de gravação de novelas, comerciais, e outros. Mas tudo isso se dá, de certa forma, em consequência da instalação do Batalhão.

O transporte na comunidade é realizado por mototáxis e kombis legalizadas junto à prefeitura, o que é colocado por alguns moradores é quanto à gratuidade, que ainda não é

aceita nas kombis, os chamados “Cabritinhos”. Para subir até a comunidade é necessário a subida de várias ladeiras em “S”, até a parte mais alta. O que nos foi apontado é que as mães que precisam levar seus filhos a creche ou a Escola, ou descer (já que na comunidade não existe escola ou creche) e sobem a pé, ou precisam desembolsar de quatro e cinquenta a nove reais. Segundo eles, quando chove fica ainda mais complicado. Ou seja, a gratuidade de estudantes e idosos nas kombis seria de vital importância.

Uma questão central que apareceu ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho foi a da liderança comunitária. Nosso trabalho se iniciou na comunidade, em um momento de acirrada disputa política, por parte de dois líderes comunitários. Um com mais de 10 anos no comando da associação de moradores, e o outro que há pouco mais de um ano entrou na “briga” para ser a liderança política da comunidade, e que fundou uma “segunda” associação, ou melhor, um Centro Social Comunitário.

A política é algo marcante na comunidade, não só quanto à disputa pela liderança local. Considerando os relatos dos moradores, é possível identificar que a comunidade também é “observada” como um local disputado por lideranças político-partidárias, que vislumbram os moradores como eleitores, possíveis, e, por que não, votos para seus candidatos ou para si mesmos. Ao contrário do que se pensa, os moradores possuem certo senso crítico e têm consciência dessa manipulação a que são submetidos, e de certo modo tiram partido disso. Uma comunidade que cresceu ao longo dos últimos anos, bem localizada, e que seu principal símbolo, é uma instituição do estado.

Por fim, no jogo do capital na era da globalização unido ao controle elitista e racista sobre os moradores das áreas de populares da cidade, com o discurso de revitalizar determinadas áreas, o poder público tem transformado a vida de diversas famílias em uma eterna dúvida de suas permanências nos locais alvos de intervenções.

O propósito deste trabalho é explicitar as contradições que permeiam a realidade dos moradores das comunidades onde as intervenções urbanas desse novo modelo de gestão de cidades afetam a vida, o cotidiano e as relações de uma população que tem constantemente seus direitos violados, de modo a possibilitar uma reflexão sobre essas ações do poder público que trespassam os direitos do cidadão em prol do capital especulativo do setor imobiliário e do setor de turismo precarizando ainda mais a vida das camadas populares.

Falta de diálogo, desqualificação da população de favelas, terror psicológico, truculência, desrespeito às leis pelo poder público, complacência dos órgãos fiscalizadores,

uso do espaço para o mercado de turismo, todas essas questões fazem parte do jogo para o deslocamento da população das favelas para áreas distantes dos seus locais de origem, onde são cortados seus laços familiares e de pertencimento com a região. As remoções ainda não vêm se apresentando de forma compulsória aos moradores da Tavares Bastos, mas não se sabe até quando eles poderão permanecer no morro, em função da especulação imobiliária e do aumento do custo de vida no bairro.

Sendo o Serviço Social uma profissão que busca a emancipação dos indivíduos através defesa e garantia dos direitos sociais, entendemos que essa profissão deve oferecer contribuições para o enfrentamento do processo de segregação socioespacial na luta pela mudança desse paradigma, encontrando meios para a formulação de políticas urbanas, reafirmando a prevalência dos direitos humanos e lutando pelas transformações necessárias para que a cidade desempenhe sua função social.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, Marcos e Zaluar, Alba. **Um século de favela**. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.

AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho: A história secreta do crime organizado**. Editora Record. Rio de Janeiro, 1993.

Batalhão de Operações Policiais Especiais, Disponível em:< <http://www.bopeoficial.com/>>. Acesso em: 28/06/2015.

BEZERRA, Josué Alencar. **Como definir o bairro? Uma breve revisão**. GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v. 1, n. 1, p. 21-31, jan./jun, 2011.

BORGES, Ricardo Cesar de Oliveira. PINHEIRO, Daniel Rodrigues de Carvalho. **“Relacionamento da liderança comunitária com o processo de desenvolvimento local”**, disponível em:<<http://www.uece.br/mag/dmdocuments/ricardo.pdf>> Acesso: 04/08/2015.

CÂMARA, Breno Pimentel. **“Insegurança Pública e conflitos urbanos na cidade do Rio de Janeiro”**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2006.

CARVALHO, Fernanda Caixeta. Silva, Flavia Damásio. **“Turismo e favela: Um estudo sobre a favela Santa Marta e o papel das unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro”**. In: Cadernos Proarq 19. Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO, Luciana Gonçalves. **Vocações do Catete: Trabalho, Território, Tradição**. Rio de Janeiro: Iphan, CNFCP, 2007.

CECCHETTO, Fátima. FARIAS, Patrícia. **“Tu mora onde?” Território e produção de subjetividade do espaço urbano carioca**. In: Cidades, olhares, trajetórias / Sandra de Sá Carneiro, Maria Josefina Gabriel Sant’Anna (organizadoras). - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

COMPANS, Rosemary. **“A regularização fundiária de favelas no Estado do Rio de Janeiro”**. In: Revista Rio de Janeiro, n. 9, p. 41-53, jan./abr. 2003.

COMPANS, Rosemary. **“Parceria Público-Privado na renovação urbana da zona portuária do Rio de Janeiro”**. In: Cadernos IPPUR, ano XII, nº. 1, jan-jul/1998, p. 79-101.

DURÃO, Susana. WACQUANT, Loïc. **“O corpo, o gueto e o Estado penal: entrevista com LoïcWacquant”**, Etnográfica [Online], vol. 12 (2) | 2008, posto online no dia 05 Julho 2012, consultado no dia 15 Maio 2013. URL: <http://etnografica.revues.org/1811>; DOI: 10.4000/etnografica.1811.

FLEURY, Sonia. **“Militarização do Social como estratégia de integração – o caso da UPP do Santa Marta”**. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 14, n° 30, mai./ago. 2012, p. 194-222.

FREIRE, Letícia de Luna. **“Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados”**. In: Dilemas Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social Vol. 1 - n. 2 – out/nov/dez. Rio de Janeiro, 2008.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **“A favela e seus trânsitos turísticos”** Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica Volume II – Número 2 – Junho de 2007.

GAFFNEY, Christopher. **“Forjando os anéis: a paisagem imobiliária pré-olímpica no Rio de Janeiro”**. In: Revista Eletrônica E-metropolis, nº15, ano 4, dezembro de 2013.

GERSON, Brasil. **“Historias das ruas do Rio”**. Ed. Bem-Te-Vi. Rio de Janeiro, 2000.

GONÇALVES, António Custódio. **Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais**. In: Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série. Vol. IV - Porto, 1988 p. 15 a 32.

GONÇALVES, Aureliano Restier, 1881-1967 **“Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: Terras e fatos”**– Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das Culturas, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2004. 404p., il. – (Coleção Memória Carioca, vol.4).

GONÇALVES, Rafael Soares. **“A construção social do risco e as remoções das favelas cariocas”**. 36º Encontro anual da ANPOCS - 21 a 25 de outubro de 2012 - Águas de Lindóia – SP.

HALLEY, Bruno Maia. **O bairro e seus enredos: Desatando a trama do lugar na cidade..** XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. 2013.

HARVEY, David. **“O direito à cidade”**. In: Lutas Sociais. São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

IBGE. Base de Dados. In: Censo Demográfico, 2010.

LISBOA, Manuel e TEIXEIRA DIAS, Ana Lúcia. **“Organizações e Meio Ambiente: O caso do ‘policiamento de proximidade’”**. VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 25 a 28 junho de 2008 – Universidade Nova Lisboa.

LOPES, Carlos Renato. **“Em busca do gênero lenda urbana”** LemD, v. 8, n. 2, p. 373-393, maio/ago. 2008.

MAIA, Rosemere Santos. **Entre a Maravilha e o Caos: Política Urbana, Ordem Pública e Criminalização da Pobreza no Rio de Janeiro do século XXI**. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR. V.15, 2013.

MAIA, Rosemere. **Rio de Janeiro, de corpo e alma, segundo os cariocas**. XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 21 a 25 de maio de 2007. Belém - Pará – Brasil.

MUSEU DA REPÚBLICA, Disponível em: <<http://museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/#historiaMuseu>> Acesso em:08/07/2015.

NACIF, C. L. Cardoso D.C. Ribeiro M. B. **“Estado de choque: Legislação e conflitos no espaço público da cidade do Rio de Janeiro – Brasil (1993-2010)”**. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR. Maio de 2011. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Agenor Lopes de. **Toponímia Carioca**. Coleção Cidade do Rio de Janeiro, V.3 – pg. 61. Prefeitura do Distrito Federal, 1935.

PASSOS, Alexandre. **O Rio no tempo do “onça”**. Século XV ao XVIII. 4º Ed. Livraria São José. Rio de Janeiro, 1965.

PÉREZ, Beatriz Corsino. CASTRO, Lucia Rabello. **Jovens no Rio de Janeiro: Percursos, inseguranças e riscos**. Educação, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 107-120, jan./abr. 2011.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **“Conceitos de Comunidade, Local e Região: Inter-Relações e Diferença”**. Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009.

PIMENTEL CÂMARA, Breno. **“Risco, Perigo, Crise, Copa e Olimpíadas”**. In: Revista Herramienta N° 48. Outubro de 2011.

PROJETO “ESPAÇO DA REPÚBLICA”. Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC), disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac/anexos/catete_textos.pdf> Acesso: 16/04/2015.

RENARD, Jean-Bruno. **“Um gênero comunicacional: Os boatos e as lendas urbanas”**, Revista FAMECOS. Porto Alegre nº 32 abril de 2007.

SÁNCHEZ, F; BIENENSTEIN, G.; MASCARENHAS, G.; OLIVEIRA, A. **Megaeventos e Metrópoles: Insumos do Pan-2007 e as perspectivas para as Olimpíadas de 2016**, em OLIVEIRA, F. L.; CARDOSO, A. L.; COSTA, H. S. M.; VAINER, C. B. Grandes Projetos Metropolitanos: Rio de Janeiro e Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Letra Capital/Observatório das Metrópoles. 2012.

SÁNCHEZ, Fernanda. **“A reinvenção das cidades na virada de século: Agentes, estratégias e escalas de ação política”**. In: Revista de Sociologia e Política. Nº 16: 31-49 Curitiba. Junho, 2001.

SÁNCHEZ, Fernanda. **“Cidade espetáculo: Política, planejamento e city marketing”**. Ed. Palavra, Curitiba, 1997.

SÁNCHEZ, Fernanda. **“Políticas urbanas em renovação: uma leitura dos modelos emergentes”**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Campinas, n.1, p.115-132, 1999a.

SOUZA, Marcelo Lopes. **“Cidades, globalização e determinismo econômico”**. In: CIDADES, v. 3, n. 5, 2006, p. 123-142.

STORANI, Paulo. **“A construção da identidade dos caveiras do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), da Polícia Militar do Rio de Janeiro / Brasil”**. Kula nº2. Abril/2010.

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho. **“A cidade espetáculo: Efeito da globalização”**. In: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 137-148.

TripAdvisor Url: <http://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g303506-d810114-Reviews-The_Maze_Inn-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html> Acesso em: 25/06/2015.

VAINER, Carlos B. **“Utopias Urbanas e o Desafio democrático”**. In: Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 105, p. 25-31, jul./dez. 2003.

VAINER, Carlos. **“Cidade de exceção: Reflexões a partir do Rio de Janeiro”**. Apresentação Mesa redonda “Política Urbana / Planejamento territorial”. Anais XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro. Maio, 2011.

VALLADARES, Licia do Prado. **“A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais”**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 15 N° 44.

VALLADARES, Licia do Prado. **“A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com”**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

WACQUANT, Loïc. **“Ressituando a getrificação: a classe popular, a ciência e o Estado na pesquisa urbana recente”**. Caderno CRH, Salvador, v.23, n58, p. 51-58, Janeiro/Abril. 2010.

WANIS, Amanda. **“Cidade criativa: Política Urbana e Cultural na reconstrução simbólica do Rio Olímpico”**. In: Lugar Comum, n 43. pp 117 a 128. 2012.